



SÉRIE:
VIDA DE ORAÇÃO

A ARMA DA ORAÇÃO

EDWARD M. BOUNDS





A ARMA DA ORAÇÃO

EDWARD M. BOUNDS



©2016, Edward M. Bounds

Originalmente publicado em inglês com o título *The Weapon of Prayer*.



Todos os direitos desta tradução em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

Editora Vida

Rua Conde de Sarzedas, 246 Liberdade
CEP 01512-070 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000

Fax: 0 xx 11 2618 7030

www.editoravida.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todos os direitos desta tradução em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Editor responsável: Marcelo Smargiasse Scripture quotations taken from Bíblia Sagrada, Nova

Editor-assistente: Gisele Romão da Cruz Santiago Versão Internacional, NVI ® Copyright © 1993, 2000

Tradução: Juliana Kummel de Oliveira by International Bible Society ®.

Revisão de tradução: Sônia Freire Lula Almeida Used by permission IBS-STL U.S.

Revisão de provas: Josemar de Souza Pinto All rights reserved worldwide.

Projeto gráfico e diagramação: Claudia Fatel Lino Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em

Capa: Arte Peniel contrário. Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

1. edição: ago. 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Bounds, Edward M., 1835-1913.

A arma da oração / Edward M. Bounds ; [tradução Juliana Kummel de Oliveira]. -- São Paulo : Editora Vida, 2016. -- (Série Vida de oração)

Título original: *The Weapon of Prayer*

ISBN 978-85-383-0335-0

1. Oração – Cristianismo 2. Vida cristã – I. Título. II. Série.

SUMÁRIO

1. Os princípios básicos da oração para Deus
2. Deus em ação
3. A necessidade de homens de oração
4. A necessidade de Deus de homens que oram
5. Cristãos que não oram
6. Os raros homens de oração
7. O ministro e a oração
8. A falta de oração no púlpito
9. O equipamento da oração para pregadores
10. O clamor do pregador — Orem por nós!
11. Exemplos modernos de oração
12. Exemplos modernos de oração (continuação)

1. OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ORAÇÃO PARA DEUS

Aí sim, você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou [...] “então você terá no Senhor a sua alegria, e eu farei com que você cavalgue nos altos da terra e se banqueteie com a herança de Jacó, seu pai.” É o Senhor quem fala.

ISAÍAS 58.9,14

NUNCA DEVEMOS ESQUECER QUE o Deus todo-poderoso governa este mundo. Ele não é um Deus ausente. Sua mão está sempre regulando os negócios humanos. Ele está sempre presente nos assuntos referentes ao tempo. “[...] Seus olhos observam; seus olhos examinam os filhos dos homens” (Salmos 11.4). Ele governa o mundo, assim como governa a Igreja pela oração. Essa lição precisa ser enfatizada, repetida nos ouvidos dos homens dos tempos modernos e aplicada com força cumulativa na consciência desta geração cujos olhos não enxergam as coisas espirituais, cujos ouvidos estão surdos para Deus.

Nada é mais importante para Deus do que a oração ao lidar com a humanidade. Mas orar também é muito importante para o homem. Fracasso na oração é fracasso em todos os aspectos da vida. É uma falha de dever, serviço e progresso espiritual. Deus deve ajudar o homem por meio da oração. Portanto, aquele que não ora priva-se do auxílio de Deus e coloca Deus em uma posição em que não pode ajudar o homem. Se há amor para com Deus, o homem deve orar a ele. Fé e esperança, paciência e todas as belas e poderosas forças vitais da piedade estão secas e mortas em uma vida sem oração. A vida individual do cristão, sua salvação pessoal e os benefícios cristãos pessoais têm sua existência, seu florescer e sua frutificação na oração.

Tudo isso e muito mais pode ser dito sobre a necessidade de oração para a existência e cultura da piedade no indivíduo. Mas a oração tem uma esfera mais ampla, um dever mais necessário, uma inspiração mais elevada. A oração interessa a Deus, cujos propósitos e planos são condicionados pela oração. Sua vontade e sua glória estão ligadas à oração. Os dias de esplendor e reconhecimento de Deus sempre foram os grandes dias de oração. Os grandes moveres de Deus neste mundo foram condicionados, continuados e moldados pela oração. Deus participava nesses grandes moveres à medida que os homens oravam. Oração presente, evidente, que controla e prevalece sempre trouxe a presença de Deus.

O teste real e evidente da ação genuína de Deus é a predominância do espírito de oração. As forças mais poderosas de Deus sobrecarregam e impregnam um movimento quando as forças mais poderosas da oração estão presentes.

A ação de Deus para libertar Israel do cativeiro egípcio teve sua origem na oração. Desde o início, Deus e a raça humana estabeleceram a oração como uma das forças sobre a qual deveriam se basear as ações de Deus no mundo.

O pedido de Ana por um filho deu início a um grande mover de oração a Deus em Israel. Mulheres de oração, cujas orações como as de Ana podem dar à causa de Deus homens como Samuel, fazem mais pela igreja e pelo mundo do que todos os políticos da terra. Homens que nasceram da oração são os salvadores do Estado; homens saturados de oração dão vida e ímpeto à Igreja. Estando sob o controle de Deus, são salvadores e ajudadores da Igreja e do Estado.

Devemos crer que o registro divino dos fatos sobre oração e sobre Deus nos é dado de forma que sejamos constantemente lembrados de Deus e revigorados pela fé de que Deus mantém sua Igreja no mundo inteiro e que o propósito dele se cumprirá. Seus planos em relação à Igreja serão realizados certa e inevitavelmente. Esse registro de Deus foi feito sem dúvida para que sejamos profundamente impressionados com o fato de que as orações dos santos de Deus são um grande fator, um fator supremo na realização da obra de Deus com desembaraço e no tempo certo. Quando a igreja está em oração, a causa de Deus sempre floresce e seu reino na terra sempre triunfa. Quando a igreja falha na oração, a causa de Deus retrocede e males de todos os tipos prevalecem. Em outras palavras, Deus age por meio das orações de seu povo e, quando o povo falha com Deus nesse aspecto, o resultado é declínio e morte. É de acordo com os planos divinos que a prosperidade espiritual vem por meio do canal da oração. Os santos de oração são os agentes de Deus para realizarem sua obra salvadora e providencial na terra. Se seus agentes falham, negligenciando a oração, então sua obra falha. Os agentes de oração do Altíssimo sempre são prenunciadores de prosperidade espiritual.

Os homens da Igreja de todos os tempos que presidiram a Igreja de Deus tiveram um ministério de oração rico e pleno. Os líderes eclesiásticos que as Escrituras revelam tiveram preeminência na oração. Eles podem ter sido notáveis na cultura, no intelecto e em todas as forças humanas ou naturais, ou podem ter sido modestos em talentos físicos e dons naturais, mas mesmo assim, em cada um dos casos, a oração era a força poderosa na liderança. E foi assim porque Deus estava com eles e no que eles fizeram, pois a oração sempre nos leva de volta para Deus. Ela reconhece Deus e traz Deus para o mundo a fim de agir, salvar e abençoar. Os agentes mais eficientes em propagar o conhecimento de Deus, em executar sua obra sobre a terra e em posicionar-se como quebra-mar contra as ondas do mal foram líderes de oração na Igreja. Deus depende deles, emprega-os em seu serviço e os abençoa.

A oração não pode ser retirada como se fosse uma força secundária neste mundo. Agir desse modo seria o mesmo que Deus deixar de se mover. É tornar Deus secundário. O ministério da oração é uma força envolvente. Ela deve ser assim para ser de fato uma força. A oração é o reconhecimento da necessidade de Deus e o chamado por seu auxílio para suprir essa necessidade. O lugar e o valor da oração são o lugar e o valor de Deus. Dar o segundo lugar à oração é tornar Deus secundário nas questões da vida. Substituir a oração por outras forças é afastar Deus e materializar todo o processo.

A oração é uma necessidade absoluta para dar continuidade à obra de Deus. Deus fez que fosse assim. Esse deve ter sido o motivo principal por que na igreja primitiva, quando houve a reclamação de que as viúvas de certos cristãos haviam sido negligenciadas na administração diária dos benefícios da igreja, os Doze reuniram todos os discípulos e lhes disseram para procurar sete homens “cheios do Espírito e de sabedoria” (Atos 6.3) que seriam apontados para aquele serviço de natureza social, acrescentando esta importante declaração: “e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra” (v. 4). Eles com certeza perceberam que o sucesso da Palavra e o progresso da igreja primitiva

dependiam preeminentemente de se dedicarem à oração. Deus podia agir eficazmente por meio deles à medida que eles se dedicavam plenamente à oração.

Os apóstolos eram tão dependentes da oração quanto as outras pessoas. O serviço sagrado — as atividades da igreja — pode nos envolver e absorver a tal ponto que nos impeçam de orar e, quando esse é o caso, sempre se seguem resultados danosos. É melhor fazer o trabalho padrão do que permitir que a oração seja negligenciada. Seja lá o que afete a intensidade da nossa oração, afeta também o valor do serviço que prestamos. “Ocupado demais para orar” não é apenas o princípio do retrocesso, mas arruína até o serviço que já foi feito. Nada é bem-feito sem oração pelo simples motivo de que deixa Deus de fora do assunto. É fácil ser seduzido pelo bom às custas de negligenciar o melhor, até que tanto o bom como o melhor perecem. Com que facilidade muitos homens, líderes em Sião, são conduzidos pelos traiçoeiros enganos de Satanás para interromper a oração tendo em vista os interesses das tarefas! Como é fácil negligenciar a oração ou abreviá-la simplesmente pelo argumento de que temos serviço da igreja para realizar. Satanás já nos desarmou com eficácia quando consegue nos manter ocupados demais fazendo as coisas para parar e orar.

" [E] nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra” (Atos 6.4). A versão Revista e Atualizada diz “nos consagraremos à oração”. A implicação da palavra empregada aqui significa ser forte, fiel, dedicado, mantê-la com cuidado constante, fazer dela uma ocupação. Encontramos a mesma palavra em Romanos 12.12 e Colossenses 4.12, em cujos textos é traduzida por “perseverem na oração” e “batalhando [...] em oração”.

Os apóstolos estavam sob a lei da oração, lei que reconhece Deus como Deus e depende dele para fazer por eles o que Deus não faria sem oração. Os apóstolos necessitavam orar, assim como todos os cristãos em todas as eras, em todas as regiões. Eles tinham que ser dedicados à oração a fim de tornar eficiente o ministério da Palavra. A tarefa da pregação tem muito pouco valor se não estiver em parceria direta com a tarefa da oração. A pregação apostólica não pode ser levada adiante se não houver oração apostólica. Infelizmente essa verdade simples tem sido esquecida com tanta facilidade por aqueles que ministram coisas sagradas! Sem querer de forma alguma criticar o ministério, sentimos que já é hora de que se declare a seus membros que a pregação eficaz está condicionada à oração eficaz. A pregação mais bem-sucedida é aquele ministério que tem muito de oração. Talvez alguém possa ir até o ponto de dizer que somente esse tipo de ministério é bem-sucedido. Deus pode usar poderosamente o pregador que ora. Ele é o mensageiro escolhido de Deus para o bem, a quem o Espírito Santo se agrada em honrar, um agente eficaz de Deus para salvação dos homens e edificação dos santos.

Em Atos 6.1-8, temos o registro de como, há muito tempo, os apóstolos sentiram que estavam perdendo — haviam perdido — o poder apostólico porque não tinham alívio de certos deveres a fim de que pudessem se dedicar mais à oração. Então, pararam porque descobriram, para seu pesar, que estavam deficientes na oração. Sem dúvida, eles haviam mantido a aparência da oração, mas ela estava seriamente deficiente em intensidade e na quantidade de tempo dispensada a ela. A mente deles estava preocupada demais com as finanças da igreja. Assim como nestes dias encontramos em muitos lugares leigos e ministros tão ocupados em “servir as mesas” que estão evidentemente deficientes na oração. Na verdade, na igreja dos dias de hoje, os homens de negócios são tidos como religiosos porque doam grandes somas de dinheiro para a igreja, e muitos deles são escolhidos para posições oficiais não porque sejam homens de oração, mas porque têm habilidade financeira para gerir as finanças da igreja e conseguir dinheiro para a igreja.

Entretanto, os apóstolos, ao olharem para a questão, decidiram deixar de lado os empecilhos surgidos com as finanças da igreja e resolveram “dedicar-se à oração”. Não que as finanças deveriam ser ignoradas ou deixadas de lado, mas homens leigos “cheios do Espírito e de sabedoria” (Atos 6.3) deveriam ser encontrados, homens realmente religiosos, que facilmente poderiam cuidar desse assunto sem afetar de forma alguma sua piedade ou suas orações, dando-lhes alguma coisa para fazer na igreja e, ao mesmo tempo, tirando o peso dos apóstolos, que então poderiam orar mais e, orando mais, ser abençoados na alma, além de poder realizar mais eficazmente a tarefa que haviam sido chamados a realizar.

Eles perceberam também, como não haviam percebido antes, que estavam sendo tão pressionados a dar atenção a coisas materiais, coisas necessárias em si mesmas, que não podiam dedicar à oração a força, o ardor e o tempo que sua natureza e importância exigem. E, assim, descobrimos, ao nos avaliarmos com atenção, que coisas legítimas, coisas importantes em si mesmas, coisas recomendáveis, podem de tal forma absorver nossa atenção, preocupar a mente e apegar-se aos sentimentos que a oração pode ser omitida ou, no mínimo, ser feita em um menor tempo possível. Como é fácil escapar do quarto de oração! Até mesmo os apóstolos tinham que vigiar quanto a essa questão. Quanto mais devemos vigiar a nós mesmos a esse respeito!

Coisas legítimas e certas podem se tornar erradas quando ocupam o lugar da oração. Coisas certas em si mesmas podem se tornar erradas quando têm permissão de fixar-se sem moderação no nosso coração. Não se trata apenas de coisas pecaminosas que prejudicam a oração. Não se trata apenas de coisas questionáveis contra às quais devemos nos guardar. Mas, sim, de coisas que são certas em seu devido momento, mas que recebem permissão de desviar a oração e fechar a porta do quarto de oração, geralmente com o argumento confortante de que “estamos ocupados demais para orar”.

Possivelmente essa causa está muito mais relacionada com o fim da oração familiar nestes dias do que qualquer outra causa. É nesse ponto que a religião familiar tem decaído e aqui está uma das causas do declínio da reunião de oração. Homens e mulheres estão ocupados demais com coisas legítimas para “se entregarem à oração”. Outras coisas receberam prioridade. A oração foi deixada de lado ou se tornou secundária. Os negócios vêm em primeiro lugar. E isso não quer sempre dizer que a oração está em segundo lugar, mas que a oração é completamente abandonada. Os apóstolos dirigiram-se diretamente a esse ponto e determinaram que nem mesmo os negócios da igreja deveriam afetar seus hábitos de oração. A oração deveria vir em primeiro lugar. Portanto, eles seriam verdadeiramente agentes reais de Deus neste mundo, por meio dos quais Deus poderia agir efetivamente porque eram homens de oração e, assim, alinhavam-se diretamente com os planos e propósitos de Deus, que trabalha por meio de homens de oração.

Quando chegou aos ouvidos a reclamação, os apóstolos descobriram que aquilo que estavam fazendo não servia plenamente aos propósitos divinos de paz, gratidão e unidade, mas que descontentamento, reclamações e divisão eram os resultados do trabalho deles, que dependia de muito pouca oração. E, assim, a oração foi colocada em posição de destaque.

Homens de oração são uma necessidade para levar o plano divino de salvação aos homens. Deus fez que fosse assim. Foi ele que estabeleceu a oração como ordenança divina, e isso implica que os homens devem orar. Portanto, homens de oração são uma necessidade no mundo. O fato de que com tanta frequência Deus usou homens de oração que pudessem realizar seus objetivos prova claramente essa proposição. É desnecessário nomear todas as ocasiões em que Deus usou as orações de homens justos para executar seus desígnios de redenção. Faltariam tempo e espaço para essa lista.

Todavia um ou dois casos podem ser mencionados.

No caso do bezerro de ouro, quando Deus propôs destruir os israelitas por causa do grande pecado de idolatria, quando Moisés estava recebendo a Lei das mãos de Deus, a própria existência de Israel estava em perigo, pois Arão fora influenciado por uma forte e popular onda de incredulidade e pecado. Tudo parecia perdido, exceto para Moisés e a oração, e a oração se tornou mais eficiente e atuante de maravilhas em favor de Israel do que a vara de Arão. Deus estava determinado a destruir Israel e Arão. Sua ira era grande. Foi um momento temeroso e crítico. Mas a oração foi o dique que barrou a fúria desoladora do céu. A mão de Deus foi suspensa pela intercessão de Moisés, o poderoso intercessor.

Moisés estava decidido a resgatar Israel. Foi uma longa e exaustiva batalha de oração que durou quarenta dias e quarenta noites. Nem por um momento ele deixou de agarrar-se a Deus. Nem por um momento abandonou seu lugar aos pés de Deus, nem mesmo para comer. Nem por um momento moderou seu pedido ou suavizou seu clamor. A existência de Israel estava na balança. A ira do Deus todo-poderoso precisava ser aplacada. Israel precisava ser salvo a qualquer custo. E Israel foi salvo. Moisés não ia deixar Deus em paz. E assim, hoje, podemos olhar para trás e dar o crédito dos judeus de hoje à oração de Moisés centenas de anos atrás.

A oração perseverante sempre vence; Deus se rende diante da importunação e da fidelidade. Ele não tem coração para dizer não a tais orações como a de Moisés. Na verdade, o propósito de Deus em destruir Israel foi mudado pela oração desse homem de Deus. É apenas uma ilustração de quanto vale apenas uma oração neste mundo e quanto dependia dele.

Quando Daniel estava na Babilônia, recusou-se a obedecer ao decreto do rei de que não poderia ser feita nenhuma petição a qualquer deus ou homem por trinta dias; ele fechou os olhos para o decreto que o retiraria de seu quarto de oração e recusou-se a ser impedido de clamar a Deus por medo das consequências. Então, “três vezes por dia ele se ajoelhava e orava” (Daniel 6.10) como costumava fazer, entregando a Deus as consequências de desobedecer ao rei.

Não havia nada de impessoal na oração de Daniel. Ela sempre tinha um objetivo, e era apelar a um grande Deus que podia fazer todas as coisas. Nunca afagou o próprio ego, nem procurou influências subjetivas e reflexivas. Diante do terrível decreto que procurava tirá-lo da posição que ocupava e do poder de lançá-lo na cova dos leões, “três vezes por dia ele se ajoelhava e orava, agradecendo ao seu Deus” (Daniel 6.10). O resultado da graça foi que a oração colocou as mãos nos braços do Todo-poderoso, que interferiu naquela cova de leões cruéis, fechando a boca destes e preservando o servo Daniel, que havia sido verdadeiro para com Deus e que clamara a ele por proteção. A oração de Daniel foi um fator essencial na derrota do decreto do rei e em embarçar os governantes perversos e invejosos que haviam feito a armadilha para ele, a fim de destruí-lo e removê-lo da posição e do poder que ocupava no reino.

2. DEUS EM AÇÃO

Desde os tempos antigos ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, e olho nenhum viu outro Deus, além de ti, que trabalha para aqueles que nele esperam.

ISAÍAS 64.4

A DECLARAÇÃO DO TÍTULO deste capítulo é apenas outra forma de dizer que Deus por seu próprio impulso submeteu-se à lei da oração e obrigou-se a responder às orações dos homens. Ele estabeleceu que a oração será o meio pelo qual agirá por intermédio dos homens à medida que estes orem, o que ele não fará de outra forma. A oração é um compromisso divino específico, uma ordenança do céu pela qual Deus propôs realizar seus desígnios na terra, executar e tornar eficiente o plano da salvação.

Quando dizemos que a oração põe Deus em ação, queremos dizer simplesmente que o homem tem em seu poder, pela oração, a possibilidade de levar Deus a realizar sua própria vontade entre os homens de uma forma que não agiria se não se fizessem orações. Assim, enquanto a oração põe Deus em ação, ao mesmo tempo Deus põe a oração em funcionamento. Uma vez que Deus ordenou a oração e como a oração não tem existência separada do homem, mas envolve o homem, então, logicamente, a oração é a força que leva Deus a agir nos assuntos da terra por meio dos homens e de suas orações.

Que essas verdades fundamentais em relação a Deus e à oração sejam guardadas na mente em todas as alusões à oração e em todas as leituras sobre oração nas Escrituras.

Se a oração põe Deus para trabalhar na terra, então, pelo mesmo princípio, a falta de oração afasta Deus dos assuntos do mundo e o impede de trabalhar. E, se a oração move Deus para agir nos assuntos deste mundo, então a falta de oração exclui Deus de tudo relacionado aos homens e deixa os homens terrenos como meras criaturas vítimas das circunstâncias, à mercê do destino cego e sem nenhum tipo de auxílio de Deus. A falta de oração deixa o homem neste mundo com suas tremendas responsabilidades e seus difíceis problemas e com todos os seus pesares, fardos e aflições, sem nenhum Deus. Na realidade, negar a oração é negar o próprio Deus, pois Deus e a oração são tão inseparáveis que nunca podem ser afastados.

A oração afeta três esferas diferentes da existência — a divina, a angelical e a humana. Ela põe Deus em ação, os anjos em ação e os homens em ação. Ela toca em Deus, nos anjos e nos homens. Que alcance tremendo tem a oração! Ela põe em jogo as forças do céu e da terra. Deus, anjos e homens estão sujeitos à maravilhosa lei da oração, e tudo isso está relacionado com as possibilidades e os resultados da oração. Até este momento, Deus tem ocupado o papel de receptor da oração para que, por causa de sua própria determinação, ele somente trabalhe entre os homens se houver oração. A oração agarra-se a Deus e o influencia a agir. Esse é o significado da oração no que diz respeito a Deus. Essa é a doutrina da oração, ou então não há nada mais na oração.

A oração faz Deus trabalhar com relação a todas as coisas pelas quais oramos. Enquanto o

homem em sua fraqueza e pobreza espera, confia e ora, Deus se encarrega do trabalho. “Desde os tempos antigos ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, e olho nenhum viu outro Deus, além de ti, que trabalha para aqueles que nele esperam” (Isaías 64.4).

Jesus Cristo entrega-se à força da oração. “E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em meu nome, eu farei” (João 14.13,14). E mais uma vez: “Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e será concedido” (João 15.7).

A promessa de Deus não se compromete com nenhuma outra energia que não a oração. Os propósitos de Deus não dependem assim de nenhuma outra força como da força da oração. A Palavra de Deus estende-se quanto aos resultados e à necessidade da oração. A ação de Deus permanece e avança na medida em que a oração emprega sua força. Os profetas e os apóstolos insistiram na utilidade, força e necessidade da oração:

Coloquei sentinelas em seus muros, ó Jerusalém; jamais descansarão dia e noite. Vocês que clamam pelo Senhor não se entreguem ao repouso e não lhe concedam descanso até que ele estabeleça Jerusalém e faça dela o louvor da terra (Isaías 62.6,7).

A oração, com seus antecedentes e servos, é a única condição do triunfo final do evangelho. É a única condição que honra o Pai e glorifica o Filho. Orações débeis e inconstantes têm enfraquecido o poder de Cristo na terra, têm postergado os resultados gloriosos de seu Reino e negado sua soberania.

A oração põe a obra de Deus nas mãos dele e a mantém lá. Ela olha constantemente para ele e depende dele implicitamente para promover a causa que é dele. Oração nada mais é do que fé em descanso, em ação, em dependência e obediência a Deus. É por isso que Deus tanto a ama, porque deposita todo o poder em suas mãos e porque tem tanta estima pelos homens de oração.

Cada movimento para o avanço do evangelho deve ser gerado e inspirado pela oração. Em todos esses movimentos de Deus, a oração antecede e está presente como condição invariável e necessária.

Nessa relação, Deus faz a oração idêntica em força e poder com ele mesmo e diz aos que oram: “Você está na terra para levar adiante a minha causa. Eu estou no céu, o Senhor de todas as coisas, o Criador de todas as coisas, o Santo de todos. Agora, tudo o que necessite para a minha causa, peça a mim, e eu farei. Moldem o futuro com suas orações e peçam em oração tudo o que precisem para o suprimento presente; ordenem-me. Eu fiz o céu e a terra e todas as coisas que há neles. Peçam abundantemente. Abram bem a boca, e eu a encheri. É a minha obra que estão fazendo. Diz respeito à minha causa. Estejam prontos e sejam abundantes na oração. Não diminuam seus pedidos, e eu não recuarei nem diminuirei em bondade”.

Em toda a sua Palavra, Deus condiciona suas ações à oração. Em toda a sua Palavra, suas ações e atitudes são moldadas pela oração. Citar todas as passagens das Escrituras que provam a relação imediata, direta e pessoal da oração com Deus significaria copiar páginas e páginas das Escrituras para este estudo. O homem tem relações pessoais com Deus. A oração é o meio divinamente ordenado pelo qual o homem entra em contato direto com Deus. Por sua própria ordenança, Deus compromete-se a ouvir a oração. Deus confere um grande bem a seus filhos quando estes o buscam ao longo do caminho da oração.

Quando Salomão terminou a grande oração que fez na dedicação do templo, Deus apareceu a ele, aprovou-o e apresentou os princípios universais de suas ações. Em 2Crônicas 7.12-15, lemos o seguinte:

O Senhor lhe apareceu de noite e disse:

“Ouvi sua oração e escolhi este lugar para mim, como um templo para sacrifícios. Se eu fechar o céu para que não chova ou mandar que os gafanhotos devorem o país ou sobre o meu povo enviar uma praga, se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra. De hoje em diante os meus olhos estarão abertos e os meus ouvidos atentos às orações feitas neste lugar”.

Em seus propósitos em relação aos judeus no cativeiro da Babilônia (Jeremias 29.10-13), Deus reafirma seus princípios:

“Assim diz o Senhor: ‘Quando se completarem os setenta anos da Babilônia, eu cumprirei a minha promessa em favor de vocês, de trazê-los de volta para este lugar. Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês’, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro. Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei. Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração.’”

Na terminologia da Bíblia, oração significa clamar a Deus pelas coisas que desejamos, pedindo coisas a Deus. Por isso lemos: “Clame a mim e eu responderei e direi a você coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece” (Jeremias 33.3). “[...] clame a mim no dia da angústia; eu o livrarei [...]” (Salmos 50.15). “Aí sim, você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou [...]” (Isaías 58.9).

A oração é revelada como uma solicitação direta a Deus por algum bem temporal ou espiritual. É um apelo a Deus para intervir nos assuntos da vida pelo bem daqueles por quem oramos. Deus é reconhecido como a fonte de todo o bem, e a oração implica que todo o bem está nas mãos dele para aqueles que clamam a ele em verdade.

Vemos com força e simplicidade nas orações dos santos do Antigo Testamento que a oração é uma solicitação a Deus, comunicação e comunhão com ele. A intercessão de Abraão por Sodoma é um exemplo marcante da natureza da oração, da comunicação com Deus, bem como do aspecto da oração intercessora. O propósito declarado por Deus de destruir Sodoma confrontou Abraão, e sua alma foi muito tocada por causa do grande interesse que este tinha naquela cidade condenada. Seu sobrinho e a família dele moravam lá. O propósito de Deus precisava ser mudado. O decreto de Deus para a destruição dos maldosos habitantes da cidade devia ser revogado.

Não era uma tarefa pequena que aguardava Abraão quando ele concebeu a ideia de suplicar a Deus para poupar Sodoma. Abraão decide mudar o propósito de Deus e salvar Sodoma com as outras cidades da planície. Era com certeza um trabalho difícil e delicado de que se incumbir, o de tentar influenciar Deus em favor daquelas cidades condenadas e salvá-las.

Ele fundamenta seu pedido simplesmente no número de homens justos que poderiam ser encontrados em Sodoma e apela à infinita retidão de Deus para que não destrua o justo com o perverso: “Longe de ti fazer tal coisa: matar o justo com o ímpio, tratando o justo e o ímpio da

mesma maneira. Longe de ti! Não agirá com justiça o Juiz de toda a terra?” (Gênesis 18.25). Com que humildade e reverência Abraão dá início a sua elevada e divina tarefa!

Ele se apresentou diante de Deus em reverência solene, meditação e, então, aproximou-se de Deus e falou. Ele avançou passo a passo em fé, com insistência e urgência, e Deus concedeu cada pedido que fez. Tem-se dito que “Abraão deixou de pedir antes de Deus ter deixado de conceder”. Parece que Abraão tinha uma espécie de visão otimista da piedade de Sodoma. Quando assumiu essa questão, dificilmente esperava que ela terminasse em fracasso. Ele estava muito determinado e recebera todo encorajamento para insistir no caso. Em seu pedido final, ele certamente pensou que com Ló, a mulher dele, suas filhas, seus filhos e genros teria as dez pessoas justas pelas quais Deus pouparia a cidade. Mas que infortúnio! A contagem falhou no teste final. Não havia nem dez pessoas justas naquela grande população.

Mas isto era verdade: se ele não salvasse Sodoma com sua oração importuna, os propósitos de Deus seriam interrompidos por um período e possivelmente, se a bondade de coração de Abraão não tivesse exagerado no número de pessoas piedosas naquela cidade consagrada, Deus poderia tê-la salvado se ele tivesse reduzido o número um pouco mais.

Esse é um caso representativo que ilustra a oração do Antigo Testamento e que revela o modo de Deus agir por meio da oração. Ele mostra ainda como Deus é movido a agir em resposta à oração neste mundo mesmo quando chega ao ponto de mudar seus propósitos em relação a uma comunidade pecadora. A oração de Abraão não era uma mera representação, não era uma cerimônia sem vida e tediosa, mas um apelo ansioso, uma forte defesa para assegurar um fim desejado, para ter uma influência, uma pessoa com outra pessoa.

Quão cheio de significado é a série de intercessões memoráveis feitas por Abraão! Aqui temos argumentos destinados a convencer Deus e apelos para persuadi-lo a mudar seus propósitos. Vemos profunda humildade, mas também santa ousadia, e avanços baseados em vitória a cada petição. Aqui vemos pedidos alargados encorajados por respostas alargadas. Deus permanece e responde enquanto Abraão permanece e pede. Para Abraão, Deus é presente, acessível e todo-poderoso, mas ao mesmo tempo ele se submete ao homem, age favoravelmente a seus desejos e lhe concede os favores que foram pedidos. Não orar é uma negação de Deus, uma negação de sua existência, uma negação de sua natureza e uma negação de seus propósitos para a humanidade.

Deus está especificamente relacionado com as promessas de oração em toda a sua extensão, certeza e limitações. Jesus Cristo nos pressiona à presença de Deus com essas promessas, não apenas pela certeza de que Deus responderá, mas que nenhum outro, a não ser Deus, pode responder. Ele nos pressiona a Deus porque somente dessa forma podemos mover Deus para pôr as mãos nos assuntos terrenos e induzi-lo a interferir em nosso favor.

“E tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão” (Mateus 21.22), disse Jesus, e essa condição inclusiva não apenas nos leva a orar por todas as coisas, grandes e pequenas, mas nos direciona e nos prende a Deus, pois quem, a não ser Deus, pode cobrir o ilimitado número de coisas no Universo e nos assegurar de receber exatamente aquilo que podemos pedir com relação a todos os tesouros de bênçãos terrenas e celestiais?

É Jesus Cristo, o Filho de Deus, que exige que oremos, e é ele que se insere a si mesmo e tudo o que possui tão plenamente na resposta. É ele que se apresenta a nosso serviço e responde a nossas causas quando oramos.

Assim como ele se coloca e ao Pai à nossa disposição na oração, para vir diretamente na nossa vida e agir para o nosso bem, assim também ele se compromete a responder aos pedidos de dois ou mais cristãos que estão em concordância sobre alguma coisa: “Também digo que, se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso será feito a vocês por meu Pai que está nos céus” (Mateus 18.19). Ninguém, exceto Deus, poderia se dispor a uma aliança tão comprometedora como essa, pois somente Deus poderia cumprir tal promessa e alcançar sua exatidão, bem como controlar todas as exigências. Somente Deus pode responder pelas promessas.

Deus precisa de oração, e o homem também precisa de oração. Ela é indispensável para a ação de Deus neste mundo e essencial para fazer Deus agir nos assuntos da terra. Então, Deus leva o homem a comprometer-se com a oração como a mais solene das obrigações. Deus ordena que os homens orem; portanto, não orar é pura desobediência a uma ordem imperativa do Deus todo-poderoso. A oração é uma condição sem a qual a graça, a salvação e o bem de Deus não são concedidos ao homem. A oração é um grande privilégio, uma prerrogativa real, e muitas e eternas são as perdas pelo fracasso em exercê-la. A oração é a grande força universal para fazer avançar a causa de Deus, a reverência que santifica o nome de Deus, a capacidade de fazer a vontade de Deus e o estabelecimento de seu Reino no coração dos filhos dos homens. Tudo isso, e suas coincidências e ações, é criado e afetado pela oração.

Um dos reforços essenciais do evangelho é a oração. Sem oração, o evangelho não pode ser pregado com eficácia, promulgado fielmente, experimentado no coração nem praticado na vida. E pela simples razão de que, deixando a oração fora da lista dos deveres religiosos, nós deixamos Deus de lado, e sua obra não pode progredir sem ele.

As ações que Deus propôs por meio de Ciro, rei da Pérsia, profetizadas por Isaías muitos anos antes de Ciro nascer, estavam condicionadas pela oração. Deus declara seu propósito, poder, independência e desafio aos obstáculos do caminho para que aqueles sejam realizados. Seu poder infinito, onipotente e absoluto serve para encorajar a oração. Ele tem ordenado todos os acontecimentos, dirigido todas as condições e criado todas as coisas para que pudesse responder à oração e então se volta para aqueles que oram para que deem as ordens. E, assim, todos os resultados e o poder que tem em suas mãos serão concedidos abundantemente e sem medida para cumprir as orações feitas e tornar a oração a energia mais poderosa do mundo.

O texto de Isaías 45 é longo demais para ser citado inteiro, mas vale a pena lê-lo. Ele encerra com palavras fortes como estas, palavras sobre oração, que são o clímax de tudo o que Deus disse em relação a seus propósitos com respeito a Ciro:

“Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, o seu Criador: A respeito de coisas vindouras, você me pergunta sobre meus filhos, ou me dá ordens sobre o trabalho de minhas mãos? Fui eu que fiz a terra e nela criei a humanidade. Minhas próprias mãos estenderam os céus; eu dispus o seu exército de estrelas” (Isaías 45.11,12).

Na conclusão da história de Jó, vemos como Deus interveio em favor de Jó e chamou seus amigos para se apresentarem diante de Jó a fim de que este orasse por eles: “Estou indignado com você e com os seus dois amigos” (Jó 42.7), é a declaração de Deus, que acrescenta estas palavras: “Meu servo Jó orará por vocês; eu aceitarei a oração dele” (v. 8), um exemplo marcante de Deus que intervém para livrar os amigos de Jó em resposta à oração dele.

Até aqui falamos de oração que afeta Deus, anjos e homens. Cristo não escreveu nada enquanto viveu. Memorandos, notas, sermões escritos, preparação de sermão, tudo isso era estranho para ele. Autobiografia não era seu forte. O Apocalipse de João foi sua última declaração. Nesse livro, temos retratada a grande importância, o valor inestimável e a elevada posição que a oração alcança nas ações, na História e no avanço e desdobramento da Igreja de Deus neste mundo. Temos a seguinte imagem em Apocalipse 8.3, revelando o interesse que os anjos no céu têm nas orações dos santos e em trazer as respostas a essas orações:

Outro anjo, que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e ficou em pé junto ao altar. A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto (Apocalipse 8.3-5).

Traduzido em linguagem financeira, essas palavras mostram como a reserva de capital pela qual o céu mantém o negócio da salvação em Cristo constitui-se das orações dos santos de Deus na terra e expõe como essas orações em poder flamejante retornam à terra e produzem moções, influências e revoluções de uma moeda forte.

Homens de oração são essenciais ao Deus todo-poderoso em todos os seus planos e propósitos. A causa, os conselhos e os segredos de Deus nunca foram entregues a homens que não oram. Negligenciar a oração sempre trouxe menos fé, menos amor e menos oração. O fracasso na oração tem sido a causa nociva e inevitável do retrocesso e do afastamento de Deus. Homens que não oram têm sido um empecilho no caminho do cumprimento da Palavra e da vontade de Deus neste mundo. Eles atam as mãos divinas e interferem nos desígnios de salvação de Deus. Assim como os homens de oração são auxílio para Deus, da mesma maneira os homens que não oram são um impedimento para sua ação.

Insistimos na visão da Escritura sobre a necessidade da oração, mesmo à custa da repetição. O assunto é importante demais para que a repetição o enfraqueça ou esgote e é a tal ponto vital que jamais seria trivial ou enfadonho. Deve ser sempre considerado por nós como algo novo. O fogo da oração já foi consumido. Cinzas, e não chamas, estão nos altares.

Não há insistência mais urgente nas Escrituras do que a da oração. Nenhuma exortação é repetida mais vezes, nenhuma é mais enérgica, nenhuma é mais solene e inspiradora do que a oração. Nenhum princípio é declarado com mais força e franqueza do que aquele que nos impulsiona à oração. Não há dever ao qual estejamos mais fortemente compelidos do que à obrigação de orar. Não há mandamento mais imperativo e insistente do que o da oração. Você está orando sobre tudo, sem cessar, no quarto de oração, escondido dos olhos dos homens, orando sempre e em todo lugar? Essa é a questão pessoal, pertinente e de suma importância para cada alma.

Há muitos exemplos na Palavra de Deus que mostram que Deus intervém neste mundo em resposta à oração. Nada é mais claro na Bíblia do que o fato de o Deus todo-poderoso interferir diretamente nas coisas deste mundo pelas orações de seu povo. Jonas foge do dever e pega um navio rumo a um porto distante. Mas Deus o segue e, por uma estranha providência, esse profeta desobediente é lançado fora da embarcação e o Deus que o enviara a Nínive prepara um peixe para engoli-lo. No ventre do peixe ele clama ao Deus contra o qual pecara, Deus intervém e faz o peixe vomitar Jonas em terra seca. Até mesmo os peixes das profundezas estão sujeitos à lei da

oração.

Da mesma forma, os pássaros do ar estão sujeitos a essa lei. Elias anunciara a Acabe a vinda de uma prolongada seca, por isso os alimentos e até mesmo a água se tornaram escassos. Deus o enviou ao riacho de Querite e lhe disse: “Você beberá do riacho, e dei ordens aos corvos para o alimentarem lá” (1Reis 17.4). “Os corvos lhe traziam pão e carne de manhã e de tarde [...]” (v. 6). Pode alguém duvidar de que esse homem de Deus, que mais tarde cerrou e abriu as nuvens de chuva pela oração, estava orando naquele momento, quando tantas coisas estavam em jogo? Deus, dessa vez, interpôs-se entre os pássaros do ar e surpreendentemente moveu-os para que cuidassem de seu servo de forma que não lhe faltasse nem água nem comida.

Davi, em um momento ruim, em vez de dar ouvidos ao conselho de Joabe, seu primeiro-ministro, rendeu-se à sugestão de Satanás e contou o povo, o que desagradou a Deus. Então, Deus lhe disse para escolher um entre três males como retribuição por sua tolice e pecado. Uma peste caiu sobre o povo com violência, e Davi voltou-se para a oração:

Davi disse a Deus: “Não fui eu que ordenei contar o povo? Fui eu que pequei e fiz o mal. Estes não passam de ovelhas. O que eles fizeram? Ó Senhor meu Deus, que o teu castigo caia sobre mim e sobre a minha família, mas não sobre o teu povo!” (1Crônicas 21.17).

Embora Deus tenha se entristecido muito por Davi ter contado Israel, mesmo assim ele não pôde resistir ao apelo de um espírito penitente e dedicado; movido pela oração, Deus põe a mão sobre a fonte da enfermidade e faz parar a terrível praga. Deus entrou em ação pela oração de Davi.

Inúmeros outros casos poderiam ser nomeados. Esses são suficientes. Deus parece ter feito um grande esforço em sua revelação divina aos homens para mostrar como ele interfere nos assuntos terrenos em resposta à oração de seus filhos.

Em algumas mentes muito críticas, naqueles que não creem muito na oração, pode surgir a questão das chamadas “leis da natureza”, como se houvesse um conflito entre o que eles chamam de “leis da natureza” e a lei da oração. Essas pessoas fazem da natureza um tipo de deus imaginário inteiramente separado do Deus todo-poderoso. O que é a natureza afinal? Nada mais é do que a criação de Deus, o Criador de todas as coisas. E o que são as “leis da natureza”, senão leis de Deus, por meio das quais ele governa o mundo material. Assim como a lei da oração é também a lei de Deus, não pode haver qualquer conflito entre os dois conjuntos de leis, mas todas devem trabalhar em perfeita harmonia. A oração não viola nenhuma lei natural. Deus pode invalidar uma lei em favor de outra lei mais elevada, e isso ele pode fazer quando responde a uma oração. Ou o Deus todo-poderoso pode responder a uma oração agindo por meio do curso da lei natural. Mas, entendamos ou não, Deus está acima de toda a natureza; ele pode responder e responderá à oração de maneira sábia, inteligente e justa, mesmo que o homem não compreenda. Então, em nenhum sentido há qualquer discordância ou conflito entre as diversas leis de Deus quando ele é induzido a interferir nos assuntos humanos em resposta à oração.

Em relação a esse assunto, mais algumas palavras podem ser ditas. Nós usamos a forma das palavras contra as quais não pode haver objeção, que a oração realiza certas coisas. Isso, porém, certamente não quer dizer que a oração como meio humano realize as coisas, mas que a oração somente realiza as coisas de forma instrumental. A oração é o instrumento, e Deus é o agente efetivo

e ativo. Dessa forma, a oração por si mesma não interfere nos assuntos da terra, mas a oração nas mãos dos homens move Deus a interferir e fazer as coisas que ele não faria se a oração não fosse usada como instrumento.

Quando dizemos “a tua fé te salvou”, isso simplesmente quer dizer que Deus salva o pecador por meio de sua fé, sendo a fé apenas o instrumento usado pelo pecador para trazer-lhe salvação.

3. A NECESSIDADE DE HOMENS DE ORAÇÃO

Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos.

EFÉSIOS 6.18

Ao mesmo tempo, orem também por nós, para que Deus abra uma porta para a nossa mensagem, a fim de que possamos proclamar o mistério de Cristo, pelo qual estou preso. Orem para que eu possa manifestá-los abertamente, como me cumpre fazê-lo.

COLOSSENSES 4.3,4

UM DOS CLAMORES DOS nossos dias é por homens cuja fé, orações e estudo da Palavra de Deus foram vitalizados, e uma transcrição dessa palavra está escrita no coração deles e se manifestará como semente incorruptível que vive e permanece para sempre. Nada mais é necessário para eliminar a neblina pela qual a incredulidade crítica eclipsou a Palavra de Deus do que a fidelidade do púlpito em sua inabalável lealdade à Bíblia e a destemida proclamação de sua verdade. Sem isso, o líder falha e há hesitação e confusão em todas as fileiras. O púlpito forja sua tarefa poderosa nos dias de sua inabalável lealdade à Palavra de Deus.

Junto com isso, precisamos de homens de oração, homens em posições elevadas e humildes que mantenham e pratiquem a oração segundo a Escritura. Enquanto o púlpito deve se apegar a uma firme lealdade à Palavra de Deus, deve, ao mesmo tempo, ser leal à doutrina da oração que essa mesma Palavra ilustra e enfatiza para a humanidade.

Escolas, faculdade e formação consideradas simplesmente como tais não podem ser consideradas líderes em levar adiante o trabalho do Reino de Deus no mundo. Elas não têm nem o direito, nem a vontade, nem o poder para fazerem essa tarefa. Isso deve ser realizado pela Palavra pregada, entregue no poder do Espírito Santo enviado do céu, semeada com mãos de oração e regadas com as lágrimas de corações de oração. Esta é a lei divina e, portanto, “nomeada por juramento”.¹ Estamos presos e selados a ela — nós seguiremos o Senhor.

São necessários homens para a grande obra de salvação das almas, e os homens devem ir. Não é de uma força angelical e impessoal que precisamos. Corações humanos batizados com o espírito de oração devem levar o fardo dessa mensagem, e línguas humanas em chamas como resultado de oração fervorosa e persistente devem declarar a Palavra de Deus a homens que estão morrendo.

A Igreja hoje precisa de homens de oração que executem sua responsabilidade solene e urgente de enfrentar a terrível crise que a confronta. O clamor dos tempos é por homens, em números elevados, homens tementes a Deus, homens de oração, homens com o Espírito Santo, homens que possam suportar provação, que não contarão sua vida preciosa para si mesmos, mas considerarão todas as coisas como refugio pela excelência do conhecimento de Jesus Cristo, o Salvador. Os homens que são tão necessários nesta era da Igreja são aqueles aprenderam a lição da oração, que a

aprenderam de joelhos, que a aprenderam na necessidade e agonia de seu próprio coração.

Homens de oração são a necessidade mais urgente destes dias, bem como de todos os outros dias, em que Deus se manifestará. Homens de oração são, na realidade, os únicos homens religiosos, e é preciso um homem de plena estatura para orar. Homens de oração são os únicos homens que podem representar Deus neste mundo. Nenhum homem frio, não religioso e que não ora pode reivindicar esse direito. Eles não representam bem Deus em toda a sua obra e em todos os seus planos. Os homens de oração são os únicos homens que influenciam Deus, o único tipo de homens com os quais Deus se compromete, bem como seu evangelho. Homens de oração são os únicos homens nos quais o Espírito Santo habita, pois o Espírito Santo e a oração andam de mãos dadas. O Espírito Santo nunca desce sobre homens que não oram. Ele nunca os enche, nunca os capacita. Não há nada em comum entre o Espírito de Deus e homens que não oram. O Espírito habita somente em uma atmosfera de oração.

Ao realizar a obra de Deus, não há substituto para a oração. Os homens de oração não podem ser substituídos com outros tipos de homens. Homens com habilidades financeiras, homens instruídos, homens de influência no mundo — nenhum deles pode ser colocado no lugar dos homens de oração. A vida, o vigor, a força motriz da obra de Deus é formada por homens de oração. Um coração com a vitalidade enferma é um sintoma tão temível da aproximação da morte quanto o de homens que não oram e que estão espiritualmente atrofiados.

Os homens que Jesus Cristo encarregou do sucesso e do destino de sua Igreja eram homens de oração. Deus não se comprometeu com nenhum outro tipo de homem neste mundo. Os apóstolos eram predominantemente homens de oração. Eles se entregaram à oração. E fizeram da oração sua principal atividade. Ela era a primeira em importância e em resultados. Deus nunca entregou nem entregará os interesses de peso de seu Reino a homens que não são homens de oração, que não fazem da oração um fator controlador e notável em sua vida. Homens que não oram nunca alcançam nenhuma distinção na piedade. Homens espirituais sempre são homens de oração. Caso não se distingam como homens de oração, os homens jamais serão notados pela simplicidade e força de sua fé. A piedade não floresce tão rápida e vigorosamente como no quarto de oração. O quarto de oração é o jardim da fé.

Os apóstolos não permitiam que nenhum dever, por mais sagrado que fosse, os envolvesse tanto a ponto de consumir o tempo e impedi-los de dar à oração o primeiro lugar. A Palavra de Deus era ministrada com zelo e fidelidade apostólica. Ela era anunciada por homens com comissão apostólica e cuja cabeça havia sido batizada pelas línguas flamejantes do Pentecoste. A Palavra não tinha objetivo e poder se eles não fossem constantemente investidos com poder por meio de oração contínua e poderosa. A semente da Palavra de Deus deve ser saturada de oração para que possa germinar. Ela cresce com rapidez e lança raízes profundas quando está encharcada de oração.

Os apóstolos eram eles mesmos homens de oração. Eram mestres da oração e treinavam seus discípulos na escola da oração. Eles estimulavam a oração em seus discípulos não apenas para que alcançassem a mais elevada distinção na fé, mas para que pudessem ser o mais poderoso fator no avanço do Reino de Deus. Jesus Cristo é o líder divinamente designado do povo de Deus, e nada prova sua notável adequação para esse serviço tão plenamente como seu hábito de oração. Nada é mais sugestivo desse pensamento do que as contínuas orações de Cristo, e nada é mais notável sobre ele do que a oração. Suas campanhas foram organizadas, e suas vitórias garantidas nas batalhas e na comunhão de suas noites inteiras de oração. A oração dele abria os céus. Moisés e Elias e a glória da

transfiguração esperavam por sua oração. Seus milagres e seu ensino recebiam poder da mesma fonte. A oração do Getsêmani tingiu de vermelho o Calvário com serenidade e glória. Sua oração faz a História e apressa o triunfo de sua Igreja. Que inspiração e modelo de oração é a vida de Cristo! De valor inestimável! Como nos sentimos envergonhados diante de sua vida de oração!

Como todos os seus seguidores que aproximaram Deus do mundo e elevaram o mundo para perto de Deus, Jesus era o homem de oração que Deus fez líder e comandante de seu povo. Sua liderança era uma liderança de oração. Ele era um grande líder porque era grande na oração. Todos os grandes líderes de Deus moldaram sua liderança nas batalhas do quarto de oração. Muitos grandes homens conduziram e moldaram a Igreja e não eram grandes na oração, mas eram grandes apenas em seus planos, grandes em suas opiniões, grandes por suas organizações, grandes por talentos naturais, por força de inteligência ou de caráter. Contudo, eles não eram grandes para Deus. Mas Jesus Cristo era um grande líder para Deus. Dele era a grande liderança da oração. Deus estava muito presente em sua liderança porque a oração estava muito presente. Podemos também expressar o desejo de sermos ensinados por ele a orar e orar mais e mais.

Nisso está o segredo dos homens de oração na história passada da Igreja. O coração deles buscava Deus, o desejo deles estava nele, suas orações eram dirigidas a ele. Eles tinham comunhão com ele, não buscavam nada do mundo, buscavam grandes coisas para Deus, lutavam com ele, conquistavam todas as forças oponentes e estavam abertos ao canal profundo e largo da fé entre eles e o céu. E tudo isso era feito pela oração. Meditações santas, desejos espirituais, esboços celestiais agitavam o intelecto, enriqueciam as emoções, enchiam e alargavam o coração. E tudo isso porque eram antes de tudo homens de oração.

Os homens que têm esse tipo de comunhão com Deus e que o buscam de todo o coração, sempre se elevam a uma consagrada distinção, e nenhum homem já se elevou a essa distinção sem que as chamas de desejo estivessem todas mortas para o mundo, mas ardendo por Deus e pelo céu. Nem se elevaram às alturas de experiências espirituais altaneiras a menos que a oração e o espírito de oração fossem fatores determinantes e notáveis em sua vida.

A plena consagração de muitos filhos de Deus destaca-se claramente como os picos elevados dos montes. Por quê? Como eles subiram a essas alturas? O que os levou para tão perto de Deus? O que os tornou tão parecidos com Cristo? A resposta é simples — oração. Eles oravam muito e por muito tempo. Eles pediam, buscavam e batiam, até que o céu lhes abrisse os mais ricos tesouros interiores de graça. A oração era a escada de Jacó pela qual eles subiram às santas e benditas alturas e o caminho pelo qual os anjos de Deus desceram e ministraram a eles.

Os homens de natureza e poder espiritual sempre valorizaram a oração. Eles gastavam tempo para estar a sós com Deus. A oração deles não era uma atividade apressada. Eles tinham muitos desejos sérios para ser aliviados e muitas súplicas pesadas a oferecer. Muitos suprimentos é o que precisavam assegurar. Eles tinham muita espera silenciosa diante de Deus e muitas repetições pacientes a proferir a ele. A oração era o único canal pelo qual vinha o suprimento e o único caminho para proferir súplicas. A única espera aceitável diante de Deus da qual sabiam algo era a oração. Eles valorizavam a oração. Ela era mais preciosa para eles do que joias, mais excelente do que qualquer bem e deveria ser mais valorizada do que a maior bondade da terra. Eles a estimavam, valorizavam, prezavam e executavam. Nela insistiam ao limite, testavam seus maiores resultados e asseguravam seu mais glorioso patrimônio. Para eles, a oração era o grande tesouro a ser apreciado e usado.

Antes de mais nada, os apóstolos eram homens de oração e deixaram a marca de seu exemplo de oração e ensino na Igreja terrena. Mas os apóstolos estão mortos, e os tempos e os homens mudaram. Eles não têm sucessores por imposição oficial ou herança. E os tempos não têm licença para fazer outros apóstolos. A oração é a ordem de transmissão da liderança apostólica e espiritual. Infelizmente os tempos não são tempos de oração. A causa de Deus agora mesmo precisa muito de líderes de oração. Outras coisas podem ser necessárias, mas acima de tudo esse é o clamor deste tempo e a primeira e urgente necessidade da igreja.

Estes são dias de grande riqueza na Igreja e de maravilhosos recursos materiais. Mas infelizmente a afluência de recursos materiais é um grande inimigo e um severo impedimento às forças espirituais. Trata-se de uma lei invariável que a presença de forças materiais atraentes e poderosas gera uma confiança nelas e por essa mesma lei inevitável gera desconfiança nas forças espirituais do evangelho. São dois mestres que não podem ser servidos ao mesmo tempo. Pois na proporção em que a mente está fixa em um, ela será afastada do outro. Os dias de grande prosperidade financeira na Igreja não foram os de grande prosperidade religiosa. Homens de dinheiro e homens de oração não são termos sinônimos.

Paulo em 1Timóteo 2 enfatiza a necessidade de homens de oração. Os líderes da Igreja em sua avaliação devem ser notáveis por suas orações. Por uma questão de necessidade, a oração deve moldar o caráter deles e ser uma das características que os distinguem. A oração deveria ser um de seus elementos mais poderosos, tanto que não pode ser escondida. A oração deveria fazer notáveis os líderes da Igreja. O caráter, o dever oficial, a reputação e a vida, todos deveriam ser moldados pela oração. As poderosas forças da oração repousam de forma marcante em seus líderes de oração. A permanente obrigação de orar repousa de forma especial sobre os líderes da Igreja. A Igreja será sábia ao descobrir tal verdade primordial e quando lhe der proeminência.

Pode ser estabelecido como axioma que Deus precisa, acima de tudo, de líderes na Igreja que sejam os primeiros na oração, homens para os quais a oração seja habitual e característica, homens que conhecem a primazia da oração. Mas, ainda mais do que um hábito de oração, e mais do que a oração ser uma característica deles, os líderes da Igreja devem estar impregnados de oração — homens cuja vida é constituída e moldada pela oração, cujo coração e vida são feitos de oração. Estes são os homens — os únicos homens — que Deus pode usar para fazer avançar seu Reino e para a implantação de sua mensagem no coração dos homens.

1 Citação de O mercador de Veneza, de William Shakespeare. [N. do E.]

4. A NECESSIDADE DE DEUS DE HOMENS QUE ORAM

Fazemos o que ele ordena. Vamos aonde ele quer. Falamos o que ele quer que falemos. A vontade dele é nossa lei. Seu prazer, nossa alegria. Hoje ele está buscando o perdido e quer que busquemos com ele. Ele está pastoreando as ovelhas e quer nossa cooperação. Ele está abrindo portas em terras pagãs e quer nosso dinheiro e nossas orações.

ANON

PROSSEGUIMOS AGORA A DECLARAR que se exigem líderes de oração para manter a Igreja conforme os objetivos de Deus e para adequá-la a fim de que possa ser usada por Deus. Assim como líderes de oração preservam a espiritualidade da Igreja, também líderes que não oram incentivam condições não espirituais. A Igreja não é espiritual pelo mero fato de sua existência, nem por sua vocação. Ela não está presa a uma sagrada vocação por descendência, nem por sucessão. Assim como acontece no novo nascimento: “[...] não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus” (João 1.13).

A Igreja não é espiritual simplesmente porque está relacionada a valores espirituais e trata destes. Ela pode agarrar-se a milhares de confirmações, multiplicar os batismos e administrar os sacramentos inúmeras vezes e mesmo assim estar tão distante de cumprir sua verdadeira missão quanto as condições podem cumpri-la.

A atitude geral deste mundo presente afasta a oração à insignificância e à obscuridade. Dessa forma, salvação e vida eterna são postas em segundo plano. Portanto, nunca é demais repetir que a principal necessidade da Igreja não são homens com dinheiro nem homens inteligentes, mas homens de oração. Líderes no setor da atividade religiosa devem ser julgados por seus hábitos de oração, não por seu dinheiro ou posição social. Aqueles que devem ocupar a dianteira dos assuntos da Igreja devem ser, antes de mais nada, homens que sabem orar.

Deus não conduz sua obra somente com homens instruídos, ricos ou com capacidade para os negócios. Tampouco pode prosseguir sua obra por meio de homens de grande intelecto ou de grande cultura, nem mesmo por meio de homens de grande destaque social e influência. Tudo isso pode ser útil desde que não seja considerado principal. Tais homens, pelo simples fato de suas qualidades e condições, não podem liderar a obra de Deus nem controlar sua causa. Homens de oração, antes de tudo, são indispensáveis para o avanço do Reino de Deus na terra. Nenhum outro tipo será adequado ao projeto ou fará a obra. Homens, grandes e influentes em outras coisas, mas pequenos na oração, não podem fazer a obra que o Deus todo-poderoso determinou que sua Igreja realize neste mundo.

Homens que representam Deus e que estão aqui em seu lugar, homens que devem edificar seu Reino neste mundo, devem ser, de forma evidente, homens de oração; não importa o que mais possuam, não importa o que lhes falta, eles devem ser homens de oração. Se tiverem tudo mais e

faltar oração, eles cairão. Se tiverem oração e faltar tudo mais, eles podem ser bem-sucedidos. A oração deve ser o fator mais notável e poderoso no caráter e na conduta dos homens que se incumbem da comissão divina. Os assuntos de Deus exigem homens que sejam versados nas questões da oração.

Precisamos ter em mente que a oração à qual os discípulos de Cristo são chamados pela autoridade e força da Escritura é um chamado valoroso para homens valorosos. Os homens que Deus deseja e dos quais depende devem trabalhar na oração assim como trabalham em seu chamado terreno. Eles devem prosseguir na oração da mesma forma que fazem com seus objetivos seculares. Diligência, perseverança, sinceridade e coragem devem estar presentes para que a oração seja bem-sucedida.

Tudo o que é assegurado pela promessa do evangelho, definido pela medida do evangelho e representado pelo tesouro do evangelho deve ser encontrado na oração. Qualquer altura é escalada por ela, qualquer porta a ela se abre, todas as vitórias são conquistadas por ela e toda a graça destila por meio dela. Os céus têm à disposição tudo o que é bom e necessário para os homens que oram.

Quão marcante e forte é a ordem de Cristo que envia homens da pompa da doação e da oração pública para a privacidade de seus quartos de oração, onde, a portas fechadas e em silêncio, estão a sós com Deus em oração!

Em todas as eras, aqueles que realizaram a vontade divina na terra foram homens de oração. Os dias de oração são dias de alturas com Deus. Seu coração, seu juramento, sua glória estão comprometidos com um decreto — que todo joelho se dobrará a ele. O dia do Senhor, em um sentido extremo, será um dia de oração universal.

A causa de Deus não sofre por falta de capacidade divina, mas por falta de homens que têm habilidade na oração. A ação de Deus está tão relacionada à oração hoje como estava quando ele disse a Abimeleque: “[...] Ele é profeta e orará em seu favor, para que você não morra [...]” (Gênesis 20.7). Assim também foi quando Deus disse aos amigos de Jó: “[...] Meu servo Jó orará por vocês; eu aceitarei a oração dele [...]” (Jó 42.8).

O grande plano de Deus para a redenção da humanidade está muito ligado à oração para sua prosperidade e êxito como quando o decreto criador do movimento foi editado pelo Pai, carregando em seu início a condição eterna, universal e imperativa: “Pede-me, e te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade” (Salmos 2.8).

Em muitos lugares, há um estado alarmante, em que muitos dos membros das nossas igrejas não são homens e mulheres de oração. Muitos dos que ocupam posições proeminentes na vida da igreja não são homens de oração. Temo que muito do serviço da igreja esteja em mãos de pessoas para as quais o quarto de oração é algo totalmente desconhecido. Não surpreende que a tarefa não tenha sucesso.

Embora possa ser verdade que muitos na igreja façam orações, é igualmente verdadeiro que suas orações são estereotipadas. Suas orações podem estar carregadas de sentimentos, mas são subjugadas, tímidas, sem fogo nem força. Mesmo esse tipo de oração é feito por uns poucos homens que encontramos nas reuniões de oração. Aqueles cujo nome se encontra em grande número nas grandes assembleias da igreja não são homens notáveis por seus hábitos de oração. Entretanto, em si mesmo o trabalho em que estão envolvidos deve depender necessariamente da suficiência da oração. Esse fato é semelhante à crise que seria criada se um país tivesse que admitir diante de um invasor

inimigo que não pode lutar e que não tem conhecimento das armas com as quais se trava uma guerra.

Em todo o plano de Deus para a redenção humana, ele propõe que os homens orem. Os homens devem orar em todo lugar, na igreja, no quarto de oração, em casa, nos dias santos e nos dias seculares. Todas as coisas dependem da medida das orações dos homens.

A oração é a força e inspiração da vida. Oramos quando vivemos; vivemos quando oramos. Nunca seremos melhores do que a qualidade do quarto de oração. O mercúrio da vida subirá somente pelo calor do quarto de oração. Quem persiste em não orar, por fim, porá a própria vida abaixo de zero.

Medir e pesar as condições da oração é descobrir prontamente por que muitos homens não oram. As condições são tão perfeitas, tão abençoadas que só um caráter raro pode satisfazê-las. Um coração de amor, um coração que mantém até os inimigos em amorosa contemplação e oração preocupada, um coração do qual toda amargura, vingança e inveja foi purgada — uma raridade! Entretanto, essa é a única condição de mente e coração em que um homem pode esperar comandar a eficácia da oração.

Há certas condições impostas para a oração autêntica. Os homens devem orar “levantando mãos santas” (1Timóteo 2.8), mãos que aqui são o símbolo da vida. Mãos que não estão manchadas por ações perversas são o emblema de uma vida que não é manchada pelo pecado. Assim são os homens que vêm à presença de Deus, assim eles devem se aproximar do trono do Altíssimo, do qual receberemos misericórdia e encontraremos graça que nos ajude no momento da necessidade (cf. Hebreus 4.16). Eis então um dos motivos por que os homens não oram. Eles são muito mundanos no coração e muito seculares na vida para entrarem no quarto de oração; e, embora entrem, não podem oferecer a oração eficaz e poderosa de um justo que alcança muito (cf. Tiago 5.16).

Mais uma vez, “mãos” são o símbolo de súplica. Mãos estendidas representam um apelo por auxílio. Na atitude silenciosa, mas eloquente de uma alma desamparada diante de Deus, apelando por misericórdia e graça. “Mãos” também são símbolo de atividade, poder e conduta. Mãos estendidas a Deus em oração devem ser “mãos santas”, mãos limpas. A palavra “santo” aqui significa imaculado, sem mancha, puro e que observa religiosamente todas as obrigações. Quão distante está tudo isso do caráter dos homens amantes do pecado, cuja mente é secular, que seguem a disposição da carne, manchados por lascívia carnais, marcados por indulgências, impuros de coração e conduta! “Aquele que busca a equidade deve ser a equidade” é a máxima dos tribunais terrenos. Então aquele que busca bons dons deve praticar as boas dádivas de Deus. Essa é a máxima dos tribunais celestiais.

A oração é sensível e sempre afetada pelo caráter e conduta daquele que ora. A água não pode se elevar acima de seu próprio nível, assim como uma oração impecável não pode fluir de um coração maculado. A oração correta nunca nasce de uma conduta tortuosa. O que os homens são por trás de suas orações é o que dá caráter a suas súplicas. O coração covarde não pode fazer orações corajosas. Homens manchados não podem apresentar súplicas limpas e puras.

Não são nem as palavras, nem as ideias, nem os sentimentos que moldam a oração, mas o caráter e a conduta. Os homens devem andar honestamente para que possam orar bem. Um mau caráter e uma vida injusta destroem a oração. A oração segue o tom e o vigor da vida do homem ou mulher que a executa. Quando o caráter e a conduta estão em declínio, a oração mal consegue sobreviver,

que dirá florescer.

O homem de oração, quer seja leigo quer seja pregador, é o braço direito de Deus. Na questão dos assuntos espirituais, ele gera as condições, inicia os movimentos, faz as coisas acontecerem.

Pelo fato e condição de sua criação e redenção, todos os homens têm a obrigação de orar. Todos os homens podem orar e devem orar. Mas, quando se trata dos assuntos do Reino, que seja dito de uma vez por todas, um homem que não ora na Igreja de Deus é como um órgão paralisado do corpo físico. Ele está deslocado na comunhão dos santos, não está em harmonia com Deus e com seus propósitos para a humanidade. Um homem que não ora impõe obstáculo ao vigor e à vida de todo o sistema, assim como um soldado desmoralizado é uma ameaça no dia da batalha à força da qual faz parte. A ausência de oração diminui todas as forças da alma, enfraquece a fé, abandona o viver santo, deixa o céu de fora. A linha é bem definida, nas Escrituras Sagradas, entre os santos de oração e os homens que não oram. Escreveu-se a respeito de John William Fletcher, de Madeley, um dos santos de oração:

Ele era bem mais abundante em seus esforços públicos do que a maioria de seus companheiros no santo ministério. Entretanto, esse esforço não era proporcional aos exercícios internos de oração e súplica aos quais ele se entregava inteiramente em particular, que eram mantidos quase ininterruptamente por horas e horas. Ele vivia no espírito de oração, e qualquer que fosse a tarefa com que estivesse envolvido, esse espírito de oração se manifestava constantemente em todas elas.

Sem isso, ele não fazia plano algum nem iniciava qualquer dever. Sem isso, ele não lia nem conversava. Sem isso, ele não fazia visitas nem recebia visitantes. Houve períodos de súplicas em que ele parecia ir muito além dos limites comuns de devoção, quando, como seu Mestre no monte da transfiguração, enquanto prosseguia derramando sua poderosa oração, a aparência de seu rosto mudava, e sua face era como a face de um anjo.

Ó Deus, levanta mais homens que orem como John Fletcher! Como precisamos, nestes dias, de homens por intermédio dos quais Deus possa agir!

5. CRISTÃOS QUE NÃO ORAM

Se houve um período em que Pedro, Tiago e João precisavam ficar acordados, foi no Getsêmani. Se Tiago tivesse persistido em se manter acordado, poderia ter evitado sua decapitação poucos anos depois. Se Pedro tivesse se motivado para realmente interceder por si mesmo e pelos outros, não teria negado Cristo naquela noite na casa de Caifás.

H. W. HODGE

HÁ UMA GRANDE NECESSIDADE nestes dias de homens de negócios que sejam cristãos para conduzir seus assuntos seculares com o espírito de oração. Há um grande exército de comerciantes bem-sucedidos de quase todos os tipos que são membros da Igreja de Cristo, e já é hora de esses homens prestarem atenção a essa questão. Essa é apenas outra versão da frase “pôr Deus no negócio”, a compreensão e limitação de sua presença e de seu temor em todas as secularidades da vida. Precisamos que a atmosfera do quarto de oração permeie nossas salas públicas de leilão e escritórios comerciais. É preciso que a santidade da oração impregne os negócios. Precisamos que o espírito de domingo seja levado para a segunda-feira e permaneça até o sábado. Isso não pode ser feito por homens que não oram, mas por homens de oração. Precisamos de homens de negócios em suas atividades com a mesma reverência e responsabilidade com que entram no quarto de oração. Precisamos e muito de homens destituídos de ganância, mas que, de todo o coração, levem Deus com eles para os negócios da vida secular.

Os homens do mundo imaginam que a oração seja uma coisa impotente demais para rivalizar com métodos de negócios e práticas mundanas. Contra tal doutrina enganadora, Paulo estabelece todos os mandamentos de Deus, a lealdade de Jesus Cristo, as alegações de caráter piedoso e as exigências da salvação do mundo. Os homens devem orar e pôr força e coração em suas orações. Isso faz parte do principal negócio da vida, e para isso Deus chamou os homens antes de mais nada.

Homens de oração são os agentes de Deus na terra, a representação do governo do céu, destinados a uma tarefa específica na terra. Embora seja verdade que o Espírito Santo e os anjos de Deus sejam agentes de Deus em levar adiante a redenção da raça humana, mesmo assim entre eles deve haver homens de oração. Deus têm muitas coisas para esses homens fazerem. Ele pode fazer muito deles e, no passado, realizou coisas maravilhosas por meio deles. Esses são seus instrumentos para realizar os grandes propósitos de Deus na terra. Eles são mensageiros de Deus, seus vigias, pastores, trabalhadores que não precisam se envergonhar. Plenamente equipados para a grande obra para a qual são designados, eles honram Deus e abençoam o mundo.

Acima de todas as outras coisas, homens e mulheres cristãos devem primeiramente ser líderes na oração. Não importa quão destacados possam ser em outras atividades, falharão se não forem destacados na oração. Para isso, devem empenhar mente e coração na oração. Homens que moldam o programa da Igreja de Cristo, que mapeiam sua linha de atividade, deveriam, eles mesmos, ser moldados pela oração. Homens que controlam as finanças das igrejas, seu pensamento, sua ação, deveriam sempre ser homens de oração.

O progresso para a consumação da obra de Deus neste mundo tem dois princípios básicos: a habilidade de Deus de dar e a habilidade do homem de receber. A falha em qualquer um deles é fatal para o sucesso da obra de Deus na terra. A incapacidade de Deus de fazer ou de dar poria fim à redenção. O fracasso do homem em orar poria, certamente, um limite no plano. A habilidade de Deus de fazer e dar nunca falhou e não pode falhar, mas a habilidade do homem de pedir pode falhar e com frequência falha. Portanto, o lento progresso que é feito em direção a alcançar um mundo conquistado por Cristo depende inteiramente dos pedidos limitados do homem. Há necessidade de que toda a Igreja de Deus na terra dirija-se à oração. A igreja de joelhos traria o céu sobre a terra.

A maravilhosa habilidade de Deus agir por nós é expressa por Paulo em uma de suas declarações mais abrangentes: “E Deus é poderoso para fazer que toda a graça lhes seja acrescentada”, diz ele, “para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra” (2Coríntios 9.8).

Peço que estudem essa declaração notável: “Deus é poderoso para fazer que toda a graça lhes seja acrescentada”. Ou seja, ele é capaz de conceder tal suficiência que podemos abundar, transbordar, em toda boa obra. Por que não estamos mais conformes a essa ordem? A resposta é: falta de habilidade para orar. “[...] Não têm, porque não pedem” (Tiago 4.2). Somos débeis, fracos e empobrecidos porque falhamos em orar. Deus está restringido em sua atuação porque estamos restringidos por não orar. Toda falha em garantir o céu é determinada pela falta de oração ou pela petição mal direcionada.

A oração deve ser ampla em extensão — ela deve suplicar pelos outros. A intercessão pelos outros é a marca de toda oração verdadeira. Quando a oração está confinada ao eu e à esfera das necessidades pessoais, ela morre por causa de sua pequenez, estreiteza e egoísmo. A oração deve ser ampla e generosa ou, então, perecerá. A oração é a alma de um homem movida a suplicar a Deus pelos homens. Além de estar interessada nos interesses eternos da própria alma da pessoa, ela deve, em sua própria natureza, estar preocupada com o bem-estar eterno e espiritual dos outros. A capacidade de alguém de orar por si mesmo encontra o clímax na compaixão que sua preocupação expressa pelos outros.

Em 1Timóteo 2, o apóstolo Paulo insiste com ênfase específica e excepcional que aqueles que ocupam posições de influência e autoridade devem se entregar à oração. “Quero, pois, que os homens orem em todo lugar [...]” (v. 8). Esse é o supremo chamado dos homens da igreja, e nenhum chamado é tão envolvente, tão absorvente e tão valoroso que possamos aliviar os homens cristãos da vocação tão importante que é a oração secreta. Nada, não importa o que seja, pode ocupar o lugar da oração. Nada pode justificar a negligência na oração. Isso é o principal, primeiro em importância e primeiro em relação ao tempo. Nenhum homem é tão elevado em posição ou graça para ser isento da obrigação de orar. Nenhum homem é importante demais para orar, não importa quem seja ou o serviço que desempenhe. O rei em seu trono está tão obrigado a orar quanto o camponês em seu chalé. Ninguém está tão elevado e exaltado neste mundo ou tão baixo e obscuro para ser dispensado de orar. A ajuda de todos é necessária para dar prosseguimento à obra de Deus, e a oração de cada homem de oração ajuda a aumentar o volume. Os que ocupam posição como líderes, em dons e autoridade, devem ser líderes na oração.

Governadores civis e eclesiásticos moldam os negócios deste mundo. E assim governadores civis e da igreja, eles mesmos, precisam ser moldados pessoalmente em espírito, coração e conduta, em

verdade e justiça pelas orações do povo de Deus. Isso está diretamente relacionado às palavras de Paulo: “Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade [...]” (1Timóteo 2.1,2).

É muito triste para a justiça quando políticos da igreja, em vez de santas orações, moldam a administração do Reino e elevam os homens a posição e poder. Por que orar por todos os homens? Porque Deus quer a salvação de todos os homens. Os filhos de Deus na terra devem ligar suas orações à vontade de Deus. Oração é pôr em prática a vontade de Deus. Deus deseja a salvação de todos os homens. O coração dele está firmado nisso. Nossas orações devem ser a criação e o representante da vontade de Deus. Devemos acolher a humanidade em nossa oração da mesma forma que Deus acolhe a humanidade em seu amor, seu interesse e seus planos para redimi-la. Nossa compaixão, orações, lutas e desejos ardentes devem caminhar lado a lado com a vontade de Deus, ampla, generosa, universal e divina. O homem cristão deve em todas as coisas, em primeiro lugar, conformar-se à vontade de Deus, mas em nenhum aspecto essa devoção real deve ser mais evidente do que na salvação da raça humana. Tal sublime parceria com Deus, como vice-regentes na terra, deve ter seu exercício pleno, rico e mais eficaz na oração por todos os homens.

Os homens devem orar por todos os homens, devem orar especialmente pelos que governam a Igreja e o Estado, “para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade” (1Timóteo 2.2). Paz no exterior e paz no interior. A oração acalma forças perturbadoras, tranquiliza medos atormentadores e traz fim ao conflito. A oração pode afastar a confusão. Mas, mesmo que haja conflitos externos, é bom ter profunda paz dentro da cidadela da alma: “para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica”. A oração traz a calma interior e provê a tranquilidade exterior. Se houvesse governadores de oração e subordinados de oração, em todo o mundo acalmariam as forças turbulentas, cessariam as guerras, e a paz reinaria.

Os homens devem orar por todos os homens para que vivamos “com toda a piedade e dignidade”. Ou seja, com santidade e gravidade. Santidade é ser como Deus. É ser devotado, ser parecido com Deus, ter a imagem de Deus estampada no homem interior e mostrar a mesma semelhança em conduta e temperamento. O Deus todo-poderoso é o modelo mais elevado, e ser como ele é possuir o mais elevado caráter. A oração nos molda à imagem de Deus e, ao mesmo tempo, tende a moldar os outros na mesma imagem na proporção em que oramos em favor dos outros. Oração significa ser como Deus, e ser como Deus é amar a Cristo e amar a Deus, ser um com o Pai e com o Filho em espírito, caráter e conduta. Oração significa permanecer com Deus até sermos como ele. A oração faz de um homem um cristão dedicado e põe nele “a mente de Cristo”, a mente de humildade, de entrega, de serviço, piedade e oração. Se realmente orarmos, nos tornaremos mais como Deus ou deixaremos de orar.

“[...] os homens orem em todo lugar”, no quarto de oração, na reunião de oração, no altar familiar, e façam isso “levantando mãos santas, sem ira e sem discussões” (1Timóteo 2.8). Aqui está não apenas a obrigação posta sobre os homens para que orem, mas as instruções de como deveriam orar. “Os homens devem orar sem ira.” Ou seja, sem amargura contra vizinhos ou irmãos; sem a obstinação e teimosia de uma vontade rebelde e sentimentos duros, sem desejos maldosos ou emoções despertadas pelas chamas da natureza carnal. A oração não deve ser induzida por esses motivos questionáveis, nem em companhia desses sentimentos ruins, mas “sem” eles, acima e inteiramente separada deles. Esse é o tipo de oração que os homens de Deus são chamados a fazer, o tipo que Deus ouve e o tipo que prevalece com Deus e alcança as coisas. Tais orações nas mãos de

homens cristãos se tornam meios divinos nas mãos de Deus para levar adiante os graciosos propósitos de Deus e executar seus desígnios na redenção.

A oração tem uma origem mais elevada do que a natureza do homem. Isso é verdadeiro quer em referência à natureza do homem distinta da natureza angélica quer em relação à natureza carnal do homem não restaurada e não transformada. A oração não se origina nos âmbitos da mente carnal. Tal natureza é completamente estranha à oração simplesmente porque “a mentalidade da carne é inimiga de Deus” (Romanos 8.7). É por meio do novo espírito que oramos, o novo espírito adoçado pelo açúcar do céu perfumado com a fragrância do mundo superior e fortalecido por um sopro do mar de cristal. O “novo espírito” é nativo do céu, ansiando por coisas celestiais, inspiradas pelo sopro de Deus.

É o temperamento de oração do qual todos os velhos sumos da natureza carnal e não regenerada são expulsos, e do qual o fogo de Deus cria as chamas que consomem paixões mundanas e do qual o sumo do Espírito é injetado na alma e a oração é completamente separada da ira.

Os homens também devem orar “sem duvidar”. A Nova Versão Internacional diz “sem discussões”. Fé em Deus, crer na Palavra de Deus, deve ser “sem questionamentos”. Dúvidas e disputas não devem ocupar a mente. Não deve haver opiniões, nem hesitação, nem questionamentos, nem raciocínios, nem minúcias intelectuais, nem rebelião, mas uma constante e completa lealdade de espírito a Deus, uma vida de lealdade no coração e no intelecto à Palavra de Deus. Deus tem muito para fazer com os homens que creem, que têm uma fé viva e transformadora em Jesus Cristo. Esses são os filhos de Deus. Um pai ama seus filhos, supre suas necessidades, ouve seus clamores e atende a seus pedidos. Uma criança crê em seu pai, o ama, confia nele e lhe pede o que precisa, crendo sem duvidar que o pai ouvirá seus pedidos. Deus tem tudo a ver com responder à oração de seus filhos. Os problemas deles são de seu interesse, e suas orações o despertam. A voz dos filhos é doce para Deus. Ele ama ouvi-los orar e não pode ficar mais feliz do que em responder a suas orações.

A oração tem como objetivo os ouvidos de Deus. Não é o homem, mas Deus que ouve a oração e responde a ela. A oração cobre todo o âmbito das necessidades do homem. Portanto, “em tudo, pela oração e súplicas [...] apresentem seus pedidos a Deus” (Filipenses 4.6). A oração abrange toda a extensão da capacidade de Deus. “[...] Há alguma coisa difícil demais para mim?” (Jeremias 32.27). A oração não pertence a um segmento favorecido das necessidades do homem, mas alcança e abraça todo o círculo de suas necessidades, simplesmente porque Deus é Deus do homem por inteiro. Deus se comprometeu a suprir as necessidades do homem como um todo: necessidades físicas, intelectuais e espirituais: “O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus” (Filipenses 4.19). A oração é filha da graça, e a graça tem como objetivo o homem por inteiro e cada um dos filhos dos homens.

6. OS RAROS HOMENS DE ORAÇÃO

Nosso Redentor estava no jardim de Getsêmani. Sua hora havia chegado. Ele achava que seria fortalecido de alguma forma se tivesse dois ou três discípulos próximos a ele. Os três discípulos que escolheu estavam bem próximos da cena de sua agonia, mas eles estavam todos adormecidos para que a Escritura se cumprisse — “Sozinho pisei uvas no lagar; das nações ninguém esteve comigo”. Os oito, a certa distância, eram discípulos bons e verdadeiros, mas eram apenas homens comuns ou homens com um chamado comum.

ALEXANDER WHYTE

NÃO HÁ INSISTÊNCIA MAIS urgente na Bíblia do que a orientação para que os homens orem. Nenhuma exortação é mais enérgica, solene e inspiradora. Nenhum princípio é inculcado com mais força do que “eles deviam orar sempre e nunca desanimar” (Lucas 18.1). Tendo em vista essa ordem, é pertinente questionar se o povo cristão está orando por homens e mulheres em grande número. A oração é um curso fixo nas escolas da igreja? Na escola dominical, em casa, nas faculdades, temos graduados na escola da oração? A igreja está produzindo aqueles que têm diploma da grande universidade de oração? É isso que Deus exige, o que ele ordena, e são aqueles que possuem tais qualificações de que ele precisa para realizar seus propósitos e levar adiante a obra de seu Reino na terra.

É oração fervorosa que precisa ser feita. Oração débil, sem coração ou força, sem fogo nem tenacidade, derrota seu próprio propósito de existir. O profeta de tempos passados lamenta que em dias que precisavam de oração extenuante não havia ninguém “que se anime a apegar-se a ti” (Isaías 64.7). Cristo nos desafia a “nunca desanimar” na oração. Frouxidão e indiferença são grandes empecilhos para a oração, tanto para a prática da oração como para o processo de sua resposta; é preciso um espírito corajoso, forte, destemido e insistente para se apegar à oração bem-sucedida. A prolixidade também interfere na eficácia. Muitas petições rompem a tensão e a união e geram negligência. As orações deveriam ser específicas e urgentes. Palavras demais, assim como amplidão demais, geram baixios e bancos de areia. Um objetivo único que absorve o ser e inflama o homem por inteiro é a força propulsora da oração.

É fácil ver como a oração era um fator determinante nas dispensações que antecederam a vinda de Jesus e como seus líderes tinham que ser homens de oração; como a mais poderosa revelação de Deus era uma revelação recebida por meio da oração; e, finalmente, como Jesus Cristo, em seu ministério pessoal e em seu relacionamento com Deus, era grande e constante na oração. Seus esforços e desígnios fluíam com plenitude na proporção de suas orações. As possibilidades de sua oração eram ilimitadas, e as possibilidades de seu ministério seguiam o mesmo padrão. Sua necessidade de oração se igualava apenas à constância com que ele a praticava durante o início de sua vida.

A dispensação do Espírito Santo é uma dispensação de oração em um sentido extremo. Aqui a oração tem uma relação essencial, vital. Sem depreciar as possibilidades e a necessidade de oração em todas as dispensações anteriores de Deus no mundo, deve-se declarar que é nesta última

dispensação que os envoltórios e as exigências da oração recebem sua maior autoridade, que suas possibilidades se tornam ilimitadas e sua necessidade é insuperável.

Nos nossos dias, há a profunda necessidade de uma geração de homens de oração, um grupo de homens e mulheres por meio de quem Deus pode trazer seus maiores movimentos mais plenamente no mundo. O Senhor nosso Deus não se limita a si mesmo, mas é limitado em nós por causa da nossa pequena fé e fracas orações. Há a grande necessidade de um tipo de cristão que buscará incansavelmente Deus — que não lhe dará descanso, dia e noite, até que ele ouça seu clamor. Os tempos exigem homens de oração que tenham sede da glória de Deus, que sejam generosos e desinteressados em seus desejos, insaciáveis por Deus, que o busquem tarde e cedo e que não descansarão até que toda a terra esteja cheia da glória de Deus.

Precisa-se de homens e mulheres cujas orações darão ao mundo o supremo poder de Deus; que farão suas promessas florescerem com resultados ricos e plenos. Deus está esperando nos ouvir e nos desafia a levá-lo a fazer tais coisas por nossa oração. Ele está nos dizendo hoje, como disse ao antigo Israel: “[...] Ponham-me à prova [...]” (Malaquias 3.10). Por trás da Palavra de Deus está o próprio Deus, e lemos: “Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, o seu Criador: A respeito de coisas vindouras, você me pergunta sobre meus filhos, ou me dá ordens sobre o trabalho de minhas mãos?” (Isaías 45.11). Como se Deus pusesse à disposição de seu povo que ora — como de fato ele faz.

O elemento dominante de toda oração é a fé; isso é patente, primordial e significativo. Sem essa fé é impossível agradar a Deus e é igualmente impossível orar.

Há uma concepção atual de deveres espirituais que tende a separar o púlpito e os bancos, como se o púlpito carregasse todo o peso das preocupações espirituais, enquanto o banco estava preocupado apenas com deveres relacionados à esfera mais baixa do secular e mundano. Tal visão precisa de uma correção drástica. A causa de Deus, suas obrigações, esforços e êxitos repousam com igual peso sobre o púlpito e os bancos da igreja.

Contudo, ao homem no banco não é imposto o peso da oração como deveria ser e como deve ser, antes que qualquer nova visita de poder venha sobre a igreja. A igreja nunca será inteira de Deus até que os bancos estejam cheios de homens de oração. A igreja não pode ser o que Deus deseja que seja até que seus membros que são líderes nos negócios, na política, nas leis e na sociedade sejam líderes na oração.

Deus começou seus primeiros movimentos no mundo com homens de oração. Ele escolheu tal homem para ser o pai daquele povo que se tornou seu povo escolhido no mundo por centenas de anos, a quem ele entregou seus oráculos e de quem veio o Messias prometido. Abraão, um líder da causa de Deus, era predominantemente um homem de oração. Quando refletimos sobre sua conduta e seu caráter, vemos prontamente como a oração governava e influenciava esse grande líder do povo de Deus no deserto: “Abraão, por sua vez, plantou uma tamargueira em Berseba e ali invocou o nome do Senhor [...]” (Gênesis 21.33), e é um fato surpreendente que onde quer que montasse sua tenda e acampasse por um período, com sua família, ali ele erigia um altar de sacrifício e oração. Sua religião era uma religião pessoal e familiar, na qual a oração era fator proeminente e permanente.

A oração é o meio de revelação divina. É por meio da oração que Deus se revela para a alma espiritual hoje, assim como nos dias do Antigo Testamento ele fazia suas revelações aos homens que

oravam. Deus se mostra para o homem que ora: “[...] ‘Deus está contigo em tudo o que fazes’” (Gênesis 21.22). Esta era a clara convicção daqueles que de bom grado fariam uma aliança com Abraão, e o motivo para esse tributo era a crença comum em relação ao patriarca de que ele não apenas era um homem de oração, mas um homem a cujas orações Deus responderia. Aqui está o resumo e o segredo do governo divino na Igreja. Em todas as eras, Deus tem governado a Igreja por meio de homens de oração. Quando a oração falha, o governo divino falha. Como vimos, Abraão, o pai da fé, era um príncipe e um sacerdote da oração. Ele tinha uma influência notável com Deus. Deus interrompe sua vingança enquanto Abraão ora. Sua misericórdia é adiada e condicionada à oração de Abraão. As visitações de sua ira são removidas pela oração desse soberano em Israel. As ações de Deus são influenciadas pelas orações de Abraão, o amigo de Deus. A justa devoção de Abraão à oração permite que ele compartilhe os segredos dos conselhos de Deus, ao passo que o conhecimento desses segredos destaca e intensifica sua oração. Com Abraão, o altar do sacrifício está junto ao altar da oração. Com ele, o altar da oração santifica o altar do sacrifício. A Abimeleque, Deus disse: “[...] Ele é profeta e orará em seu favor, para que você não morra [...]” (Gênesis 20.7).

Os cristãos devem orar pelos homens. Em certa ocasião, Samuel disse ao povo: “E longe de mim esteja pecar contra o Senhor, deixando de orar por vocês [...]” (1Samuel 12.23). Bom para esse povo pecador, que havia rejeitado Deus e desejado um rei humano, e que, mesmo assim, tinha um homem de oração em Israel. O modo autêntico de aumentar a graça pessoal é orar pelos outros. A oração intercessora é um meio de graça àqueles que a exercem. Entramos nos campos mais ricos de crescimento espiritual e reunimos suas riquezas inestimáveis nas avenidas da oração intercessora. Orar pelos homens é uma nomeação divina e representa a forma mais elevada de serviço cristão.

Os homens devem orar e os homens devem receber orações. O cristão deve orar por todas as coisas, é claro, mas as orações em favor dos homens são infinitamente mais importantes, assim como os homens são infinitamente mais importantes do que as coisas. Assim também, as orações em favor dos homens são muito mais importantes do que as orações por coisas porque os homens estão muito mais envolvidos na vontade de Deus e na obra de Jesus Cristo do que as coisas. Os homens devem ser cuidados, devem receber compaixão e orações, porque compaixão, piedade e cuidado acompanham e precedem as orações em favor dos homens quando eles não são dominados pelas coisas.

Tudo isso faz da oração um assunto real, não uma brincadeira de criança, não uma questão secundária, não algo trivial, mas um assunto sério. Os homens que alcançaram sucesso na oração fizeram da oração seu trabalho. É um processo que exige o tempo, o pensamento, a energia e o coração da humanidade. A oração é uma tarefa que requer tempo, uma tarefa para a eternidade. É tarefa do homem orar, transcendendo todos os outros trabalhos e tendo precedência sobre todas as outras vocações, profissões ou ocupações. Nossa oração afeta a nós mesmos, a todos os homens, seus maiores interesses, até mesmo a salvação de sua alma imortal. A oração é um assunto que toma posse da eternidade e das coisas além do túmulo. É um trabalho que envolve o céu e a terra. Todos os mundos são tocados; mundos são influenciados pela oração. Ela está relacionada com Deus e com os homens, com anjos e demônios.

Jesus era preminentemente um líder na oração, e sua oração é um incentivo à oração. Que proeminência tinha a oração na vida dele! Os eventos principais de sua trajetória terrena são distintamente marcados pela oração. A maravilhosa experiência e glória da transfiguração foi

precedida pela oração e era resultado direto da oração do nosso Senhor. Que palavras ele usou ao orar, nós não sabemos, nem sabemos pelo que orou. Mas, sem dúvida, era noite, e por longas horas o Mestre orou. Foi enquanto ele orou que a escuridão fugiu e sua forma foi iluminada com esplendor sobrenatural. Moisés e Elias vieram render a ele não apenas a supremacia da Lei e dos Profetas, mas também a supremacia da oração. Nenhum outro orou como Jesus nem teve tal manifestação gloriosa da presença divina ou ouviu tão claramente a reveladora voz do Pai: “[...] ‘Este é o meu Filho, o Escolhido; ouçam-no!’” (Lucas 9.35). Felizes os discípulos por estarem com Cristo na escola da oração!

Quantos de nós falharam em alcançar o glorioso monte da transfiguração porque não estávamos acostumados com o poder transfigurador da oração! É o distanciar-se para orar, os longos, intensos períodos de oração de que participamos que fazem o rosto brilhar, transfiguram o caráter, que até mesmo fazem as vestes opacas e terrenas brilhar com esplendor celestial. Mas mais do que isso: é a verdadeira oração que faz reais, próximas e tangíveis as coisas eternas e que traz os visitantes glorificados e as visões celestiais.

Vidas transfiguradas não seriam tão raras se houvesse mais dessas orações transfiguradas. Tais visitas celestiais não seriam tão escassas se houvesse mais orações transfiguradas.

Como parece ser difícil para a Igreja compreender que todo o plano da redenção depende de homens de oração! A obra do nosso Senhor, enquanto estava na terra, bem como a do apóstolo Paulo, era, por ensino e exemplo, desenvolver homens de oração a quem o futuro da Igreja deveria ser confiado. Como é estranho que, em vez de aprender essa simples e importante lição, a Igreja moderna a tenha negligenciado! Precisamos nos voltar novamente para aquele maravilhoso líder espiritual de Israel, nosso Senhor Jesus Cristo, que, por exemplo e preceito, nos ordena a orar, e para o grande apóstolo dos gentios, que, por virtude de seus hábitos e lições de oração, é modelo e exemplo para o povo de Deus em todas as eras e ocasiões.

7. O MINISTRO E A ORAÇÃO

É claro que o ministro está acima de todos os outros homens, pois se distingue como homem de oração. Ele ora como um cristão comum, caso contrário seria um hipócrita. Ele ora mais do que cristãos comuns, caso contrário estaria desqualificado para o serviço que assumiu. Se, como ministros, não oramos, somos dignos de piedade. Se nos tornamos relapsos na devoção sagrada, não apenas precisaremos de piedade, como também nosso povo carecerá dela, e chegará o dia em que seremos envergonhados e confundidos. Nossos períodos de jejum e oração na Igreja do Tabernáculo têm sido de fato dias sublimes; nunca os portais celestiais estiveram tão amplos; nunca nosso coração esteve mais perto da glória central.

CHARLES HADDON SPURGEON

PREGADORES SÃO OS LÍDERES de Deus. São divinamente chamados para seu santo serviço e elevado propósito e, principalmente, são responsáveis pela condição da Igreja. Assim como Moisés foi chamado por Deus para tirar Israel do Egito através do deserto até a terra prometida, assim também Deus chama seus ministros para guiar seu Israel espiritual por este mundo até a terra celestial. Eles são divinamente comissionados para a liderança e devem, por preceito e exemplo, ensinar o povo de Deus como Deus quer que sejam. O conselho de Paulo ao jovem pregador Timóteo é direto: “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem”, diz ele, “mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza” (1Timóteo 4.12).

Os ministros de Deus moldam o caráter da igreja e dão o tom e a direção à sua vida. A frase inicial da carta a cada uma das sete igrejas da Ásia diz: “Ao anjo da igreja” (Apocalipse 2.1), parecendo indicar que o anjo — o ministro — estava no mesmo estado mental e na mesma condição de vida que a membresia e que esses “anjos” ou ministros tinham grande responsabilidade na condição espiritual de cada igreja. O “anjo” em cada caso era o pregador, mestre ou líder. Os primeiros cristãos sabiam muito bem disso e sentiam essa responsabilidade. Em sua impotência, cientemente sentida, clamaram: “Mas quem está capacitado para tanto?” (2Coríntios 2.16), uma vez que a tremenda responsabilidade pressionava o coração e a mente deles. A única resposta para tal pergunta era “somente Deus”. Portanto, eles foram necessariamente compelidos a olhar além de si mesmos em busca de socorro e a lançar-se à oração para agarrar-se em Deus. Quanto mais oravam, mais sentiam sua responsabilidade e mais ajuda de Deus recebiam por meio da oração. Eles perceberam que sua suficiência estava em Deus.

A oração pertence ao ministro em um sentido muito elevado e importante. É preciso vigor e grandeza de caráter para dirigir o serviço de oração. Profetas de oração são raros na história do povo de Deus. Em todas as eras, exigiram-se líderes em Israel que orassem. Os vigias de Deus devem sempre e em todo lugar ser homens de oração.

Não deveria ser uma surpresa encontrar com frequência ministros ajoelhados buscando auxílio divino sob a responsabilidade de seu chamado. Esses são os verdadeiros profetas do Senhor, e são eles que se apresentam como porta-vozes de Deus em meio a uma geração de homens e mulheres perversos e com mentalidade mundana. Os pregadores de oração são mais ousados, são os mais verdadeiros e vivos ministros de Deus. Eles sobem mais alto e estão mais perto daquele que os

chamou. Eles avançam mais rapidamente e na vida cristã são mais parecidos com Deus. Ao ler o registro dos quatro evangelistas, não podemos deixar de ficar impressionados pelo esforço supremo feito por nosso Senhor para instruir corretamente os 12 discípulos nas coisas que os qualificariam para as tremendas tarefas que teriam de enfrentar depois que ele tivesse voltado ao Pai. Sua preocupação era que a Igreja deveria ter homens, santos na vida e no coração, que soubessem muito bem de onde vinham sua força e seu poder no serviço do ministério. Uma grande parte do ensino de Cristo foi dirigida a esses apóstolos escolhidos; e o treinamento dos Doze ocupou muito de seu pensamento e de seu tempo. Em todo esse treinamento, a oração foi apresentada como princípio básico.

Percebemos que o mesmo é válido para a vida e o serviço do apóstolo Paulo. Enquanto ele se dirigia à edificação das igrejas, às quais ministrava e escrevia, tinha em mente e como propósito instruir corretamente e preparar ministros aos quais seriam entregues os interesses do povo de Deus. As duas epístolas a Timóteo foram dirigidas a um jovem pregador, enquanto a de Tito também foi escrita a um jovem ministro. E o objetivo de Paulo parece ter sido dar a cada um deles a instrução necessária para que realizem o ministério para o qual haviam sido chamados pelo Espírito de Deus. Subjacente a essas instruções estava a pedra fundamental da oração, uma vez que por nenhum outro meio eles seriam capazes como Paulo de “apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Timóteo 2.15), a menos que fossem homens de oração. O maior bem da Igreja de Deus na terra depende muito do ministro; portanto, o Deus todo-poderoso sempre teve ciúmes de seus vigias — seus pregadores. Sua preocupação tem sido o caráter dos homens que ministram em seus altares coisas santas. Eles devem ser homens que dependem de Deus, que olham para ele e que continuamente o buscam por sabedoria, ajuda e poder para que eficazmente possam fazer o serviço do ministério. Por isso, designou homens de oração para o santo serviço e a estes confia as tarefas que lhes designou.

As grandes obras de Deus devem ser feitas como Cristo fazia; devem ser feitas, de fato, com poder crescente recebido do Cristo elevado e exaltado. Essas obras devem ser feitas por meio da oração. Devemos fazer a obra de Deus do jeito de Deus, para a glória de Deus. E, para sua bem-sucedida realização, a oração é uma necessidade.

O fator mais importante entre todos os outros fatores na preparação do pregador é a oração. Antes de tudo mais, ele deve ser um homem cuja especialidade é a oração. Um pregador que não ora não pode ser definido como tal. Ou ele perdeu o chamado, ou Deus falhou gravemente chamando-o para o ministério. Deus deseja homens que não sejam ignorantes, que procurem apresentar-se a ele aprovados (cf. 2Timóteo 2.15). Pregar a Palavra é essencial; qualidades sociais não devem ser subestimadas, e o estudo é bom; mas como base e acima de tudo está a oração, que deve ser o suporte principal na plataforma do homem que se apresenta para pregar as insondáveis riquezas de Cristo a um mundo perdido e faminto. O ponto fraco nas instituições da Igreja está justamente aí. A oração não é considerada fator principal na vida e na atividade eclesiástica, e outras coisas, embora boas quando estão no devido lugar, são estabelecidas como prioridade. As coisas principais devem vir em primeiro lugar, e o item número um no preparo de um ministro é a oração.

Nosso Senhor é o padrão para todos os pregadores e, para ele, a oração era a norma de vida. Ele vivia por ela. Era a inspiração de seu esforço, a fonte de sua força, o manancial de sua alegria. Para nosso Senhor, a oração não era um episódio sentimental, nem uma reflexão tardia, nem um prelúdio agradável e divertido, nem um interlúdio, uma exibição ou formalidade. Para Jesus, a oração era

precisa, cativante, suprema. Era o chamado de um suave dever, a satisfação de um anseio inquieto, a preparação para duras responsabilidades e o suprimento de uma ávida necessidade. Assim também, o discípulo deve ser como seu Senhor; o servo como seu Mestre. Assim como era o próprio Senhor, assim também devem ser aqueles que ele chamou para serem seus discípulos. Nosso Senhor Jesus Cristo escolheu seus 12 apóstolos somente depois de ter passado uma noite em oração; e podemos ter a certeza de que ele usa o mesmo elevado padrão no que se refere àqueles que chama para o ministério nos nossos dias.

A oração não recebeu uma posição fraca e secundária no ministério de Jesus. Ela vinha em primeiro lugar — enfática, evidente, controladora. Dado a hábitos de oração, a um espírito de oração, à comunhão longa e solitária com Deus, Jesus era, acima de tudo, um homem de oração. O ponto crucial de sua história terrena, na terminologia do Novo Testamento, está concentrado em uma única afirmação:

Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão (Hebreus 5.7).

Assim como seu Senhor e Mestre, a quem pertencem e servem, assim sejam seus ministros. Que ele seja o padrão, o exemplo, o líder e o Mestre. Faz-se muita referência em alguns âmbitos sobre “seguir a Jesus”, mas em geral isso quer dizer segui-lo em métodos e ordenança, como se a salvação estivesse embrulhada em um modo específico de fazer as coisas. “O caminho da oração tu trilhaste” — este é o caminho em que devemos segui-lo e em nenhum outro. Jesus foi dado como líder ao povo de Deus, e nenhum líder exemplificou melhor o valor e a necessidade da oração. Igual em glória ao Pai, ungido e enviado em sua missão especial pelo Espírito Santo, seu nascimento encarnado, sua elevada comissão, sua unção real, tudo isso pertencia a ele, mas nada disso o eximiu do chamado exigente da oração. Pelo contrário, tais características impunham esses clamores sobre ele com mais autoridade. Ele não pediu para ser aliviado do peso da oração; pelo contrário, alegremente o aceitou, reconhecendo sua reivindicação e voluntariamente sujeitando-se a suas exigências.

Sua liderança se sobressaía, tanto quanto sua oração. Se não fosse assim, sua liderança não teria sido nem preeminente nem divina. Se, na verdadeira liderança, a oração tivesse sido dispensada, então, certamente, Jesus poderia tê-la dispensado. Mas ele não fez isso, e nenhum de seus seguidores que deseje uma vida cristã eficaz pode fazer algo que não seja seguir seu Mestre.

Enquanto Jesus praticava a oração, estando pessoalmente sob a lei da oração, e enquanto suas parábolas e milagres eram apenas intérpretes da oração, ele trabalhava diretamente para ensinar os discípulos a arte específica da oração. Ele pouco ou nada disse sobre como pregar ou o que pregar. Mas gastou energias e tempo ensinando os homens como falar com Deus, como ter comunhão com ele e como estar com ele. Ele sabia muito bem que os que aprendem a arte de falar com Deus serão altamente versados em falar com os homens. Podemos parar um momento para observar que esse era o segredo do maravilhoso sucesso dos primeiros pregadores metodistas que estavam longe de ser homens estudados. Mas, mesmo com todas as limitações que apresentavam, eram homens de oração e fizeram grandes coisas por Deus.

Toda a habilidade de falar com os homens é medida pela habilidade com que um pregador pode

falar com Deus em favor dos homens: “Aquele que não ara no quarto de oração, nunca colherá no púlpito”. Sempre se deve destacar que Jesus Cristo treinou seus discípulos a orar. Esse é o verdadeiro significado da expressão “o treinamento dos Doze”. Devemos ter em mente que Cristo ensinou os pregadores do mundo mais sobre oração do que sobre pregação. A oração era o grande fator no avanço do evangelho. A oração conservava e tornava eficiente todos os outros fatores. Entretanto, ele não rebaixava a pregação quando enfatizava a oração; pelo contrário, ensinava a absoluta dependência que a pregação tinha da oração.

“O negócio do cristão é a oração”, declarou Lutero. Todo menino judeu tinha que aprender um ofício. Jesus Cristo aprendeu dois, o ofício de carpinteiro e o da oração. Um ofício atendeu a necessidades terrenas; o outro serviu a propósitos divinos e elevados. O costume judeu envolveu Jesus ainda menino no ofício da carpintaria; a lei de Deus prendeu-o à oração desde seus primeiros anos e permaneceu com ele até o fim.

Cristo é o exemplo cristão, e cada cristão, deve tê-lo como modelo. Todo pregador deve ser como seu Senhor e Mestre e deve aprender o ofício da oração. Aquele que aprende bem o ofício da oração domina o segredo da arte cristã e torna-se um trabalhador habilitado na oficina de Deus, um que não precisa se envergonhar, um que trabalha com seu Senhor e Mestre. “Orem continuamente” é o toque da trombeta para os pregadores do nosso tempo. Se os pregadores revestirem os pensamentos com a atmosfera da oração, se prepararem os sermões de joelhos, um gracioso derramar do Espírito de Deus virá sobre a terra.

Uma qualificação indispensável para pregar é o dom do Espírito Santo, e só os discípulos foram instruídos a permanecer em Jerusalém para receber esse dom indispensável. A necessidade absoluta de receber esse dom, se o êxito estiver presente nos esforços do ministro, encontra-se na instrução aos primeiros discípulos de permanecer em Jerusalém até que o recebessem e também nas orações fervorosas e urgentes com que o buscavam. Em obediência à ordem de seu Senhor para permanecerem naquela cidade até que fossem revestidos do alto, os discípulos, depois de Jesus ter partido para o céu, imediatamente começaram a busca por fervorosa e constante oração: “Todos eles se reuniam sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele” (Atos 1.14). João se refere à mesma coisa em sua primeira epístola: “Mas vocês têm uma unção que procede do Santo” (2.20), diz ele. É essa unção divina que os pregadores atuais devem desejar sinceramente, pela qual devem orar, e sem a qual devem permanecer insatisfeitos até que o abençoado dom lhes seja ricamente concedido.

Outra alusão a esse mesmo importante procedimento é feita por nosso Senhor logo depois de sua ressurreição, quando disse aos discípulos: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês [...]” (Atos 1.8). Ao mesmo tempo, Jesus dirigiu a atenção dos discípulos para a declaração de João Batista em relação ao Espírito, a mesma coisa pela qual ele lhes ordenara a permanecer na cidade de Jerusalém — “poder do alto”. Fazendo referência às palavras de João Batista, Jesus disse: “Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo” (Atos 1.5). Mais tarde, Pedro falou a respeito do nosso Senhor: “[...] Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder [...]” (Atos 10.38).

Essas são as declarações divinas da missão e do ministério do Espírito Santo aos pregadores daqueles dias, e as mesmas declarações divinas aplicam-se com igual força aos pregadores dos nossos dias. Para Deus, o ministro ideal é chamado por Deus, divinamente ungido, um homem tocado pelo Espírito, separado para a obra divina, distanciado do secularismo e de negócios questionáveis,

batizado do alto, marcado, selado e dominado pelo Espírito, dedicado a seu Mestre e ao ministério deste. Esses são os requisitos divinos para um pregador da Palavra; sem os tais, o pastor é inadequado e, inevitavelmente, infrutífero.

Hoje, não há carência de pregadores que preguem sermões eloquentes sobre a necessidade e a natureza do avivamento, e que elaborem projetos para o avanço do Reino de Deus, mas os pregadores de oração estão bem mais escassos; o maior benfeitor que esta era pode ter é um homem que traga os pregadores, a Igreja e o povo de volta à prática da verdadeira oração. O reformador necessário hoje é o que apregoa a oração. O líder que Israel exige é um que, com voz de trombeta, chame os ministros de volta a estar de joelhos.

Há conversa considerável no ar sobre a vinda de um avivamento, mas precisamos ter visão para ver que o avivamento de que precisamos e o único que pode ter valia é um avivamento que nasça do Espírito Santo, que traz profunda convicção de pecado e regeneração para aqueles que buscam a face de Deus.

Tal avivamento vem no final de um período de verdadeira oração, e é completa tolice falar e esperar um avivamento sem o Espírito Santo atuar nesse aspecto peculiar, condicionado a muita oração fervorosa. Tal avivamento começará no púlpito e nos bancos, será promovido tanto por pregadores como por leigos que trabalhem em harmonia com Deus.

O coração é o dicionário da oração; a vida é o melhor comentário sobre a oração, e o exterior carrega sua mais plena expressão. O caráter é formado pela oração; a vida é aperfeiçoada pela oração. E isso o ministro precisa aprender tão completamente como um leigo. Há apenas uma regra para ambos. Em geral, os discípulos de Cristo eram bastante avessos à oração, tendo pouco gosto pela oração e estando praticamente alheios ao Mestre no que se referia aos temas pelos quais orava e a suas mais poderosas lutas, e isso a tal ponto que o Mestre teve que selecionar um grupo de três que estavam mais aptos para a tarefa — Pedro, Tiago e João. Estes tinham mais compreensão e satisfação no serviço divino, e ele os separou para que pudessem aprender a lição da oração. Esses homens estavam mais próximos de Jesus, tinham mais entendimento do que se passava e eram mais úteis ao Mestre porque oravam mais.

De fato, abençoados são aqueles discípulos a quem Jesus Cristo neste dia chama a uma comunhão mais íntima com ele, os quais, respondendo prontamente ao chamado, se põem de joelhos perante ele. Perturbadora, na verdade, é a condição daqueles servos de Jesus que, no coração, são avessos ao exercício do ministério da oração.

Todas as grandes eras do nosso Senhor, históricas e espirituais, foram geradas ou moldadas pela oração dele. Igualmente seus planos e grandes realizações nasceram em oração e foram impregnados por esse espírito. Assim como era o Mestre, assim também deve ser o servo; assim como fez o Senhor nos grandes momentos de sua vida, assim deve fazer o discípulo quando enfrentar crises importantes. “Ajoelhe-se, ó Israel!” deveria ser a chamada da trombeta aos ministros desta geração.

A forma mais elevada de vida religiosa é alcançada pela oração. As mais ricas revelações de Deus — Pai, Filho e Espírito — são feitas não aos entendidos, aos grandes ou aos “nobres” da terra, mas aos homens de oração: “Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento” (1Coríntios 1.26). A quem Deus faz conhecidas as coisas profundas de Deus e revela as coisas elevadas de seu caráter, senão aos humildes, inquiridores homens de oração. E, mais uma vez deve

ser dito, isso é válido tanto para pregadores como para leigos. É o homem espiritual que ora, e aos homens de oração Deus faz suas revelações por meio do Espírito Santo.

Pregadores de oração sempre trouxeram maior glória a Deus, moveram o evangelho adiante em maior e mais rápida medida e poder. Um pregador que não ora e uma igreja que não ora pode florescer exteriormente e avançar em muitos aspectos da vida. Tanto a igreja como o pregador podem se tornar sinônimos de sucesso, mas, a menos que o êxito repouse na base da oração, todo sucesso acabará reduzindo-se à vida enfraquecida e decadência final. “Não têm, porque não pedem” (Tiago 4.2) é a solução de toda fraqueza espiritual tanto na vida pessoal como no púlpito. Ou, então, “Quando pedem, não recebem, pois pedem por motivos errados” (Tiago 4.3). Oração verdadeira é o fundamento de todo sucesso real do ministro nas coisas de Deus. A estabilidade, energia e habilidade com que o Reino de Deus é estabelecido neste mundo dependem da oração. Deus fez que as coisas fossem assim, portanto Deus está ansioso para que os homens orem. Ele está especialmente interessado em que seus ministros escolhidos sejam homens de oração, por isso faz a maravilhosa declaração que se encontra em Mateus a fim de encorajar seus ministros a orar: “Peçam, e será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e àquele que bate, a porta será aberta” (7.7,8).

Assim, tanto a ordem como a promessa direta enfatizam a preocupação de Jesus com o fato de que eles devem orar. Pare e reflita nestas palavras familiares: “Peçam, e será dado”. Isso parece que seria suficiente para nos levar todos, leigos e pregadores, a orar, tão direta, simples e ilimitada é a ordem. Essas palavras abrem todos os tesouros do céu para nós, simplesmente pedindo por eles.

Se nunca estudamos as orações de Paulo, que foi sobretudo um pregador aos gentios, temos apenas uma pequena visão da grande necessidade de oração e do quanto ela é válida na vida e na obra de um ministro do evangelho. Além disso, teremos apenas uma visão muito limitada das possibilidades do evangelho para enriquecer, fortalecer e aperfeiçoar o caráter cristão, bem como para equipar os pregadores para sua santa e elevada tarefa. Quando aprenderemos a lição simples, mas muito importante de que a coisa realmente necessária na vida de um pregador para ajudá-lo em sua vida pessoal, manter sua alma viva para Deus e dar eficácia à Palavra pregada por ele é a oração real e constante!

Paulo, com a oração em mente, assegura aos colossenses que “Epafras [...] está sempre batalhando por vocês em oração, para que, como pessoas maduras e plenamente convictas, continuem firmes em toda a vontade de Deus” (Colossenses 4.12). Para esse elevado estado de graça, “firmes em toda a vontade de Deus”, ele ora para que sejam conduzidos. Portanto, a oração era a força que iria levá-los àquele elevado, vigoroso e estável coração. Isso se assemelha ao ensino de Paulo aos efésios: “e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Efésios 4.11,12), o qual, evidentemente, afirma que a obra completa do ministério não é meramente levar pecadores ao arrependimento, mas também é o “aperfeiçoamento dos santos”. Por esse motivo, Epafras “batalhava por eles em oração”. Certamente, ele era um homem de oração, para orar tão fervorosamente por aqueles primeiros cristãos.

Os apóstolos empenharam-se para que os cristãos honrassem Deus com a pureza e firmeza de sua vida exterior. Eles deveriam reproduzir o caráter de Jesus Cristo. Deveriam aperfeiçoar sua imagem em si mesmos, absorver o temperamento e refletir o comportamento de Cristo em seu temperamento e conduta. Eles deveriam ser imitadores de Deus como filhos amados, serem santos

como ele é santo. Assim mesmo os leigos deveriam pregar por sua conduta e caráter, da mesma forma que o ministro pregava com a boca.

A fim de elevar os seguidores de Cristo e tais alturas exaltadas da experiência cristã, eles eram verdadeiros no ministério da Palavra, no ministério da oração, no santo zelo consumidor, na ardente exortação, repreensão e reprovação. Somando-se a tudo isso, santificando tudo, fortalecendo e tornando tudo isso saudável, centralizavam e exerciam constantemente a força da mais poderosa oração. “Noite e dia insistimos em orar” (1 Tessalonicenses 3.10), ou seja, orando sem medida, com intenso fervor, superabundantemente, além da medida, com excessiva abundância.

Noite e dia insistimos em orar para que possamos vê-los pessoalmente e suprir o que falta à sua fé. Que o próprio Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus preparem o nosso caminho até vocês. Que o Senhor faça crescer e transbordar o amor que vocês têm uns para com os outros e para com todos, a exemplo do nosso amor por vocês. Que ele fortaleça o coração de vocês para serem irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai [...] (1 Tessalonicenses 3.10-13).

Era dessa forma que esses apóstolos — os primeiros pregadores da igreja primitiva — esforçavam-se em oração. E somente os que se esforçam de igual maneira são sucessores desses apóstolos. Essa é a verdadeira “sucessão apostólica” da Escritura, a sucessão da fé simples, do intenso desejo por santidade de vida e coração e zelo na oração. São essas coisas hoje que fazem o ministério forte, fiel e eficaz, “obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15).

Jesus Cristo, Líder e Comandante de Deus para seu povo, viveu e sofreu seguindo essa lei da oração. Todas as conquistas pessoais dele em sua vida terrena foram logradas pela obediência a essa lei, enquanto as vitórias conquistadas por seus representantes desde sua ascensão ao céu tiveram lugar somente quando esse requisito da oração foi plena e intencionalmente cumprido. Cristo era submisso a esse único requisito da oração. Seus apóstolos eram submissos ao mesmo requisito de oração. Seus santos também e até mesmo os anjos. Portanto, os pregadores estão sob a mesma lei da oração. Nem por um instante estão isentos da obediência à lei da oração. Ela é a própria vida deles, a fonte de poder, o segredo de suas experiências religiosas e comunhão com Deus.

Cristo não podia fazer nada sem oração. Cristo podia fazer todas as coisas por oração. Os apóstolos eram impotentes sem oração — e eram absolutamente dependentes dela para ter sucesso na derrota dos inimigos espirituais. Eles podiam fazer todas as coisas pela oração.

8. A FALTA DE ORAÇÃO NO PÚLPITO

Henry Martyn lamenta que “a carência de leitura devocional pessoal e pouca oração pela produção incessante de pregações geraram muita distância entre Deus e a alma do pregador”. Ele considera que dedicou tempo demais em ministrações públicas e pouco tempo na comunhão particular com Deus. Ficou muito impressionado com a necessidade de separar períodos para jejum e dedicar tempo para a oração formal. Como resultado, registra: “Fui ajudado esta manhã a orar por duas horas”.

E. M. BOUNDS

TODOS OS SANTOS DE DEUS chegaram à santidade pelo caminho da oração. Os santos não podiam fazer nada sem oração. Podemos ir além e dizer que os anjos no céu não podem fazer nada sem oração, mas podem fazer todas as coisas por meio da oração. Tais mensageiros do Altíssimo dependem muito das orações dos santos para sua esfera de atuação e poder, pois as orações abrem caminhos para a atuação angelical e dão aos anjos missões na terra. E, tal como acontece com todos os apóstolos, santos e anjos no céu, assim também acontece com os pregadores. “Os anjos das igrejas” não podem fazer nada sem a oração, pois esta definitivamente abre portas de ação e dá poder e foco às palavras que proferem.

Como um pregador pode pregar eficazmente, tocar mentes e corações e ter frutos para o ministério se ele não recebe sua mensagem em primeira mão de Deus? Como ele pode entregar uma mensagem legítima sem ter sua fé vivificada, a visão iluminada e o coração aquecido no quarto de oração com Deus? Faria bem para todos nós, em relação a esse assunto, ler mais uma vez sobre a visão de Isaías no capítulo 6 de sua profecia, quando, enquanto esperava, confessava e orava diante do trono, o anjo tocou seus lábios com uma brasa ardente do altar de Deus:

Logo um dos serafins voou até mim trazendo uma brasa viva, que havia tirado do altar com uma tenaz. Com ela tocou a minha boca e disse: “Veja, isto tocou os seus lábios; por isso, a sua culpa será removida, e o seu pecado será perdoado” (v. 6,7).

Como necessitamos que os pregadores de hoje tenham os lábios tocados com uma brasa viva do altar de Deus! Esse fogo é trazido à boca daqueles profetas que têm um espírito de oração e que esperam no lugar secreto para que o anjo designado lhes traga a chama viva. Pregadores com a mesma disposição de Isaías receberam visitas do anjo que traz brasas vivas para tocar seus lábios. A oração sempre traz a chama viva para soltar línguas, abrir portas de declaração e abrir grandes e eficazes portas para fazer o bem. Essa, acima de tudo, é a grande necessidade dos profetas de Deus.

No que diz respeito aos interesses permanentes da religião, um púlpito sem quarto de oração sempre será estéril. Abençoado é o pregador cujo púlpito e quarto de oração estão muito próximos um do outro e que vai de um para o outro. Não consagrar um lugar à oração é fazer uma pobre exibição, não apenas na oração, mas na vida santa, pois a oração secreta e a vida de santidade estão tão unidas que não podem ser separadas. Um pregador ou um cristão pode viver uma vida decente

sem oração no lugar secreto, mas decência e santidade são duas coisas muito diferentes. E a última é alcançada apenas no quarto de oração.

Um pregador pode pregar de modo formal, divertido e erudito sem oração, mas entre esse tipo de pregação e plantar a semente preciosa da Palavra de Deus há uma distância difícil de cobrir.

Não há como exagerar ao declararmos que a oração, com todos os seus elementos envolvidos, é uma condição essencial do sucesso do Reino de Deus e que tudo o mais é secundário e suplementar. Somente pregadores de oração, homens e mulheres de oração podem levar esse evangelho com poder ofensivo. Somente eles podem acrescentar ao evangelho forças conquistadoras. Pregadores podem ser enviados aos milhares, seus equipamentos serem os mais completos, mas a menos que sejam homens habilidosos na oração, treinados em seu exercício marcial e exaustivo, faltarão poder e eficácia. Além disso, a não ser que os homens e mulheres que estão por trás desses pregadores, e que fornecem seus equipamentos, sejam homens e mulheres em cujo caráter a oração se tornou um esforço sério, suas energias serão em vão e sem proveito.

A oração deveria ser o acompanhamento inseparável de todo esforço missionário e deve ser o equipamento dos missionários quando saem para seu campo de trabalho e entram em suas tarefas arriscadas e de responsabilidade. Oração e missões andam de mãos dadas. Um missionário que não ora fracassa antes de ter saído, enquanto está fora e quando retorna a sua terra natal. Um comitê de missões sem oração também precisa aprender a lição da necessidade de oração.

A oração entroniza Deus como soberano e eleva Jesus Cristo a sentar-se com ele, e, se os pregadores cristãos tivessem utilizado plenamente o poder da oração, há muito se diria: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo” (Apocalipse 11.15). Acrescida a todos os alvos missionários, ao dinheiro levantado para missões, aos muitos enviados aos campos de necessitados, está a oração. As missões têm suas raízes na oração e devem ter a oração em todos os seus planos, e a oração deve preceder, ir junto e seguir todos os missionários e trabalhadores. Diante de todas as dificuldades que se apresentam à Igreja em sua enorme tarefa na terra e aos quase sobrenaturais e complexos obstáculos no caminho da evangelização do mundo, Deus nos encoraja com suas firmes promessas: “Clame a mim e eu responderei e direi a você coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece” (Jeremias 33.3). As revelações de Deus àquele que tem um espírito de oração vão muito além dos limites da oração. Deus se compromete a responder a uma oração específica, mas ele não para por aí. Ele diz: “Pergunte-me sobre as coisas vindouras, sobre meus filhos, e me dê ordens sobre o trabalho das minhas mãos” (Isaías 45.11, tradução livre). Reflita sobre esse admirável compromisso de Deus com aqueles que oram, “dê ordens”. Ele de fato se submete às ordens dos pregadores e da igreja que oram. E essa é uma resposta suficiente a todas as dúvidas, medos e incredulidade e uma maravilhosa inspiração para fazer a obra de Deus da maneira dele, o que significa dizer pela maneira da oração.

Para fortalecer ainda mais a fé de seus ministros e da Igreja, para defender e reforçar a defesa contra qualquer tentação à dúvida ou ao desânimo, ele declara pela boca do grande apóstolo aos gentios: “Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos [...]” (Efésios 3.20).

É inquestionável o ensino de que os pregadores ao realizarem as tarefas que Deus lhes ordenou, em oração, podem dar ordem a Deus, o que quer dizer ordenar sua capacidade, sua presença e seu poder. “Eu estarei com você” é a resposta a cada ministro sincero de Deus que pede. Todos os homens que foram chamados por Deus para o ministério têm o privilégio de estender suas orações a

regiões às quais nem as palavras nem o pensamento podem chegar e têm a permissão de receber de Deus além do que pediram e, por suas orações, o próprio Deus, e mais: “coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece”.

Oração verdadeira do coração, vida de oração, oração pelo poder do Espírito, oração direta, específica, ardente e simples — é esse o tipo de oração que pertence legitimamente ao púlpito. Esse é o tipo exigido agora mesmo dos homens que ocupam o púlpito. Não há escola para aprender a orar em público, a não ser o quarto de oração. Pregadores que aprendem a orar no quarto de oração dominam o segredo da oração no púlpito. Trata-se apenas de um pequeno passo da oração secreta eficaz para a viva e efetiva oração no púlpito. Boa oração no púlpito é decorrência de boa oração em secreto. O resultado de não usar o quarto de oração é oração fria, formal e sem vida no púlpito. Estude como orar, ó pregador, mas não estudando as formas da oração, e sim participando da escola de oração ajoelhado diante de Deus. É aqui que aprendemos não somente a orar diante de Deus, mas também a orar na presença dos homens. Aquele que aprendeu o caminho do quarto de oração descobriu o caminho da oração quando está no púlpito.

Com que facilidade nos tornamos profissionais e repetitivos na mais sagrada incumbência! Henry Martyn aprendeu uma difícil lição, que cultivar e aperfeiçoar a justiça pessoal era o maior e principal fator para o verdadeiro êxito do pregador. De mesma forma, aquele que aprendeu a difícil lição de que oração viva, espiritual e eficaz no púlpito é resultado de oração secreta regular, aprendeu bem sua lição. Além disso, seu trabalho como pregador dependerá de sua oração.

A grande necessidade do momento é de homens que orem bem no púlpito, bem como de bons pregadores. Assim como a pregação viva e espiritual é o tipo que impressiona e move os homens, igualmente o mesmo tipo de oração no púlpito move e impressiona Deus. O pregador não é apenas chamado para pregar bem, mas também deve ser chamado para orar bem. Não que ele seja chamado para orar segundo o modelo dos fariseus que amam estar em público e orar para que sejam vistos e ouvidos pelos homens. O tipo correto de oração no púlpito é muito distante da oração farisaica, tão distante como a luz das trevas, tanto quanto o calor do frio, e a vida da morte.

Onde estamos? O que estamos fazendo? Pregador é o serviço mais elevado que um homem pode fazer. E a oração anda de mãos dadas com a pregação. É um serviço poderoso, grandioso. Pregador é um serviço que gera vida, plantando as sementes da vida eterna. Que possamos fazer bem essa tarefa, realizá-la segundo as ordens de Deus, realizá-la com êxito! Que possamos realizar divinamente bem, para que, quando o fim chegar, o solene final da provação terrena, possamos ouvir do grande Juiz de toda a terra: “[...] ‘Muito bem, servo bom e fiel! [...] Venha e participe da alegria do seu senhor!’” (Mateus 25.23).

Quando refletimos sobre a grande questão da pregação, somos levados a exclamar: “Com que reverência, simplicidade e sinceridade isso deveria ser feito!”. Que verdade no interior se exige a fim de que seja feita de forma acessível a Deus e com vantagem para os homens! Quão reais, verdadeiros e leais são aqueles que a praticam como deve ser! Como é grande a necessidade de orar como Cristo orou, com fortes clamores e lágrimas, com santo temor! Que nós, como pregadores, possamos pregar de fato, sem fingimento, não meramente com palavras formais, e sem declarações insípidas, frias, profissionais, mas, sim, com a pregação movida pela oração! A pregação que gera vida nasce da oração que gera vida. Pregação e oração sempre andam juntas, como irmãs siamesas, e não podem nunca estar separadas, sem que haja a morte de uma ou de outra, ou de ambas.

Este não é o momento para métodos diplomáticos nem para pregações sentimentalistas. Este não

é o momento para bancar o cavaleiro como pregador nem para vestir o manto do estudioso no púlpito, se pretendemos discipular todas as nações, destruir a idolatria, esmagar as forças severas e hostis do islamismo e superar e destruir as tremendas forças do mal que se opõem ao Reino de Deus neste mundo. Homens corajosos, verdadeiros, homens de oração, — que nada temem, a não ser Deus — são o tipo de homens de que precisamos agora mesmo. Não haverá como esmagar as forças do mal que agora mantêm o mundo em escravidão, nem retirar as hordas infames do paganismo para a luz e para a vida eterna, a não ser por homens de oração. Todos os outros estão meramente brincando de religião, soldados fictícios, sem armadura nem munição, completamente desamparados diante de um mundo mau e contraditório. Apenas os soldados e os servos de Jesus Cristo podem realizar essa obra tremenda. “Suporte comigo os meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus” (2Timóteo 2.3), clama o grande apóstolo. Este não é o momento de pensar no eu, de consultar a dignidade, de conferir com carne e sangue, de pensar em facilidade, ou de fugir da dificuldade, dor e perda. Esta é a hora do esforço, do sofrimento e da abnegação. Devemos deixar tudo por Cristo para poder ganhar tudo para Cristo. Precisa-se de homens no púlpito, bem como nos bancos, que sejam “corajosos para levantar, firmes para sustentar a cruz sagrada”. Eis o tipo de pregadores que Deus deseja. E esse tipo nasce de muita oração. Nenhum homem é suficiente para essas coisas se for um pregador que não ora. Somente pregadores de oração podem suprir a exigência e estar capacitados para a emergência.

O evangelho de Jesus não tem satisfação nem vida nele quando é proferido por lábios sem oração ou mãos que não oram. Sem oração, as doutrinas de Cristo degeneram para ortodoxia morta. Pregá-lo sem o auxílio do Espírito de Deus que vem sobre a mensagem do pregador apenas por meio da oração não passa de mera preleção, sem vida, sem força nem poder. Não vale mais do que vivo racionalismo ou sentimentalismo doentio. “[E] nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra” (Atos 6.4) era o propósito definido e declarado do ministério apostólico. O Reino de Deus espera pela oração, e a oração dá asas e poder ao evangelho. Por meio da oração, o Reino conquista e avança rapidamente.

Se a oração for deixada de lado, o pregador não passará de um conferencista, político ou professor secular. O que o distingue de todos os outros que falam em público é a oração. E, como a oração está relacionada a Deus, isso significa que o pregador tem Deus com ele, ao passo que outros oradores não precisam de Deus com eles para tornarem efetivas suas mensagens públicas. O pregador acima de tudo é um homem espiritual, um homem do Espírito que lida com coisas espirituais. E, isso implica que ele está relacionado a Deus no trabalho do púlpito em um sentido santo e elevado. O mesmo não se pode dizer a respeito de qualquer outro orador. Portanto, a oração deve necessariamente ir com o pregador em sua mensagem. A intelectualidade pura é a única qualificação para outros oradores. A espiritualidade que nasce da oração pertence ao pregador.

No Sermão do Monte, Jesus Cristo fala repetidamente sobre oração. Ela se destaca em suas declarações naquela ocasião. A lição de oração que ele ensinou era sobre santificar o nome de Deus, de impulsionar o Reino de Deus. Devemos ansiar pela vinda do Reino de Deus. Ela deve ser esperada e deve ser prioridade em nossa conversa com Deus. A vontade de Deus deve ter seu caminho real no coração e na vontade daquele que ora. Nosso Senhor expressa a urgência de que os homens devem orar com fervor, pedindo, buscando, batendo a fim de santificarem o nome de Deus, trazerem sua vontade e avançarem o Reino entre os homens.

Tenhamos em mente que, embora esta lição sobre oração esteja relacionada a todos os homens,

tem uma aplicação peculiar ao ministério, pois foram os 12 pretensos pregadores que fizeram o pedido a nosso Senhor Jesus Cristo: “[...] ‘Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele’” (Lucas 11.1). Portanto, essas palavras foram ditas primeiramente aos 12 homens que estavam iniciando seu serviço como ministros. Como Lucas registra, Jesus estava falando a pregadores. Igualmente fala aos pregadores de hoje. Como ele enfatizou aos Doze a necessidade do ministério da oração! O ministro de hoje precisa que as mesmas lições lhe sejam ensinadas e precisa da mesma urgência que os estimule à oração como hábito de vida.

Não obstante tudo que possa declarar a seu respeito, e quantas coisas boas podem ser creditadas a ele, um pregador sem oração nunca aprenderá bem a verdade de Deus que ele é chamado a declarar com toda a fidelidade e simplicidade de fala. Cego e ainda mais cego ele será se viver uma vida sem oração. Um ministro sem oração não pode conhecer a verdade de Deus, e, sem conhecê-la, não pode ensiná-la aos ignorantes. Aquele que nos ensina o caminho da oração deve antes de tudo caminhar nesse mesmo caminho. Um pregador não pode ensinar o que ele não sabe. Um líder cego guiando outros cegos será o pregador que for alheio à oração. A oração abre os olhos do pregador e os mantém atentos ao mal, ao perigo do pecado e à penalidade em que ele incorre. Um líder cego guiando cegos será a vocação daquele que não ora em sua própria vida.

A melhor e maior oferta que a Igreja e o ministro podem fazer a Deus é uma oferta de oração. Se os pregadores do século XX aprenderem bem a lição da oração e a utilizarem plenamente em toda a sua eficácia inexaurível, o Milênio chegará à plena luz do meio-dia antes do fim do século.

O pregador da Bíblia ora. Ele é cheio do Espírito Santo, cheio da Palavra de Deus e cheio de fé. Ele tem fé em Deus, fé no Filho unigênito de Deus, seu Salvador pessoal, e tem fé implícita na Palavra de Deus. Ele não pode fazer outra coisa, senão orar. Ele não pode ser outra coisa, senão um homem de oração. O sopro de sua vida e as pulsações do coração são oração. O pregador da Bíblia vive pela oração, ama pela oração e prega pela oração. Seus joelhos dobrados no lugar secreto da oração advertem que tipo de pregador ele é.

Pregadores podem perder a fé em Deus, em Jesus Cristo como Salvador pessoal e presente, perderem a paz de Deus e deixarem que a alegria da salvação abandone o coração e, mesmo assim, não ter consciência disso. Como é necessário que o pregador esteja continuamente se examinando e investigando sua relação pessoal com Deus e seu estado religioso! Os pregadores, assim como os filósofos de antigamente, podem submeter-se a um sistema e lutar por ele fervorosamente depois de terem perdido toda a fé em seus grandes feitos. Homens no púlpito com coração incrédulo ministram nos altares da Igreja, embora desconheçam os mais sagrados e vitais princípios do evangelho.

É uma tarefa comparativamente fácil para os pregadores o fato de ficarem tão absorvidos nos assuntos materiais e externos da Igreja a ponto de perder de vista a própria alma, esquecer-se da necessidade de oração, tão importante para manter a própria alma viva para Deus, e perder a doçura interior da experiência cristã.

A oração na qual consiste grande parte da pregação determina a si mesma. O caráter da nossa oração determinará o caráter da nossa pregação. Oração levada a sério dará verdadeiro peso à pregação. A oração fortalece a pregação, dá a ela unção e faz que permaneça. Em todo ministério, influente para o bem, a oração sempre foi um assunto sério que profetiza o bem.

Não há como enfatizar mais e mais profundamente: o pregador deve ser preeminentemente um

homem de oração.

Ele deve aprender a orar e estimar de tal forma a oração e seu grande valor que sente que não pode permitir-se omiti-la de seus deveres particulares. Seu coração deve estar sintonizado com a oração, ao passo que ele mesmo toca as notas mais elevadas da oração. Na escola da oração, somente o coração pode aprender a pregar. Dons, estudo, inteligência não podem substituir o fracasso na oração. Nenhum fervor, diligência, estudo ou serviço social suprirão sua falta. Falar aos homens por Deus pode ser uma grande coisa e pode ser muito louvável. Mas falar a Deus pelos homens é ainda mais valoroso e recomendável.

O poder da pregação bíblica não está simplesmente na enorme devoção à Palavra de Deus e na paixão pela verdade de Deus. Tudo isso é essencial, valioso e útil. Acima de tudo isso, porém, deve estar o senso da presença divina e a consciência do poder divino do Espírito de Deus no pregador e nele como pessoa. Ele deve ter unção, capacitação, o selo do Espírito Santo para a grande obra da pregação, a fim de que esteja atento à voz de Deus e receba o poder da destra de Deus, de modo que esse pregador da Bíblia possa dizer: “Quando as tuas palavras foram encontradas, eu as comi; elas são a minha alegria e o meu júbilo, pois pertenço a ti, Senhor Deus dos Exércitos” (Jeremias 15.16).

9. O EQUIPAMENTO DA ORAÇÃO PARA PREGADORES

Volte! Volte àquele cenáculo; volte aos joelhos; volte a esquadrihar o coração e os hábitos, pensamentos e vida; volte a clamar, orar, esperar até que o Espírito do Senhor inunde a alma com luz e você seja revestido de poder do alto. Depois, vá no poder do Pentecoste, e a vida de Cristo será vivida, e as obras de Cristo serão realizadas. Você abrirá olhos de cegos, limpará corações imundos, quebrará os grilhões dos homens e salvará a alma deles. No poder do Espírito que habita em você, os milagres se tornam comuns na vida diária.

SAMUEL CHADWICK

PRATICAMENTE AS ÚLTIMAS PALAVRAS proferidas por nosso Senhor antes de sua ascensão ao céu foram as dirigidas aos 11 discípulos, palavras que, na realidade, foram ditas e estavam diretamente relacionadas a pregadores, palavras que indicam muito claramente a aptidão necessária que esses homens devem ter para pregar o evangelho, a começar em Jerusalém: “fiquem na cidade ”, disse Jesus, “até serem revestidos do poder do alto” (Lucas 24.49).

Duas coisas estão muito claras nessas instruções urgentes. Primeira, o poder do Espírito Santo pelo qual eles deveriam esperar. O Espírito seria recebido após a conversão deles, um requisito indispensável, equipando-os para a grande tarefa que tinham pela frente. Em segundo lugar, “a promessa do Pai”, esse “poder do alto”, viria sobre eles depois de terem esperado em oração constante e fervorosa. A referência de Atos 1.14 revelará que esses mesmos homens, em conjunto com as mulheres, “se reuniam sempre em oração” e continuaram assim até o dia de Pentecoste, quando o poder do alto desceu sobre eles.

Tal “poder do alto” tão importante para os primeiros pregadores como para os pregadores de hoje não era a força de um intelecto poderoso, compreendendo grandes verdades, inundando-as de luz e dando-lhes forma e beleza verbal. Tampouco era a aquisição de um grande aprendizado nem resultado de um discurso perfeito e completo pelas regras da retórica. Nada disso. Nem tal poder espiritual estava preso então, nem está preso agora em manter qualquer fonte terrena de poder. O efeito e a energia de todas as forças humanas são essencialmente diferentes em fonte e caráter e não resultam de forma alguma desse “poder do alto”. A transmissão de tal poder vem diretamente de Deus, uma concessão, em rica medida, da força e energia que pertencem apenas a Deus e que são transmitidas a seus mensageiros somente em resposta a uma atitude de anseio, luta da alma perante seu Mestre, consciente de sua própria impotência e buscando a onipotência do Senhor a quem serve, a fim de entender mais plenamente a Palavra enviada e pregá-la aos homens.

O “poder do alto” pode ser encontrado em combinação com todas as fontes de poder humano, mas não deve ser confundido com elas, não depende delas e nunca deve ser superado por elas. Qualquer dom, talento ou força humana que um pregador possa possuir não pode ser mais importante nem mesmo mais evidente. Devem estar escondidos, perdidos, obscurecidos pelo “poder do alto”. As forças do intelecto e da cultura podem estar todas presentes, mas sem poder interior,

recebido do céu, todo esforço espiritual é vão e inútil. Mesmo quando faltam outras capacitações, se houver esse “poder do alto”, um pregador não pode deixar de ser bem-sucedido. É a força vital essencial e mais importante que um mensageiro de Deus deve possuir para dar asas a sua mensagem, pôr vida na pregação e capacitá-lo a falar a Palavra com aceitação e poder.

Uma palavra é necessária aqui. É preciso ter em mente as distinções. Devemos pensar com clareza sobre essa questão. “Poder do alto” significa “unção do Espírito Santo” repousando e habitando no pregador. Não é tanto um poder que testemunha ao homem que este é filho de Deus, mas uma preparação para entregar a Palavra aos outros. Unção deve ser distinguida de páthos. O páthos pode existir em um sermão e a unção estar totalmente ausente. Assim também, a unção pode estar presente e o páthos, ausente. Ambos podem existir juntos, mas não devem ser confundidos nem fazer que pareçam a mesma coisa. O páthos promove emoção, sentimentos de piedade, às vezes lágrimas. Com frequência resulta da relação de um incidente comovente ou quando o lado terno é apelado de forma especial. Mas páthos não é o resultado nem direto nem indireto do Espírito Santo que repousa sobre o pregador enquanto ele prega.

No entanto, a unção sim. Aqui recebemos evidência da atuação de uma indeterminável ação no pregador, que resulta diretamente da presença do “poder do alto”, profundo, consciente, que dá vida, concedendo poder e objetividade à Palavra pregada. É o elemento em um sermão que desperta, perturba, convence e move a alma de santos e pecadores. É disso que o pregador precisa, a grande capacitação pela qual ele deveria esperar e orar. Tal “unção do Espírito Santo” liberta da sequidão, salva da superficialidade e dá autoridade à pregação. É a qualidade que distingue o pregador do evangelho de outros homens que falam em público; é isso que faz um sermão único, diferente da opinião de qualquer outro orador público.

A oração é a língua de um homem sobrecarregado com um senso de necessidade. É a voz do pedinte, consciente de sua pobreza, pedindo a outro as coisas de que necessita. Não é apenas a língua da escassez, mas da escassez sentida, da escassez percebida conscientemente. “Bem-aventurados os pobres em espírito” (Mateus 5.3) significa não apenas que o fato da pobreza de espírito traz a bênção, mas também que a pobreza de espírito é percebida, conhecida e reconhecida. A oração é a linguagem daqueles que necessitam de alguma coisa — alguma coisa que eles mesmos não podem suprir, mas que Deus lhes prometeu e pela qual pedem. No final, a oração pobre e a falta de oração têm o mesmo resultado, pois a oração pobre procede da falta do senso de necessidade, ao passo que a falta de oração tem sua origem no mesmo solo. Não orar não é somente declarar que não se precisa de nada, mas admitir que não se percebe essa necessidade. É isso que agrava o pecado da falta de oração. Ela representa uma tentativa de instituir uma independência de Deus, um governo autossuficiente de Deus fora da vida. É uma declaração que fazemos a Deus de que não precisamos dele e por isso não oramos a ele.

Esse é o estado em que o Espírito Santo, em suas mensagens às sete igrejas da Ásia, encontrou a igreja de Laodiceia, e o “estado laodicense” passou a significar um estado em que Deus não governa, do qual foi expulso da vida, posto para fora do púlpito. A condenação completa dessa igreja é resumida na expressão “não preciso de nada” (Apocalipse 3.17). Esse é o estado mais alarmante em que uma pessoa, igreja ou pregador pode se encontrar. Confiando em suas riquezas, em sua posição social, em coisas exteriores e materiais, a igreja de Laodiceia omitiu Deus, deixando-o de fora dos planos e do trabalho da igreja, e declarou com seus atos e por sua omissão na oração: “não preciso de nada”.

Não surpreende que a declaração de autossuficiência resulte em uma sentença de punição: “Assim, porque você é morno, não é frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca” (Apocalipse 3.16). A ideia expressa é que tal estado de retrocesso no coração é tão repulsivo para Deus como um emético é para o estômago humano, e, como esse estômago expelle o que é censurável, assim o Deus todo-poderoso ameaça “vomitar da boca” tais pessoas que estavam em uma condição religiosa tão repulsiva a ele. Tudo isso provinha de um estado do coração sem oração, pois ninguém consegue ler a palavra do Espírito à igreja de Laodiceia e não ver que o âmago de seu pecado era a falta de oração. Como poderia uma igreja dedicada à oração declarar aberta e orgulhosamente “não preciso de nada” depois da afirmação do Espírito de que ela precisava de tudo: “[...] ‘Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu’” (Apocalipse 3.17)?

Além do pecado de autossuficiência e independência de Deus, os laodicenses estavam espiritualmente cegos. Que visão embotada, que cegueira de alma! Essas pessoas não oravam e não sabiam das consequências da falta de oração. Elas tinham falta de tudo que forma a vida espiritual, força e piedade; supunham, inutilmente, que não precisavam de nada, a não ser riqueza material, fazendo assim das posses temporárias um substituto para a riqueza espiritual, deixando Deus inteiramente de fora das atividades deles, confiando em recursos materiais e humanos para fazerem a obra que só era possível ao divino e sobrenatural e assegurada somente pela oração.

Não podemos esquecer de que essa carta (em comum com as outras seis) era primeiramente dirigida ao pregador encarregado da igreja. Tudo isso fortalece a impressão de que o “anjo da igreja” estava em tal estado de mornidão. Ele mesmo estava vivendo uma vida sem oração, confiando em coisas em vez de em Deus, como se dissesse “não preciso de nada”. Pois essas palavras são a expressão natural do espírito daquele que não ora, que não se importa com Deus e que não sente a necessidade deste em sua vida, em seu trabalho, em sua pregação. Além disso, as palavras do Espírito parecem indicar que o “anjo da igreja” de Laodiceia era indiretamente responsável pela triste condição em que a igreja caíra.

Será que não encontramos esse tipo de igreja nos tempos modernos? Não é provável que encontremos alguns pregadores dos tempos modernos que cairiam sob uma condenação semelhante àquela decretada ao “anjo da igreja” de Laodiceia?

Os pregadores da era atual excedem aqueles do passado em muitos, possivelmente em todos os elementos humanos do sucesso. Eles estão em condição de igualdade com a época em aprendizado, pesquisa e vigor intelectual. Mas essas coisas não asseguram “poder do alto”, nem garantem uma experiência religiosa viva e próspera ou uma vida justa. Esses dons puramente humanos não trazem uma percepção das coisas profundas de Deus, nem fé firme nas Escrituras, nem uma intensa lealdade à revelação divina de Deus.

A presença desses talentos humanos mesmo em sua forma mais grandiosa e impressionante e em rica medida não diminui em nada a necessidade de acrescentar o dom do Espírito Santo. Aqui está o grande perigo que ameaça o púlpito hoje. Ao nosso redor vemos uma tendência de substituir o poder interior que vem do alto em resposta à oração fervorosa por dons humanos e talentos mundanos.

Em muitos casos, a pregação moderna parece falhar exatamente nas coisas que deveriam dar vida e distinguir a verdadeira pregação, no que é essencial para sua existência e naquilo que pode fazer dela uma ação divina e poderosamente agressiva. Falta-lhe, resumindo, “o poder do alto” que pode

fazer dela algo vivo. Ela falha em se tornar o canal por meio do qual o poder salvador de Deus pode apelar à consciência e ao coração do homem.

Com frequência, a pregação moderna falha no ponto fundamental por falta de exercer uma influência poderosa que perturbe o sono seguro dos homens e os desperte para um senso de necessidade e perigo. Há uma necessidade crescente de um apelo que avive e desperte a consciência de seu torpor ignóbil e de um senso de erro e correspondente senso de arrependimento. Há a necessidade de uma mensagem que vasculhe os lugares secretos do homem, dividindo, por assim dizer, juntas e medulas e expondo as misteriosas profundezas diante dele mesmo e de seu Deus. Muito da pregação de hoje não tem essa qualidade que infunde sangue novo no coração e nas veias da fé, que fornece coragem e habilidade para a batalha com os poderes das trevas e assegura a vitória sobre as forças do mundo.

Tal fim elevado e nobre nunca será alcançado por qualificações humanas, nem tais grandes resultados podem ser assegurados por um púlpito revestido apenas de elementos humanos de poder, por mais graciosos, cômodos e úteis que possam ser. O Espírito Santo se faz necessário. Somente ele pode equipar o ministro para sua difícil tarefa e responsabilidade no púlpito e fora dele. Que os pregadores de hoje possam ver que sua grande necessidade é receber “poder do alto” e que essa necessidade só pode ser assegurada pelo uso dos meios de graça determinados por Deus — o ministério da oração.

A oração é necessária ao pregador para que seu relacionamento pessoal com Deus seja sustentado e porque não há diferença entre ele e qualquer outro homem no que diz respeito à sua salvação pessoal. Ele deve exercitar isso “com temor e tremor”, assim como devem fazer todos os outros homens. Portanto, a oração é muito importante para o pregador para que ele possua uma crescente experiência religiosa e seja capacitado a viver de tal maneira que seu caráter e conduta respaldem sua pregação e concedam força à sua mensagem.

Um homem deve ter oração presente no serviço do púlpito, pois nenhum ministro pode pregar eficazmente sem oração. Ele também precisa usar a oração em favor dos outros. Paulo era um exemplo notável de pregador que orava constantemente por aqueles a quem ministrava.

Chegamos, porém, agora, a outra esfera da oração, aquela das pessoas que oram pelo pregador. “[...] irmãos, orem por nós” (2 Tessalonicenses 3.1), esse é o clamor de Paulo e tem sido o de pregadores espiritualmente atentos — aqueles que conhecem Deus e o valor da oração — em todas as eras subsequentes. Nem o sucesso nem o contrário dele devem diminuir o clamor. Nem cultura nem abundância de talentos devem fazer que esse clamor cesse. Tanto pregador instruído quanto o inculto têm igual necessidade de clamar às pessoas às quais serve: “Ao mesmo tempo, orem também por nós [...]” (Colossenses 4.3). Tal clamor dá voz à necessidade do coração do pregador que percebe como precisa da empatia do povo para estar em harmonia com seu ministério. É a expressão do homem interior de um pregador que sente sua insuficiência para as tremendas responsabilidades do púlpito, que percebe sua fraqueza e sua necessidade de unção divina e que se lança às orações de sua congregação e clama a eles: “Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem [...]” (Efésios 6.19). É o clamor de uma necessidade profunda no coração do pregador que sente que precisa das orações feitas em favor dele a fim de que faça seu trabalho do modo de Deus.

Quando o pedido para que o povo ore pelo pregador é frio, formal e oficial, o resultado é congelamento em vez de frutificação. Ignorar a necessidade de clamor é ignorar as fontes do sucesso

espiritual. Falhar em enfatizar o clamor e em responder a ele é enfraquecer as fontes de vida espiritual. Os pregadores devem soar o clamor para a Igreja de Deus. Santos em todos os lugares e de todos os tipos respondem rapidamente com toda a fé e oram pelo pregador. A necessidade imperativa do serviço exige isso. “Orem por nós” é o clamor natural do coração de homens chamados por Deus — fiéis pregadores da Palavra.

Orações dos santos na igreja primitiva ajudaram poderosamente a pregação apostólica e resgataram homens apostólicos de muitas dificuldades dolorosas. Elas podem fazer a mesma coisa hoje. Podem abrir portas para esforços apostólicos e para lábios apostólicos declararem poderosa e verdadeiramente a mensagem do evangelho. Movimentos apostólicos esperam ser formados pela oração, e avenidas há muito fechadas são abertas para a entrada apostólica por meio do poder da oração. O mensageiro recebe sua mensagem e é orientado a como levar e entregar a mensagem por meio da oração. O precursor do evangelho e o que prepara o caminho é a oração; não apenas somente através da oração do próprio pregador, mas pela oração da Igreja de Deus.

Escrevendo sobre isso em sua segunda epístola aos Tessalonicenses, Paulo é geral em seu pedido e diz: “[...] irmãos, orem por nós [...]”. Depois, torna-se mais minucioso e específico:

Finalmente, irmãos, orem por nós, para que a palavra do Senhor se propague rapidamente e receba a honra merecida, como aconteceu entre vocês. Orem também para que sejamos libertos dos homens perversos e maus, pois a fé não é de todos (2Tessalonicenses 3.1,2).

“A palavra” significa doutrina, e a ideia é que essa doutrina do evangelho se propague rapidamente, uma metáfora retirada de correr em uma corrida. Trata-se de uma exortação a esforçar-se, empenhar-se arduamente, empregar força. Assim, a oração para a propagação do evangelho concede a mesma energia à Palavra do Senhor, como o maior empenho de força dá sucesso ao corredor. Oração nos bancos da igreja concede energia, desembaraço e êxito à palavra pregada. Pregação sem o respaldo de poderosa oração é um esforço hesitante e inútil. Falta de oração nos bancos é um empecilho sério à propagação da mensagem de Deus.

A pregação da Palavra do Senhor falha na propagação e em ser glorificada por muitas causas.

A dificuldade pode estar no próprio pregador, se sua conduta exterior não estiver em harmonia com a regra da Escritura e sua própria profissão. A Palavra vivida deve estar de acordo com a Palavra entregue; a vida deve estar em harmonia com o sermão. O espírito e o comportamento do pregador fora do púlpito devem correr em paralelo com a Palavra do Senhor falada no púlpito. De outra forma, o homem é um obstáculo à própria mensagem.

Mais uma vez, a Palavra do Senhor pode falhar em ser propagada, pode ser seriamente comprometida e enfraquecida por incoerência na vida dos ouvintes. Uma vida de pouca qualidade nos bancos da igreja incapacitará seriamente a Palavra do Senhor, ao tentar correr a carreira proposta. Vida pecaminosa entre os leigos pesa muito sobre a Palavra do Senhor e dificulta o trabalho do ministro. Entretanto, a oração removerá esse fardo, que é um sério empecilho para a Palavra pregada. A tendência será fazê-lo de uma forma direta ou indireta. Quando os leigos começam a orar pelo pregador ou por eles mesmos, a consciência é despertada, o coração é movido e tende a corrigir os maus caminhos e a promover uma vida justa.

Nenhum homem vai orar por muito tempo e continuar em pecado. A oração destrói maus

hábitos, mas a vida ímpia destrói a oração. A oração vai à bancarrota quando um homem continua pecando. Obedecer ao clamor do pregador — “[...] irmãos, orem por nós [...]” — leva os homens a fazer aquilo que induzirá uma vida correta e tenderá a afastá-los do pecado. Portanto, há muito valor em levar os leigos a orar pelo ministro. A oração ajuda o pregador, é um auxílio ao sermão, ajuda aquele que ouve e promove a vida justa nos bancos da igreja.

A oração também move aquele que ora pelo pregador e pela Palavra do Senhor a usar toda a sua influência para remover qualquer empecilho à Palavra que ele percebe e que esteja em seu poder remover.

Contudo, a oração alcança o pregador diretamente. Deus ouve a oração da igreja por seu ministro. A oração pela Palavra pregada é uma ajuda direta. A oração pelo pregador dá asas ao evangelho, bem como aos pés. A oração faz que a Palavra do Senhor avance com rapidez e força. Ela tira as algemas da mensagem e lhe dá uma chance de correr diretamente ao coração dos pecadores e dos santos. Ela abre caminho, limpa a trilha, abre o curso. O fracasso de muitos pregadores talvez se encontre aqui. Eles talvez tenham sido impedidos, atrasados, incapacitados por uma igreja que não ora. Oficiais que não oram ficaram no caminho da Palavra pregada e se tornaram pedras de tropeço nesse caminho, impedindo definitivamente que se alcançasse o coração dos descrentes.

Incredulidade e falta de oração andam juntos. Está escrito a respeito do nosso Senhor no evangelho de Mateus que, quando ele entrou em sua própria cidade, “não realizou muitos milagres ali, por causa da incredulidade deles” (13.58). Marcos relata de forma um pouco diferente, mas dá a mesma ideia: “E não pôde fazer ali nenhum milagre, exceto impor as mãos sobre alguns doentes e curá-los. E ficou admirado com a incredulidade deles” (Marcos 6.5,6). Inquestionavelmente a incredulidade daquelas pessoas impediu nosso Senhor em sua graciosa obra e amarrou suas mãos. E, se isso é verdade, não é preciso ir além da Escritura quando dizemos que a incredulidade e a falta de oração na igreja podem atar as mãos do pregador e impedi-lo de fazer muitas obras maravilhosas na salvação de almas e na edificação dos santos. Portanto, a falta de oração, no que diz respeito ao pregador, é um assunto muito sério. Se ela existe no próprio pregador, então ele ata as próprias mãos e faz que a Palavra que prega seja vazia e ineficaz. Se homens que não oram estiverem nos bancos da igreja, então isso fere o pregador, rouba-o de uma ajuda inestimável e interfere seriamente no sucesso de sua obra. Como precisamos de uma igreja que ore para ajudar a pregação da Palavra de nosso Senhor! Tanto os bancos como o púlpito estão juntamente envolvidos na questão da pregação. É uma parceria. Os dois andam de mãos dadas. Um deve ajudar o outro e um pode atrapalhar o outro. Ambos devem trabalhar em perfeita sintonia, ou sérios prejuízos resultarão e o plano de Deus em relação ao pregador e à Palavra pregada será derrotado.

10. O CLAMOR DO PREGADOR — OREM POR NÓS!

Que o verdadeiro pregador apostólico deve ter as orações dos outros — pessoas boas para darem ao ministério dele sua cota plena de sucesso, Paulo é um exemplo notável. Ele pede, ele anseia, ele implora de forma apaixonada pelo auxílio de todos os santos de Deus; ele sabia que no reino espiritual, como em todas as outras coisas, há força na união; que a consagração e a agregação de fé, o desejo e a oração aumentam o volume da força espiritual até que ela se torne avassaladora e irresistível em poder. A união de orações combinadas, como gotas de água, formam um oceano que desafia a resistência.

E. M. BOUNDS

ATÉ QUE PONTO ORAR pelo pregador auxilia a pregação? Ela o ajuda pessoal e oficialmente. Ajuda-o a manter uma vida justa, ajuda-o a preparar a mensagem e ajuda a Palavra pregada por ele a alcançar seu objetivo, sem empecilho e embaraço.

Uma igreja de oração gera uma atmosfera espiritual muito favorável à pregação. Que pregador, conhecendo qualquer coisa do real serviço da pregação, duvida da veracidade dessa declaração? O espírito de oração em uma congregação produz uma atmosfera sobrecarregada com o Espírito Santo, remove obstáculos e abre caminho à Palavra do Senhor. A própria atitude de tal congregação constitui um ambiente mais encorajador e favorável à pregação. Ela torna a pregação uma tarefa fácil; capacita a Palavra a correr rápida e desimpedidamente, ajudada pelo calor das almas envolvidas na oração.

Os homens nos bancos dados a orar em favor do pregador são como os postes que sustentam os fios pelos quais a corrente elétrica corre. Eles não são o poder, nem são os agentes específicos em tornar a Palavra de Deus eficaz. Mas eles sustentam os fios pelos quais o poder divino corre para o coração dos homens. Eles dão liberdade ao pregador, imunidade às limitações e o impedem de ser ignorado. Tornam as condições favoráveis para a pregação do evangelho. Pregadores, não poucos deles, que conhecem Deus, têm tido muitas experiências e estão cientes da verdade dessas afirmações. Todavia, como encontraram dificuldade para pregar em alguns lugares! Isso porque não tiveram “uma porta para a mensagem” e foram impedidos de entregá-la, não recebendo resposta para seus apelos. Por outro lado, em outros momentos, o pensamento fluiu facilmente, as palavras vieram livremente e não houve fracasso na proclamação. O pregador “teve liberdade”, como costumavam declarar os antigos.

A pregação da Palavra para uma congregação que não ora recai nos pés do pregador. Ela não tem força para avançar, porque a atmosfera é fria, insensível, desfavorável para que alcance o coração de homens e mulheres. Não há nada ali que possa ajudá-la. Assim como algumas orações não sobem acima da cabeça do pregador, assim também a pregação de alguns pregadores não vai além do púlpito do qual é proferida. É preciso oração no púlpito e nos bancos da igreja para tornar a pregação impressionante, doadora de vida e salvadora.

A Palavra de Deus está inseparavelmente ligada à oração. As duas são unidas, gêmeas de nascimento e gêmeas para a vida. Os apóstolos encontraram-se absorvidos pelo sagrado e insistente dever de distribuir as ofertas da igreja até não haver mais tempo para orarem. Eles determinaram que outros homens deveriam ser indicados para desenvolver essa tarefa para que pudessem entregar-se continuamente à oração e ao ministério da Palavra.

Da mesma forma, pode ser dito que a oração pelo pregador em favor da igreja também está inseparavelmente unida à pregação. Uma igreja que ora é um auxílio valoroso para o pregador fiel. A Palavra do Senhor avança em tal igreja “e é glorificada” na salvação de pecadores, na recuperação de apóstatas e na santificação dos cristãos. Paulo relaciona a Palavra de Deus com a oração ao escrever a Timóteo: “Pois tudo o que Deus criou é bom”, diz ele, “e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração” (1Timóteo 4.4,5).

E assim a Palavra do Senhor depende da oração para sua rápida divulgação e seu pleno sucesso.

Paulo indica que a oração transmuta os males que vêm ao pregador: “pois sei que o que me aconteceu resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo” (Filipenses 1.19). Foi por meio das orações deles que Paulo declara que esses benefícios viriam. Portanto, é por meio da oração da igreja que o pastor será o beneficiário de grandes coisas espirituais.

Na parte final da epístola aos Hebreus, temos o pedido de Paulo por oração em favor dele, dirigido aos cristãos hebreus, baseando esse pedido nas solenes e eternas responsabilidades do ofício de pregador:

Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria, não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês. Orem por nós. Estamos certos de que temos consciência limpa e desejamos viver de maneira honrosa em tudo (13.17,18).

Quão pouco a Igreja entende a terrível responsabilidade ligada ao serviço e obra do ministro! “Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas.” Deus colocou vigias para avisar quando o perigo se aproxima; Deus enviou mensageiros para repreender, corrigir e exortar com toda a paciência; ordenou pastores para proteger as ovelhas dos lobos devoradores. Que responsabilidade há nesse cargo! E eles devem prestar contas de seu serviço a Deus e enfrentarão um dia de ajuste de contas. Como esses homens precisam das orações daqueles aos quais ministra! E quem deveria estar mais pronto para essa oração do que o povo de Deus, sua própria Igreja, aqueles que presumivelmente compartilham afinidade de coração com o ministro e seu trabalho, cuja importância é total e divina em sua origem.

Entre as últimas mensagens de Jesus a seus discípulos estão as dos capítulos 14, 15 e 16 do evangelho de João. No capítulo 14, bem como nos outros, há alguns ensinamentos muito específicos sobre oração, designados para ajudar e encorajar no serviço futuro deles. Nunca podemos perder de vista o fato de que esses últimos discursos de Jesus Cristo foram entregues somente aos discípulos, distante das multidões, e parecem primeiramente direcionados a eles em seu ministério público. Na realidade, eram palavras proferidas para pregadores, pois esses 11 homens seriam os primeiros pregadores da nova dispensação.

Tendo isso em mente, podemos ver a tremenda importância que nosso Senhor deu à oração e a posição de destaque desta na vida e no serviço dos pregadores, tanto nos dias de hoje como naquele tempo.

Em primeiro lugar, nosso Senhor declara que irá orar pelos discípulos para que o Pai envie outro Consolador, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber. Ele antecedeu essa declaração com a ordem direta para que orassem, orassem por todas as coisas com a certeza de que receberiam o que pedissem.

Se, portanto, havia valor na oração deles e era de grande importância que nosso Senhor intercedesse por eles, então certamente seria importante que o povo a quem eles ministrariam também deveria orar em favor deles. Não surpreende, então, que o apóstolo Paulo imitasse nosso Senhor e diversas vezes interrompesse o discurso com a exortação urgente: “Orem por nós”.

Oração sincera feita por leigos ajuda de muitas formas, uma delas em especial. Ajuda muito materialmente o pregador a ser corajoso e verdadeiro. Leia o pedido de Paulo aos efésios:

Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos. Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador preso em correntes. Orem para que, permanecendo nele, eu fale com coragem, como me cumpre fazer (6.18-20).

Não temos como saber até que ponto a ousadia e a lealdade de Paulo dependiam das orações da igreja, ou melhor, quanto ele era ajudado nesses dois aspectos. Mas inquestionavelmente deve ter resultado das orações dos cristãos de Éfeso, Colossos e Tessalônica muito auxílio na pregação da Palavra, do qual ele estaria privado se tais igrejas não tivessemorado por ele. Da mesma maneira, nos tempos modernos, o dom da declaração pronta e eficaz é concedido a um pregador por meio das orações de uma igreja que ora.

O apóstolo Paulo não desejava que lhe faltasse a mais importante qualidade de um pregador do evangelho, ou seja, a ousadia. Ele não era covarde, nem oportunista, nem bajulador, mas precisava de oração a fim de que, por qualquer tipo de timidez, não falhasse em declarar toda a verdade de Deus, ou que por medo do homem a declarasse de modo hesitante e apologético. Ele desejava afastar-se tanto quanto possível de uma dessas atitudes. Seu desejo e esforço constante era declarar o evangelho com consagrada ousadia e com liberdade. “Quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho” — esse parecia ser seu grande desejo, e parecia, às vezes, que ele estava realmente com medo de que pudesse exibir covardia ou ser afetado por temor do homem.

Nos dias de hoje, há necessidade urgente de homens nos moldes do grande apóstolo — homens de coragem, bravura e verdade, que não são abalados pelo temor do homem ou reduzidos ao silêncio ou apologia por medo das consequências. E uma das formas de protegê-los é que as pessoas nos bancos das igrejas se envolvam em fervorosa oração pelos pregadores.

Nas palavras de Paulo aos presbíteros efésios ditas quando estava a caminho de Jerusalém, ele justifica-se da acusação de culpa de sangue dizendo que não havia falhado em declarar-lhes todo o conselho de Deus. Também a seus irmãos de Filipos, diz que por meio de suas orações ele não ficaria nem envergonhado nem com medo.

Nada, talvez, possa ser mais prejudicial ao avanço do Reino de Deus entre os homens do que uma declaração tímida ou duvidosa da verdade revelada. O homem que declara apenas a metade do que acredita está lado a lado com o homem que declara plenamente a metade em que acredita. Nenhum covarde pode pregar o evangelho e declarar todo o conselho de Deus. Para isso, um homem precisa estar em atitude de batalha não por paixão, mas por causa de profunda convicção, forte consciência e plena coragem. A fé está sob custódia de um coração valente, ao passo que a timidez se rende sempre a um espírito bravo. Paulo orou e insistiu que outros orassem para que ele fosse um homem de coragem resoluto, bravo o suficiente para fazer qualquer coisa, menos pecar. O resultado dessa oração mútua é que a História não tem melhor exemplo de coragem em um ministro de Jesus Cristo do que a testemunhada na vida do apóstolo Paulo. Ele ocupa a posição de destaque como pregador destemido, determinado e temente do evangelho de seu Senhor.

Deus parece ter tido muito cuidado com seus profetas dos tempos passados para salvá-los do medo enquanto entregavam suas mensagens à humanidade. Ele buscava proteger de todas as formas seus porta-vozes do temor do homem e, por meio de ordens, raciocínio e encorajamento, buscava torná-los destemidos e verdadeiros ao seu chamado. Uma das tentações constantes de um pregador é o temor do homem. Infelizmente, não são poucos os que se rendem a esse medo ou ficam em silêncio quando deveriam falar com ousada eloquência, ou temperam com palavras suaves a ordem severa que devem entregar: “Quem teme o homem cai em armadilhas [...]” (Provérbios 29.25).

Com essa única tentação Satanás com frequência ataca o pregador da Palavra, e poucos há que não sentiram a força dessa tentação. É dever dos ministros do evangelho enfrentar a tentação de temer o homem com resoluta coragem e fortalecer-se contra ela e, se necessário, passar por cima dela. Para esse fim tão importante, o pregador deve receber a oração de sua igreja. Ele precisa da libertação do medo, e a oração é o agente por meio do qual o medo é afastado e a libertação dessa prisão é concedida à alma.

Temos em Êxodo 17 um exemplo marcante da necessidade de oração do pregador e do que as orações das pessoas podem fazer por ele. Israel e Amaleque estavam em guerra, e a batalha era severa e acirrada. Moisés foi ao topo do monte com sua vara levantada nas mãos, o símbolo de poder e vitória. Enquanto Moisés mantinha a vara erguida, Israel prevalecia, mas, quando ele abaixava as mãos com a vara, Amaleque prevalecia. Quando a batalha estava a perigo, Arão e Hur chegaram para o resgate e, quando as mãos de Moisés ficavam pesadas, esses dois homens as sustentavam “de modo que as mãos permaneceram firmes até o pôr do sol. E Josué derrotou o exército amalequita ao fio da espada” (v. 12,13).

Por consentimento mútuo, esse evento da história do antigo Israel tem sido reconhecido como uma ilustração admirável de como um povo pode sustentar seu pregador por meio da oração e como a vitória vem quando o povo ora por seu pregador.

Alguns dos melhores homens de Deus no Antigo Testamento tiveram que ser encorajados contra o temor pelo Deus todo-poderoso. O próprio Moisés não estava livre do medo que atormenta e acomoda um líder. Deus disse para ele ir ao faraó com as seguintes palavras: “Vá, pois, agora; eu o envio ao faraó para tirar do Egito o meu povo, os israelitas” (Êxodo 3.10). Mas Moisés, principalmente por medo, começou a apresentar objeções e desculpas para não ir, até que Deus ficou bravo com ele e disse, finalmente, que enviaria Arão com Moisés para falar por ele, já que Moisés insistia em que nunca havia tido facilidade para falar (cf. Êxodo 4.10). Mas a verdade era que Moisés estava com medo de enfrentar o faraó e Deus levou algum tempo para contornar seus medos

e encorajá-lo a encarar o monarca egípcio e entregar a mensagem de Deus a ele.

Também Josué, o sucessor de Moisés e um homem aparentemente corajoso, precisou ser fortalecido por Deus contra o medo, caso contrário ele retrocederia do dever e ficaria reduzido ao desânimo e à timidez: “Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” (Josué 1.9).

Por melhor e mais verdadeiro que fosse, Jeremias foi extremamente tentado a temer e teve que ser advertido e fortalecido para não falhar na tarefa. Quando Deus o ordenou profeta às nações, Jeremias começou a desculpar-se, afirmando que não podia falar, pois era apenas uma criança nessa área. Então o Senhor teve que defendê-lo da tentação do medo para que ele não se mostrasse incrédulo: “E você, prepare-se! Vá dizer-lhes tudo o que eu ordenar. Não fique aterrorizado por causa deles, senão eu o aterrorizarei diante deles” (Jeremias 1.17).

Uma vez que esses grandes homens dos tempos passados eram atacados por tentações e estavam dispostos a fugir do dever, não devemos nos surpreender que os pregadores de hoje se encontrem em situação semelhante. O Diabo é o mesmo em todas as épocas; tampouco a natureza humana sofreu alguma modificação. Como necessitamos, então, orar pelos líderes do nosso Israel, principalmente para que recebam o dom da ousadia e transmitam a Palavra de Deus com coragem!

Esse era um motivo pelo qual Paulo insistia tão vigorosamente que os irmãos orassem por ele, para que lhe fosse dada uma porta de acesso e ele fosse livre do temor do homem e abençoado com ousadia na pregação da Palavra.

O desafio e a exigência do mundo nos nossos dias é que o cristianismo seja prático; que seus preceitos sejam expressos na prática e trazidos do âmbito do ideal para os níveis da vida cotidiana. Isso só pode ser feito por homens de oração, que estando em harmonia com seus ministros não cessem de levá-los em oração diante de Deus.

Um pregador do evangelho sozinho não pode suprir as exigências que se faz dele, da mesma forma que a videira não pode dar uvas sem os ramos. Os homens que se sentam nos bancos são os que devem dar frutos. Eles devem traduzir o “ideal” do púlpito para o “real” da ação e da vida cotidiana. Mas eles não conseguirão, não poderão, se não forem dedicados a Deus e muito dados à oração. Devoção a Deus e devoção à oração são a mesma coisa.

11. EXEMPLOS MODERNOS DE ORAÇÃO

Quando a libélula rasga seu exterior e apruma-se em uma folha brilhante, sua peregrinação é de um ou dois dias ensolarados sobre os campos e pastos molhados pelo orvalho, mesmo assim nada pode exceder a beleza maravilhosa em que está adornada. Nenhuma flor da terra tem um azul mais rico do que a cor pura de sua couraça. Assim é na esfera espiritual elevada. A mais completa graça espiritual pode ser alcançada na vida mais curta e o jovem pode morrer com 100 anos em caráter e graça.

— HISTÓRIA DE DAVID BRAINERD

DEUS NÃO SE LIMITOU aos dias da Bíblia para mostrar o que pode ser alcançado por meio da oração. Também nos tempos modernos ele se mostra o mesmo Deus que ouve a oração como antigamente. Mesmo em nossos dias ele não se deixou ficar sem testemunhas. Tanto a biografia religiosa como a história da Igreja nos fornecem muitos exemplos nobres e ilustrações marcantes de oração, a necessidade que temos dela, seu valor e seus frutos, todos visando o encorajamento da fé dos santos de Deus e todos clamando por mais e melhores orações. Deus não se restringiu aos tempos do Antigo e Novo Testamentos em empregar homens de oração como seus agentes na propagação de sua causa na terra e determinou-se obrigado a responder a essas orações da mesma forma que fez com relação aos santos de antigamente. Uma seleção desses homens de oração dos tempos modernos nos mostrará como eles valorizavam a oração, o que ela significava para eles e o que significava para Deus.

Tomemos como exemplo o caso de Samuel Rutherford, o pregador escocês, exilado no norte da Escócia, proibido de pregar e banido de sua casa e ofício pastoral. Rutherford viveu entre 1600 e 1661. Ele era membro da Assembleia Westminster, diretor do New College e reitor da St. Andrews' University. Diz-se que ele foi um dos pregadores mais comoventes e afetuosos de seu tempo ou, quem sabe, de qualquer período da Igreja. Diziam a seu respeito: “Ele está sempre orando”. Em relação às orações dele e da esposa, alguém escreveu: “Aquele que ouvira sua oração ou pregação pode ter aprendido a lamentar sua própria ignorância. Quantas vezes fui convencido, ao observá-los, do mal da insinceridade perante Deus e do discurso indesejável! Ele orava de tal forma por seu povo que ele mesmo dizia: ‘Ali lutei com o Anjo e prevaleci’”.

Ele recebeu ordens de aparecer diante do Parlamento para responder à acusação de alta traição, embora fosse um homem de realizações acadêmicas e raro talento. Por vezes, ficava deprimido e sombrio, especialmente quando foi banido e silenciado de pregar pela primeira vez, pois havia muitos ruídos e acusações contra ele. Mas suas perdas e cruces foram tão santificadas que Cristo passou a significar mais e mais para ele. Maravilhosas são as declarações de sua estima por Cristo. Durante o exílio, esse homem de oração escreveu muitas cartas a pregadores, a oficiais do governo, a senhores temporais e espirituais, a homens honrados e santos, a mulheres honradas e santas, todas exalando intensa devoção a Cristo e nascidas de uma vida de grande devoção à oração.

Ardor e anelo por Deus são características de grandes almas em todos os períodos da Igreja, e Samuel Rutherford era um exemplo marcante. Ele era um exemplo vivo da verdade de que aquele

que persevera na oração será envolvido em devoção e unido a Cristo em laços de santa união.

Houve também Henry Martyn, estudioso, santo, missionário e apóstolo à Índia. Martyn nasceu em 18 de fevereiro de 1781 e zarpou para a Índia em 31 de agosto de 1805. Ele morreu em Tokal, Pérsia, em 16 de outubro de 1812. Aqui está um relato que ele mesmo fez sobre si mesmo enquanto foi missionário: “[...] Que conhecimento do homem e entendimento das Escrituras e que comunhão com Deus e busca do meu próprio coração poderia preparar-me para o terrível trabalho de mensageiro de Deus no serviço da alma!”.

De um desses consagrados missionários foi dito:

Oh, ser capaz de imitar sua excelência, sua elevada piedade, sua diligência, sua superioridade ao mundo, seu amor pelas almas, seu anelo por aproveitar todas as oportunidades para fazer o bem às almas, seu entendimento do mistério de Cristo e seu temperamento celestial! Esses são os segredos da maravilhosa impressão que causou na Índia!

É interessante e proveitoso observar algumas das anotações que Martyn registrou em seu diário. Eis um exemplo:

Os caminhos da sabedoria parecem mais doces e sensatos do que nunca, e o mundo mais insípido e penoso. O que mais lamento é minha falta de poder e fervor na oração secreta, especialmente nas tentativas de implorar pelos pagãos. A cordialidade não aumenta em mim na proporção da minha luz.

Se Henry Martyn, tão dedicado, ardente e piedoso lamentou sua falta de poder e pouco fervor na oração, que diremos da nossa oração fria e débil que poderia nos rebaixar ao pó? Como são raros tais homens de oração na Igreja dos nossos dias!

Mais uma vez citamos um registro de seu diário. Ele estivera bastante doente, mas se recuperara e estava cheio de gratidão porque agradara a Deus restaurá-lo à vida e à saúde novamente:

“Não que tenha recuperado minha antiga força”, diz ele, “mas me considero suficientemente restaurado para prosseguir jornada. Minha oração diária é que essa última correção possa ter o efeito pretendido e tornar-me, por todos os dias que me restam, mais humilde e menos autoconfiante.

A autoconfiança sempre me conduziu a distâncias temerárias e teria, sem a graciosa interferência de Deus, resultado na minha infinita perdição. Parece que esse meu coração mau se faz presente mais do que qualquer outro neste momento. Na oração ou quando escrevo ou converso sobre o assunto, Cristo parece a mim como vida e força; mas em outros momentos sou desatento e ousado, como se tivesse toda a vida e força em mim mesmo. Tais negligências da nossa parte são uma diminuição das nossas alegrias.”

Entre as últimas anotações no diário desse consagrado missionário, encontramos o seguinte: “Sentei-me no pomar e pensei, com doce conforto e paz, em meu Deus, na solitude, no meu companheiro, meu amigo, meu Consolador. Quando o tempo dará lugar à eternidade!”

Observe as palavras “na solitude”, ou seja, distante das ocupações dos homens, em um lugar solitário. Assim como seu Senhor, ele saía para meditar e orar.

Esse breve resumo é suficiente para mostrar quão plena e fielmente Henry Martyn exercia o ministério da oração. O seguinte episódio serve muito bem para encerrar nosso retrato desse

homem:

Diariamente ponderando nas Escrituras, com oração, ele amadurecia mais e mais no ministério. A oração e as Escrituras Sagradas eram esses poços de salvação dos quais ele retirava diariamente a água viva para sua sedenta alma imortal. Pode-se verdadeiramente dizer a seu respeito que ele orava sempre com toda oração e súplica, no Espírito, e com toda a perseverança.

David Brainerd, o missionário aos índios, é um exemplo admirável de homem de oração de Deus. Robert Hale diz o seguinte sobre ele:

Paciência e abnegação invencíveis; profunda humildade, rara prudência, infatigável diligência; devoção a Deus, ou melhor, absorção da alma em zelo pela glória divina e pela salvação dos homens, dificilmente podem ter paralelo desde a época dos apóstolos. Tal era o intenso ardor de sua mente, que parece ter espalhado o espírito de um mártir sobre os incidentes comuns de sua vida.

O doutor A. J. Gordon diz o seguinte sobre Brainerd:

Ao passar por Northampton, Massachusetts, fui ao antigo cemitério, afastei a neve que estava sobre a laje e li estas simples palavras: “Dedicado à memória de David Brainerd, o fiel e devotado missionário dos índios americanos susquehannas, delawares e stockbridges, que morreu nesta cidade em 8 de outubro de 1717”.

Isso era tudo o que havia na lápide. Aquele grande homem desempenhou sua maior tarefa na oração. Ele estava nas profundezas daquelas florestas sozinho, incapaz de falar a língua dos índios, mas passava dias inteiros literalmente em oração. Pelo que ele estava orando? Ele sabia que não podia alcançar aqueles selvagens, pois não entendia a língua deles. Se ele quisesse falar, precisaria encontrar alguém que pudesse interpretar vagamente seu pensamento. Portanto, ele sabia que qualquer coisa que fizesse deveria depender completamente de Deus. Por isso, passava dias inteiros em oração, simplesmente para que o poder do Espírito Santo viesse sobre ele de forma tão inconfundível que essas pessoas não pudessem ficar de pé diante dele.

Qual foi sua resposta? Certa vez, pregou com um intérprete embriagado, um homem tão intoxicado que mal podia ficar de pé. Isso foi o melhor que pôde fazer. Entretanto, muitos se converteram por meio daquele sermão. Podemos dizer apenas que foi o tremendo poder de Deus por trás dele.

Esse homem orava em secreto na floresta. Um pouco depois, William Carey leu sobre a vida dele e com esse estímulo foi para a Índia. Payson leu sobre ele quando jovem, com uns 29 anos, e disse que nunca fora tão impressionado por nada na vida como pela história de Brainerd. Murray McCheyne leu e também foi impressionado por sua história.

Tudo, porém, que desejo é simplesmente enfatizar este pensamento: que a vida escondida, uma vida cujos dias são gastos em comunhão com Deus, na tentativa de alcançar a fonte de poder, é uma vida que move o mundo. Aqueles que vivem tal vida podem logo ser esquecidos. Pode não haver ninguém para elogiá-los quando estiverem mortos. A maior parte do mundo pode não tomar conhecimento deles. Mas, no futuro, a grande corrente da vida desses começará a contar, como no caso desse jovem que morreu com cerca de 30 anos.

O espírito missionário do século XIX deve-se mais às orações e consagração desse único homem do que de qualquer outro.

Isso eu afirmo. E, mesmo assim, o mais admirável é que Jonathan Edwards, que cuidou dele durante aqueles meses durante os quais morria lentamente de tuberculose, também diria: “Louvo a Deus, pois foi por sua providência que ele veio a morrer na minha casa, para que eu ouvisse suas orações, testemunhasse sua consagração e pudesse ser inspirado por seu exemplo”.

Quando Jonathan Edwards escreveu seu grande apelo à cristandade para que se unisse em oração pela conversão do mundo, que foi o toque da trombeta para as missões modernas, sem dúvida ele fora inspirado por aquele missionário moribundo.

Ao espírito de David Brainerd, John Wesley atribuiu este testemunho:

Preguei e mais tarde fiz uma arrecadação para as escolas de índios na América. Uma grande soma de dinheiro foi arrecadada. Mas dinheiro converterá pagãos? Encontre pregadores com o espírito de David Brainerd e nada permanecerá diante deles. Mas sem isso o que o ouro ou a prata poderão fazer? Nada mais do que o chumbo ou o ferro.

Algumas passagens do diário de Brainerd serão de valor para mostrar que tipo de homem ele foi:

“Minha alma sentiu uma agradável, mas dolorosa preocupação”, escreveu ele, “no caso de dever passar alguns momentos com Deus. Que eu sempre viva para Deus! À noite, recebi a visita de alguns amigos e passei o tempo em oração, e tal conversa serviu para edificação. Foi um período agradável para minha alma. Senti um ardente desejo de passar cada momento com Deus. Deus é indescritivelmente bondoso comigo continuamente. Em tempos passados, ele me concedeu inexprimível doçura na realização do dever. Com frequência, minha alma tem desfrutado muito de Deus, mas tem sido pronta em dizer: ‘Senhor, bom é estarmos aqui’ e assim ceder à indolência enquanto vivi na doçura dos meus sentimentos. Mas ultimamente tem agradado a Deus manter minha alma faminta quase continuamente, de modo que tenho sido preenchido com um tipo de dor agradável. Quando realmente desfruto de Deus, sinto meus desejos por ele ainda mais insaciáveis e minha sede por santidade mais inextinguível.

“Que eu possa sentir essa fome constante e não me atrasar, mas, pelo contrário, estar animado por cada poeira de Canaã, para seguir adiante no caminho estreito, em direção à plena satisfação e posse da herança celestial! Que eu nunca perca tempo na minha jornada celestial!”

“Parece que um miserável impuro como eu nunca poderia chegar a essa bênção, que é ser santo como Deus é santo. Ao meio-dia, ansiei por santificação e conformidade com Deus. Isso é o principal, é tudo!”

“Ao entardecer, desfrutei de muita doçura na oração secreta, de modo que a minha alma ansiou por chegar ao país celestial, o abençoado paraíso de Deus.”

Se questionarmos qual era o segredo do espírito celestial de David Brainerd, sua profunda consagração e exaltado estado espiritual, a resposta será encontrada na última frase citada. Ele era dado a muita oração secreta e estava tão perto de Deus em sua vida e espírito que a oração trazia muita graça a seu homem interior.

Citamos os casos precedentes como exemplo do grande fato fundamental de que os grandes servos de Deus são homens dedicados ao ministério da oração. Que eles são agentes de Deus na terra que o servem dessa forma e que levam adiante sua obra por esse santo meio.

Louis Harms nasceu em Hanover em 1809. Em certo momento, foi profundamente convencido do pecado. Disse ele: “Nunca soube o que era medo. Mas, quando tomei conhecimento dos meus pecados, estremei diante da ira de Deus de tal forma que meus membros tremeram”. Ele foi poderosamente convertido a Deus lendo a Bíblia. Racionalismo, uma ortodoxia morta e mundanismo prendiam as multidões ao redor de Hermansburgh, sua cidade natal. Ele se tornou sucessor de seu pai, um ministro luterano, que estava à beira da morte.

Começou com toda a energia da alma a trabalhar para Cristo e a desenvolver uma igreja forte e pura. O fruto logo se tornou evidente. Houve uma aceleração, o comparecimento aos cultos aumentou, a reverência pela Bíblia cresceu, as conversações sobre as coisas sagradas reviveu, ao passo que a infidelidade, o mundanismo e a ortodoxia morta desapareceram como uma nuvem que passa. Harms proclamou um Cristo presente e interessado, o Confortador, na energia plena de sua missão, o reavivamento da piedade e do poder apostólico. A vizinhança inteira se tornou frequentadora regular da igreja, o sábado foi restaurado à santidade e santificado com estrita devoção, os altares familiares foram erigidos nas casas e, quando soava o sino do meio-dia, toda

cabeça se curvava em oração. Em pouco tempo, o aspecto da cidade inteira foi inteiramente mudado. O avivamento em Hermansburgh foi essencialmente um avivamento de oração, trazido pela oração e que produziu frutos de oração em uma rica e abundante colheita.

William Carvosso, um líder metodista dos velhos tempos, foi um dos melhores exemplos que os tempos modernos propiciaram do que provavelmente foi a vida religiosa dos cristãos no tempo apostólico. Ele era líder de oração, líder de classe, mordomo e curador, mas nunca aspirou a ser pregador. Entretanto, ele foi um pregador da melhor qualidade e um mestre na arte e ciência de ganhar almas. Foi um exemplo singular de um homem que aprendeu os fundamentos mais simples tarde na vida. Até a idade de 65 anos nunca escrevera uma única frase, mas mesmo assim escrevia cartas que dariam volumes e um livro que foi considerado um clássico espiritual na grande Igreja metodista mundial.

Acredita-se que ele não tenha escrito nenhuma página nem uma carta sobre qualquer outro assunto que não religião. Aqui estão algumas de suas breves declarações, as quais nos dão uma visão de seu caráter religioso: “Quero ser mais como Jesus”; “Minha alma anseia por ti, ó Deus”; “Percebo que nada satisfará, exceto ser constantemente cheio com tua presença e glória divina”.

Esse era o clamor contínuo de sua alma, e esse era o forte impulso interior que movia o homem exterior. Certa vez, o ouvimos exclamar: “Glória a Deus! Esta é uma manhã sem nuvens”. Dias sem nuvens eram comuns para sua religião ensolarada e seu espírito alegre. Oração constante e voltar toda conversação para Cristo em qualquer companhia e em cada casa eram a lei inexorável a que obedecia, até ser levado para o lar celestial.

No aniversário de seu nascimento espiritual, quando nasceu de novo, em grande alegria de espírito, relembra e proclama: “Bendito seja teu nome, ó Deus! O último foi o melhor de todos. Posso dizer com Bunyan: ‘Cheguei àquela terra onde o sol brilha dia e noite’. Eu te agradeço, ó meu Deus, por este céu, este elemento de amor e alegria em que minha alma agora vive”.

Eis um exemplo das experiências espirituais de Carvosso, as quais foram muitas:

Por vezes, tive períodos de notável visitação da presença do Senhor. Lembro-me bem de uma noite quando na cama fui tão cheio, tão subjugado pela glória de Deus que se houvessem mil sóis brilhando ao meio-dia, o brilho dessa glória divina teria eclipsado todos eles. Fui levado a gritar em alta voz de alegria. Era o poder irresistível da graça salvadora. Mais uma vez, recebi a impressão e o selo e o fervor do Espírito no meu coração. Contemplando com em um espelho a glória do Senhor, fui transformado na mesma imagem de glória em glória pelo Espírito do Senhor. A linguagem falha em dar nem que seja uma leve descrição do que experimentei ali. Nunca poderei esquecê-lo neste tempo nem em toda a eternidade.

Muitos anos antes, fui selado pelo Espírito de maneira um tanto semelhante. Enquanto caminhava na rua, outro dia, fui levado a virar na rua pública e, sob o dossel do céu, fui movido a me ajoelhar para orar. Não orara por muito tempo a Deus antes de ser tão visitado por ele que fui dominado pela glória divina e gritei até poder ser ouvido a distância. Era um peso de glória que parecia impossível de aguentar no corpo; portanto, clamei, talvez insensatamente: “Senhor, retira tua mão”. Nesse glorioso batismo, essas palavras me vieram ao coração com indescritível poder: “Eu te selei para o dia da redenção”.

Como anseio ser cheio com mais de Deus! Senhor, desperta em mim mais fervor. Quero ser mais como Jesus. Percebo que nada satisfará, exceto ser constantemente cheio com tua presença e glória divina. Sei que tudo que é teu é meu, mas quero sentir intimidade. Senhor, aumenta a minha fé.

Esse era William Carvosso — um homem cuja vida era impregnada com o espírito de oração, que vivia ajoelhado, por assim dizer, e que pertencia à companhia dos santos de oração que abençoou a

terra.

Jonathan Edwards deve ser incluído no grupo dos santos de oração — alguém que Deus usou poderosamente pela instrumentalidade da oração. Como no exemplo do grande natural da Nova Inglaterra, a pureza de coração deveria estar arraigada nas áreas essenciais de todo homem que é verdadeiro líder de seus semelhantes, ministro do evangelho de Cristo e praticante constante do santo ofício da oração. Um exemplo das declarações desse poderoso homem de Deus é apresentado aqui na forma de uma resolução que ele criou e escreveu:

Resolvi exercitar-me nisto por toda a vida, com a maior sinceridade declarar meus caminhos a Deus e expor minha alma a Deus — todos os meus pecados, tentações, dificuldades, tristezas, medos, esperanças, desejos, tudo e cada circunstância.

Não surpreende, portanto, que o resultado de tal fervorosa e honesta oração levou-o a registrar em seu diário:

Era minha luta constante dia e noite e meu constante questionamento como poderia ser mais santo e viver com mais santidade. O céu que desejava era um céu de santidade. Prossegui com minha busca ansiosa por mais santidade e conformidade com Cristo.

O caráter e a obra de Jonathan Edwards eram exemplos da grande verdade de que o ministério da oração é o meio mais eficiente em toda vida e obra verdadeiramente ordenadas por Deus. Ele mesmo dá alguns detalhes sobre sua vida quando era menino. Ele pode muito bem ser chamado de o “Isaías da dispensação cristã”. Havia nele grande poder mental, ardente piedade e devoção ao estudo que só não se igualava à sua devoção a Deus. Eis o que ele diz acerca de si mesmo:

Quando eu era menino, costumava orar cinco vezes ao dia em secreto e passar muito tempo em conversações religiosas com outros meninos. Eu costumava me encontrar com eles para orarmos juntos. Assim, é vontade de Deus por meio de sua maravilhosa graça que as orações de seus santos sejam um dos principais meios de levar os desígnios do Reino de Cristo ao mundo. Ore muito pelos ministros e pela Igreja de Deus.

A grande capacidade da mente e do coração de Edwards era exercitada para obter união de propósito em oração extraordinária do povo de Deus em todos os lugares. Sua vida, esforços e caráter são exemplos de sua afirmação: “O céu que eu desejo é um céu ao lado de Deus; uma eternidade passada na presença do amor divino e em santa comunhão com Cristo”.

Em outro momento, ele disse:

A alma de um verdadeiro cristão parece uma pequena flor branca na primavera, pequena e humilde no solo, abrindo-se para receber os agradáveis raios da glória do sol, regozijando-se como em um tranquilo embevecimento, difundindo ao redor uma doce fragrância, estando pacífica e amorosamente no meio de outras flores.

Novamente escreve:

Certa vez, cavalgando pela floresta por causa da minha saúde, desmontei do cavalo em um local retirado, enquanto caminhava como costume fazer. Ao orar e meditar, tive uma visão, que para mim foi extraordinária, da glória do Filho de Deus como Mediador entre Deus e o homem e de sua maravilhosa, grande, plena, pura e doce graça, seu amor e sua mansa e gentil condescendência. Essa graça que parecia tão calma e doce pareceu-me também elevada acima dos céus. A pessoa de Cristo mostrou-se inefavelmente excelente, com uma excelência grande o suficiente para envolver todo pensamento e toda concepção, pelo que posso julgar, por cerca de uma hora. Ela me manteve na maior parte do tempo em um dilúvio de lágrimas e chorando em alta voz. Senti um ardor na alma por ser, o que não sei expressar de outra forma, esvaziado e aniquilado, por prostrar-me no pó, e ser cheio somente de Cristo para amá-lo de todo o coração.

Assim como aconteceu com Jonathan Edwards, aconteceu também com todos os grandes intercessores. Eles entram naquela santa e eleita condição da mente e do coração por meio de uma completa dedicação a Deus por períodos de revelação de Deus a eles, marcando momentos distintos em sua história espiritual, momentos que nunca serão esquecidos, nos quais a fé sobe com asas como de águias e recebe uma nova e mais plena visão de Deus, uma compreensão mais firme da fé, uma visão mais clara e mais doce das coisas celestiais, e uma eterna e abençoada intimidade com Deus e acesso a ele.

12. EXEMPLOS MODERNOS DE ORAÇÃO (CONTINUAÇÃO)

Edward Bounds não orava bem apenas para que pudesse escrever bem sobre a oração. Ele orou durante longos anos sobre assuntos nos quais cristãos despreocupados raramente meditam. Ele orou por coisas que homens de menos fé prontamente dizem ser impossíveis. Entretanto, dessas vigílias solitárias de oração, ano após ano cresceu um dom de ensino sobre oração igualado por poucos homens. Ele escreveu de forma transcendente sobre oração porque era transcendente nessa prática.

C. L. HILTON JR.

LADY MAXWELL ERA CONTEMPORÂNEA de John Wesley e fruto do metodismo em sua fase inicial. Ela era uma mulher refinada, culta e profundamente piedosa. Separando-se completamente do mundo, ela buscou e encontrou as mais profundas experiências religiosas, e era uma mulher plenamente separada para Deus. Sua vida era uma vida de oração, de consagração completa a Deus, e vivia para abençoar os outros. Ela era notável por seus hábitos de vida sistemáticos que permeavam e controlavam sua religião. Seu tempo era bem usado e ordenado para Deus. Ela se levantava às 4 horas da manhã e assistia à pregação das 5 horas. Após o café da manhã, conduzia um culto familiar. Em seguida, das 11 horas ao meio-dia, praticava um período de oração intercessora. O resto do dia era dedicado a leitura, visitas e atos de benevolência.

Ao entardecer, dedicava-se à leitura. À noite, antes de retirar-se, realizava-se um culto para a família e, às vezes, louvores a Deus por suas misericórdias.

Pouquíssimas vezes, Deus foi servido com mais inteligência ou mediante uma experiência mais rica, um ardor mais nobre e uma dignidade de alma mais rica. Estando firme, espiritual e ardentemente vinculada ao princípio de dedicação integral de Wesley, ela buscava tal dedicação com persistência e com um zelo que nunca se abatia. Ela o obtinha por fé e oração e exemplificava-o em uma vida tão santa e perfeita tanto quanto os mortais conseguem alcançar. Se esse aspecto importante do ensino de Wesley tivesse hoje modelos e mestres dotados de profunda compreensão espiritual e experiência como tinham Fletcher, de Madeley, e a senhora Maxwell, de Edimburgo, tal ensino não seria tão mal interpretado, mas teria sido confiado a bons e puros em todos os lugares por meio de uma vida santa, não por sua loquacidade.

O diário da senhora Maxwell apresenta ricos conselhos sobre a oração secreta, a experiência santa e a vida consagrada. Um dos registros diz o seguinte:

Ultimamente, senti-me dolorosamente convencida de que não oro o suficiente. Senhor, dá-me um espírito de oração e de súplica. Oh, que motivo de gratidão é termos um Deus gracioso a quem nos dirigirmos em todas as ocasiões! Use e desfrute deste privilégio e você nunca será miserável. Quem agradece por esse privilégio real? A oração dispõe Deus em tudo, sua sabedoria, seu poder, controle e segurança. Que privilégio inexprimível é a oração! Vamos dar graças por ela. Não experimento todo o poder da oração que gostaria.

Assim, vemos que o remédio da falta de oração é orar. A cura para pouca oração é mais oração. A oração pode obter todas as coisas necessárias para o nosso bem.

Para essa mulher excelente, a oração englobava todas as coisas, tudo estava incluído. A uma de suas amigas mais íntimas, ela escreveu: “Gostaria de poder providenciar para você uma empregada adequada, mas é uma questão difícil. Você tem minhas orações, e, se eu ficar sabendo de alguma, informo”.

Uma questão tão simples como a necessidade de uma arrumadeira para uma amiga era para a senhora Maxwell um evento importante o suficiente para levá-la a Deus em oração.

Na mesma carta, ela conta a sua amiga que deseja “[...] mais fé. Clame muito por isso e avive o dom de Deus em você”.

Quer a necessidade fosse algo simples e secular como uma serviçal quer uma grande graça espiritual, a oração era o meio de alcançar esse fim e suprir a necessidade. “Não há nada”, escreveu ela a uma correspondente querida, “tão maléfico para o sistema nervoso como a ansiedade. Ela oprime os órgãos vitais e enfraquece toda a estrutura e, mais ainda, entristece o Espírito Santo”. Mais uma vez, seu remédio para o mal comum era a oração.

Como a oração retira o fardo de cuidados, quando nos aproximamos de Deus para nos aliviar, possuir e sustentar?

Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus. (Filipenses 4.6,7)

A imagem é de uma guarnição cercada e desamparada, incapaz de proteger o forte dos inimigos que o assaltam e que recebe fortes reforços. Aos corações oprimidos, perturbados e desanimados, a verdadeira oração traz Deus, que o sustenta em perfeita paz e perfeita segurança. A senhora Maxwell entendia plenamente a teoria, mas, o que é ainda melhor, conhecia a prática.

Cristo Jesus é a única cura para o cuidado indevido e o excesso de ansiedade da alma, e aproximamos Deus, sua presença e sua paz pela oração. Os cuidados são tão naturais e fortes que ninguém, a não ser Deus, pode retirá-los. É preciso Deus, a presença e a personalidade do próprio Deus para desalojar o cuidado e entronizar a quietude e a paz. Quando Cristo entra com sua paz, todos os medos atormentadores se vão, tremor e ansiedade angustiante dão lugar ao reino da paz e todos os elementos perturbadores vão embora. Pensamentos de ansiedade e preocupações atacam a alma; debilidade, fraqueza e covardia caminham juntas. A oração reforça a paz de Deus, e o coração é sustentado por ele. “Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia” (Isaías 26.3). Tudo, agora, é segurança, quietude e convicção. “O fruto da justiça será paz; o resultado da justiça será tranquilidade e confiança para sempre” (Isaías 32.17).

Contudo, para assegurar essa grande paz, a oração precisa passar por extenuante, insistente súplica pessoal, e ações de graças devem florescer em profusão. A condição exposta por nosso coração deve ser levada ao conhecimento de Deus pela oração e súplica, com ação de graças. A paz de Deus guardará o coração e os pensamentos, fixos e destemidos. Paz, profunda, inexaurível, ampla, fluindo como um rio virá.

Referindo-nos mais uma vez à senhora Maxwell, ouvimo-la dizendo:

Diariamente, Deus está me ensinando mais simplicidade de espírito e me torna disposta a receber todos os seus dons imerecidos e a clamar a ele por tudo de que necessito, à medida que necessito; e ele supre meus desejos de acordo com as necessidades existentes. Mas certamente senti isso de forma mais intensa nos últimos dezoito meses do que em períodos anteriores. Desejo orar sem cessar. Percebo a necessidade de orar sempre, sem esmorecer.

Novamente a ouvimos declarando: “Desejo estar muito em oração. Preciso muito disso. A oração da fé fecha ou abre o céu. Vem, Senhor, e transforma meu cativo”. Se sentíssemos a necessidade de orar que essa santa mulher sentia, poderíamos fazer companhia a ela em sua santa ascensão. A oração verdadeiramente “fecha ou abre o céu”. Que tipo de fé testa ao limite o poder da oração!

A senhora Maxwell declara uma grande verdade quando diz:

Quando Deus está agindo entre um povo ou no coração de um indivíduo, o adversário das almas também está trabalhando. Crer na primeira declaração deveria nos impedir de desanimar, e o temor da última deveria nos avivar para muita oração. Que poder há na oração da fé! Vivo pela oração! Que você possa experimentar sua soberana eficácia em todas as situações difíceis.

Encontramos um registro entre os escritos da senhora Maxwell que nos revela que na oração e na meditação ela obteve uma visão mais ampla da plena salvação de Deus e, o que assim se descobre, a fé começa a buscar, e o retorno é na medida de suas forças:

Diariamente sinto a necessidade do precioso sangue aspergido e permaneço continuamente sob sua influência e perceptivelmente sinto sua soberana eficácia. É por meio da fé momentânea somente neste sangue que sou salva do pecado. A oração é minha principal ocupação.

Se essa última declaração, “a oração é minha principal ocupação”, fosse verdadeira no povo de Deus, este mundo agora seria um mundo bastante diferente, e a glória de Deus, em vez de ser obscurecida e sombreada e estar somente em uns pontos, brilharia agora com poder e esplendor universais e inigualáveis.

Eis outro registro de sua fiel e ardente oração: “Ultimamente, tenho sido favorecida com um espírito de oração mais ardente do que antes”.

Precisamos estudar essas palavras — “favorecida com um espírito de oração mais ardente” —, pois elas são palavras que carregam vida. O espírito de oração, o ardente espírito de oração e seu crescimento, e o espírito mais ardente de oração, tudo isso vem de Deus. Eles são dados em resposta à oração. O espírito de oração e o espírito mais ardente de oração são resultado da oração secreta ardente e persistente.

Em outro momento, a senhora Maxwell declarou que a oração secreta era o meio pelo qual obtinha o maior benefício espiritual.

De fato, comprovo que é um privilégio especial. Não poderia viver sem ela, embora nem sempre encontre conforto nela. Ainda desejo ardentemente uma maior esfera de utilidade, e parece-me confortável abraçar as oportunidades que

me são concedidas.

Uma “maior esfera de utilidade” é certamente um tema apropriado de intensa oração, mas a oração deve sempre estar acompanhada de uma melhora de oportunidades proporcionada pelo presente.

Muitas páginas podem ser preenchidas com porções do diário da senhora Maxwell quanto à importância vital e à natureza do ministério de oração, mas devemos nos conter. Por muitos anos, ela esteve em ardente súplica por uma maior esfera de utilidade, mas todos esses anos de ardente oração podem ser condensados em uma declaração:

Minha alma tem estado sedenta por uma maior esfera de ação, em conformidade com as promessas de um Deus fiel. Durante estas últimas semanas, tenho sido levada a implorar fervorosamente por mais santidade. Senhor, dá-me ambas, para que eu te louve.

Essas duas coisas, pelas quais essa mulher piedosa orou, devem andar juntas. Elas são uma e não devem ser separadas. O desejo por um campo maior de trabalho sem o acompanhamento do desejo por uma maior consagração é perigoso e pode ser extremamente egoísta, fruto de orgulho espiritual.

John Fletcher, outro contemporâneo de John Wesley, era amigo íntimo do fundador do metodismo. Era de boa educação e refinamento, um pensador forte e original, eloquente em simplicidade e verdade. Mas o que o qualificava como líder espiritual era sua extraordinariamente grande fé em Deus, sua proximidade de Deus e a perfeita certeza de um inquestionável relacionamento de amor com seu Senhor. Fletcher tinha convicções profundas em relação à verdade de Deus, uma profunda e perpétua comunhão com seu Senhor e Salvador, e era profundamente humilde em seu conhecimento de Deus e experiência cristã. Ele era um homem de profunda iluminação espiritual nas coisas de Deus, e seu completo zelo, verdade e consagração marcaram-no como um homem de Deus, bem equipado com todas as qualidades de um líder em Israel.

Oração incessante era o sinal e o segredo da santidade de Fletcher, seu poder e influência. Sua vida inteira era uma vida de oração. Sua mente estava tão intensamente fixa em Deus que por vezes ele dizia: “Não me levantaria de meu assento sem elevar o coração a Deus”. Um amigo relata o fato de que sempre que se encontravam sua primeira saudação era: “Eu o encontro orando?”. Se estivessem falando sobre teologia, no meio da conversa ele pararia abruptamente e diria: “Onde está nosso coração agora?”. Se a má conduta de qualquer pessoa que estivesse ausente fosse mencionada, ele diria: “Vamos orar por ele”.

As próprias paredes de seu quarto — costumava-se dizer — estavam manchadas pela respiração de suas orações. Espiritualmente, Madeley era um deserto triste e desolado quando ele se mudou para lá, mas a cidade foi tão revolucionada por suas orações que brotou e floresceu como o jardim do Senhor. Um amigo de Fletcher escreveu o seguinte sobre ele:

Muitos de nós nos retiramos com ele por um tempo e lá ficávamos por duas ou três horas, lutando como Jacó pela bênção, orando um pelo outro. E o vi nessas ocasiões tão cheio com o amor de Deus que não poderia conter mais, mas clamaria: “Ó Senhor, retenha tua mão ou o vaso se romperá!”. Toda a sua vida era uma vida de oração.

John Foster, um homem de exaltada piedade e profunda devoção a Deus, em seu leito de morte, falou o seguinte sobre a oração:

“Orem continuamente” tem sido a frase que se repete nos meus pensamentos silenciosos, e estou certo de que deve ser minha prática até a última hora de vida consciente. Oh, por que não foi essa a minha prática ao longo deste meio século indolente e sem vida? Com frequência penso com tristeza sobre a diferença que teria feito em mim. Agora resta tão pouco tempo por uma vida espiritual genuína e eficaz.

A Reforma do século XVI deve sua origem à oração. Em todo o trabalho de sua vida, do início ao fim, Martinho Lutero era constante na oração. O segredo de sua atividade extraordinária encontra-se nesta declaração: “Tenho tanto trabalho a fazer que não consigo se não dedicar três horas diariamente do melhor do meu tempo à oração”. Outra de suas declarações era: “São necessárias meditação e oração para algo divino”, ao passo que seu lema diário era: “Aquele que orou bem estudou bem”.

Em outro momento, ele confessou sua falta: “Fui curto e superficial na oração esta manhã”. Com que frequência esse é o nosso caso! Devemos lembrar que a causa do declínio da religião e a prova do declínio na vida cristã encontram-se exatamente na “oração curta e superficial”. Tal oração prediz certo estranhamento a Deus.

William Wilberforce, certa vez, disse a respeito de si mesmo: “Tenho trabalhado até muito tarde, por isso tenho tido apenas uma apressada meia hora para mim. Estou pobre, frio e desagradável. É melhor separar mais tempo, diga-se duas horas ou uma hora e meia, diariamente para as disciplinas religiosas”.

A pessoa deve ser muito experimentada e habituada a longas orações para que suas orações curtas não sejam superficiais. Orações curtas geram vidas superficiais. Orações mais longas agiriam como mágica em muitas vidas espirituais decadentes. Uma vida santa não seria tão difícil e rara se nossa oração não fosse tão breve, fria e superficial.

George Muller, aquele admirável homem de fé tão simples, mas firme em Deus, um homem de oração e leitura da Bíblia, fundador e fomentador do famoso orfanato na Inglaterra que cuidava de centenas de crianças órfãs, conduzia sua instituição somente pela fé e oração. Ele nunca pediu nada a homem algum, mas simplesmente confiava na providência de Deus, e é um fato notável que nunca faltou nada de bom aos internos da casa. De seus documentos ele sempre excluiu assuntos de dinheiro, e dificuldades financeiras não encontravam lugar ali. Tampouco mencionava as quantias que lhe eram doadas, nem os nomes daqueles que faziam contribuições. Ele nunca falava de suas necessidades a outros nem pedia doações. A história de sua vida e a história do orfanato parecem um capítulo da Escritura. O segredo de seu sucesso encontrava-se nesta declaração simples feita por ele: “Fui ao meu Deus e orei diligentemente e recebi o que precisava”. Esse era o rumo simples que ele seguia. Não havia nada em que insistisse com maior fervor do que o fato de que ele não pediria nada, fossem quais fossem as despesas, aumentassem ou não em geral tão repentinamente. Não havia nada que lhe desse mais satisfação e em que demonstrasse mais ansiedade em contar do que o fato de que havia orado por toda necessidade que surgira em seu grande trabalho. O serviço dele era de constante e importuna oração e sempre afirmara confiantemente que Deus o guiara em todas as coisas. Uma prova mais forte da providência divina e do poder da fé simples e da consequente oração respondida não pode ser encontrada na história da Igreja nem em biografias religiosas.

Ao escrever a um amigo certa vez, John Wesley ajuda, insiste e ora, como veremos no que escreveu de próprio punho:

Você recebeu um raio de luz do alto, uma faísca de fé? Se recebeu, não deixe que se vá! Segure firme por sua graça esse zelo de sua herança. Venha como está e venha ousadamente ao trono da graça. Não precisa demorar. Mesmo agora Jesus anseia por você. O que você tem com o amanhã? Eu te amo hoje. E quanto mais ele o ama?

“Ele ainda se compadece de sua ovelha desgarrada,

E anseia por trazê-lo para seu aprisco.”

Hoje, ouça sua voz, a voz daquele que fala como nenhum homem falou.

A busca de madame Guyon por Deus era sincera; seus anseios eram fortes e fervorosos. Ela buscou o conselho e conforto de um devotado monge franciscano. Ela lhe declarou suas convicções e contou a ele de sua longa e infrutífera busca. Depois de terminar de falar, o monge permaneceu em silêncio por algum tempo, em meditação e oração. Então disse a ela: “Seus esforços não têm tido sucesso porque você buscou exteriormente o que só pode encontrar no interior. Acostume-se a buscar a Deus no coração e você não deixará de encontrá-lo”.

Charles G. Finney afirmou:

Quando Deus promete algo, somos levados a crer que receberemos quando orarmos por isso. Não temos o direito de acrescentar um “se” e dizer: “Senhor, se for da tua vontade, dá-me teu Espírito Santo”. Isto é insultar Deus. Colocar um “se” na promessa de Deus quando ele não colocou nenhum é equivalente a acusar Deus de falta de sinceridade. É como dizer: “Ó Deus, se anseias fazer essas promessas, concede-nos a bênção pela qual oramos”.

Podemos concluir adequadamente este capítulo citando uma palavra de Adoniram Judson, o admirável missionário da Birmânia [atual Sri Lanka]. Ao tratar sobre o poder decisivo da oração, disse:

“Nada é impossível para o aplicado”, disse um dos sete sábios da Grécia. Mudemos a palavra “aplicado” para “perseverante na oração”, e o provérbio será mais cristão e mais merecedor de aceitação universal. Deus ama tanto as orações insistentes que não receberemos muitas bênçãos sem elas. Ele diz: “Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não a reconhecem? Até no deserto vou abrir um caminho e riachos no ermo. [...] ao povo que formei para mim mesmo a fim de que proclamasse o meu louvor” (Isaías 43.19,21).